



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES- CH
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ENTRE MUROS: Um estudo da violência escolar sob a ótica dos professores na rede pública de ensino de Campina Grande – PB

Campina Grande – PB

2016

ALESSANDRA DA SILVA

ENTRE MUROS: Um estudo da violência escolar sob a ótica dos professores na rede pública de ensino de Campina Grande – PB

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais – PPGCS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, sob a orientação do Professor Dr. Vanderlan Francisco da Silva.

Campina Grande – PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

S586e	<p>Silva, Alessandra da.</p> <p>Entre muros: um estudo da violência escolar sob a ótica dos professores na rede pública de ensino de Campina Grande-PB / Alessandra da Silva. – Campina Grande, 2016.</p> <p>96 f. : il. color.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2016.</p> <p>"Orientação: Prof. Dr. Vanderlan Francisco da Silva".</p> <p>Referências.</p> <p>1. Violência Escolar. 2. Violência – Bullying. I. Silva, Vanderlan Francisco da. II. Título.</p> <p>CDU 364.632:373(043)</p>
-------	---

ALESSANDRA DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

Profº Dr. Vanderlan Francisco da Silva - PPGCS/UFCG
Orientador

Profº Dr. José Maria de Jesus Izquierdo (PPGCS/UFCG)
Examinador interno

Profº Dr. João Bosco Araújo da Costa (UFRN)
Examinador externo

Campina Grande – PB

2016

Que nada nos tire a esperança de lutar! Que apesar de tudo, ousemos acreditar em nossos sonhos e que sejamos perseverantes na certeza de que um amanhã melhor chegará!

AGRADECIMENTOS

O término dessa etapa em minha vida é marcado pela realização de um sonho que foi idealizado em primeiro lugar no coração de Deus. A Ele agradeço por ter me dado a quantidade de forças necessária para conseguir chegar até aqui. Obrigada pelo cuidado constante em minha vida, pela coragem para enfrentar os desafios, pela fé a cada adversidade encontrada e pelo sustento nos momentos de desânimo, angústias e incertezas, mostrando a cada instante que não devemos desistir daquilo que sonhamos mesmo diante das dificuldades.

A toda família e amigos, pois se consegui chegar até aqui foi porque tive o incentivo e a sorte de caminhar ao lado de pessoas maravilhosas que não me deixaram desistir. Por isso afirmo que nessa conquista existe um pedacinho de cada um de vocês que me ajudaram a superar os momentos nos quais meu estado psicológico de nervosismo e ansiedade já estavam no ápice. Sou grata por cada gesto de carinho e apoio de cada um de vocês.

A esses, agradeço de modo especial a minha ir (mãe) Ivoneide, por cada ligação, pelas orações e palavras acalentadoras nos momentos de ansiedade e em tantos outros. Aos demais irmãos pelo carinho e cuidado, que mesmo estando distantes sempre se fizeram presentes, respeitando minhas escolhas e sempre torcendo pelo meu sucesso. A vocês, toda minha gratidão pelo apoio que me deram em tudo que precisei. Vocês são o que há de mais importante para mim. É por vocês, principalmente, que sonho e busco conquistar o melhor. Obrigada por acreditar em meus sonhos e na realização deles junto comigo, essa conquista também é de vocês.

A duas mulheres que se tornaram essenciais na minha vida: Maria do Desterro Inocência e Maria das Graças Inocência, que foram as primeiras a me adotar nessa jornada acadêmica, obrigada por acreditarem e investirem em mim. Palavras são insuficientes para expressar o quanto vocês são especiais, serei eternamente grata a tudo que fizeram e fazem por mim.

As companheiras de apartamento e minhas irmãs do coração: Leila, Fátima, Regina e Bia, pessoas com quem pude construir laços que vão além de simples amizade, uma família que fui agraciada e com quem tive a oportunidade de conviver diariamente ao longo desses anos, onde juntas podemos compartilhar tantos momentos, de dificuldades, mas também de grandes emoções e alegrias por cada conquista que fomos alcançando. Agradeço por cada momento vivido com vocês durante todos esses anos. Obrigada a Bia e Regina pelas palavras

encorajadoras nos momentos de desânimo, pelo companheirismo, apoio e compreensão e por aturarem meus stress rotineiros, principalmente nesses últimos meses.

De igual modo, agradeço ao meu cunhado Nilo Tavares, aos amigos Salvino Segundo e Fátima pelas correções e a Gláucia pelas sugestões e ricas contribuições desde os tempos da graduação.

Ao meu orientador Prof^o Dr. Vanderlan Francisco da Silva, por ter aceitado a missão de orientar ao longo desses anos, desde a graduação, tanto nas pesquisas científicas, TCC e agora nesta dissertação. Agradeço pela disposição, paciência, orientações, conhecimentos transmitidos e apoio crucial não só na elaboração deste trabalho, mas durante todo esse percurso acadêmico. Obrigada pelas oportunidades concedidas e pela confiança em mim depositada, por sempre se preocupar comigo, por cada conselho, pelos incentivos, pelas palavras encorajadoras e por me confortar nos momentos de nervosismo e ansiedade. Obrigada por compartilhar comigo tantas experiências e sabedoria que foram tão essenciais na minha trajetória acadêmica. O senhor é um exemplo de profissional digno de ser seguido, um amigo que a vida me presenteou e que quero levar comigo seus ensinamentos o resto dos meus dias.

Aos colegas do grupo de estudo – SOCIATOS, pela convivência, aprendizado e experiências partilhadas ao longo desses anos. Destaco aqui minha gratidão aquelas que também foram colegas da turma de mestrado, Mariana e Mércia, obrigada pela companhia agradável em tantos momentos, cada conversa e risadas partilhadas durante esses dois anos. E a Deyse pela amizade e convivência desde os primeiros anos do grupo.

Aos diretores da Escola Rio Amazonas e Rio Paraíba, por concederem o espaço e abrir as portas para a realização da pesquisa, e a todos os professores que gentilmente se dispuseram a contribuir com a pesquisa, sem os quais a concretização dessa não seria possível.

Agradeço também aos professores Jesus Izquierdo e João Bosco Araújo, pela prontidão em participar da minha banca de defesa, pelas sugestões e contribuições singulares desde o projeto e também na qualificação.

A todos os professores que contribuíram de forma significativa para minha formação acadêmica. Enfim, a todos que direta ou indiretamente colaboraram para a concretização deste trabalho, meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O fenômeno da violência vem sendo cada vez mais debatido no Brasil como um problema que tem preocupado a maioria da população nas últimas décadas. Trata-se de um fenômeno difuso que se dissemina em todas as sociedades e seus efeitos se expressam nos diversos espaços, e a escola como uma instituição inserida na sociedade, não está isenta dessas práticas. Uma das formas de violência que é específica do ambiente escolar e ganha contornos singulares no âmbito desse espaço envolvendo, principalmente, crianças e adolescentes e que atualmente vem sendo estudado com maior intensidade no meio acadêmico brasileiro, é o *bullying*. Diante desse quadro, a pesquisa ora apresentada busca analisar as representações de violência entre os alunos que os professores constroem no interior desse espaço. O nosso universo de análise empírica corresponde a duas escolas da rede pública de ensino localizadas em bairros distintos da cidade de Campina Grande-PB, uma situada em área considerada periférica localizada na zona oeste; e a outra encontra-se nas proximidades do centro da cidade. Os sujeitos selecionados para contribuir com nossa pesquisa foram os professores que lecionam no ensino fundamental do 6º ao 8º ano nos turnos matutino e vespertino. Metodologicamente, empregamos a análise qualitativa por meio da prática etnográfica, mediante observações minuciosas no cotidiano das escolas. Tal técnica, permitiu um contato direto com o campo de pesquisa, possibilitando a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisado. Paralelamente realizamos entrevistas semiestruturadas com 11 docentes das respectivas escolas, versando sobre a concepção desses em relação à violência escolar, como agem diante das ocorrências de *bullying* no interior da escola e o que tem sido feito para contribuir com eventuais mudanças nas práticas dessa violência.

Palavras Chave: Violência, violência escolar, *bullying* e professores

ABSTRACT

The phenomenon of violence has been increasingly debated in Brazil as a problem that has worried the majority of the population in recent decades. This is a widespread phenomenon that spreads in all societies and their effects are expressed in different areas, and the school as an institution embedded in society, is not exempt from these practices. One of the forms of violence that is specific to the school environment and takes unique contours within this space involving mainly children and adolescents and is currently being studied more intensively in the Brazilian academic, is bullying. Given this situation, the research presented here aims to analyze the representations of violence among students that the teachers build about this situation. Our empirical analysis of the universe corresponds to two schools in the public school system located in different neighborhoods of the city of Campina Grande-PB, one located in an area considered peripheral located in the west; and the other is located near the downtown city. The subjects selected to contribute to our research were the teachers who teach in elementary school from 6th to 8th grade in the morning and afternoon shifts. Methodologically, we used the qualitative analysis through ethnographic practice through detailed observations in primary education schools. This technique allowed direct contact with the search field, allowing the interaction between the researcher and the researched subject. At the same time we conducted semi-structured interviews with 11 teachers of the respective schools, dealing with the design of these in relation to school violence, how they act in the face of bullying incidents in the school and what has been done to contribute to any changes in practice such violence.

Keywords: Violence, school violence, bullying and teachers

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Entrada principal Escola Estadual Rio Amazonas.	51
Foto 2 – Entrada principal Escola Rio Paraíba	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Distribuição dos professores – Escola Estadual Rio Paraíba	42
Quadro 2: Distribuição dos professores – Escola Estadual Rio Amazonas	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. CAPÍTULO I	20
Violência – Perspectivas conceituais	20
1.1 Pensando a violência no espaço escolar	26
1.1.1 Tipos de violência escolar	28
1.2 <i>Bullying</i> : algumas considerações	32
1.2.1 Atores envolvidos no cenário do <i>bullying</i>	34
2. CAPÍTULO II	39
2.1 Primeiras incursões – aproximação com o campo de pesquisa	43
2.1.1 Uma segunda visita – contato e negociações com os professores	44
2.2 Situando o <i>locus</i> da pesquisa	51
2.2.1 Breve histórico – A Escola Estadual Rio Amazonas	51
2.2.2 Os espaços	52
2.2.3 Muros e proteções	55
2.3 Visitando a segunda escola – A Escola Estadual Rio Paraíba.....	57
2.3.1 Negociações	59
3.0 CAPÍTULO III.....	64
Disciplinas, “bate boca” e palavrão - algumas expressões de violências no contexto das escolas pesquisadas.....	64
3.1 Medidas disciplinares	67
3.2 A violência escolar sob a ótica dos professores.....	76
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
5.0 REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

O debate acerca da violência em suas diversas faces de expressão tem sido assunto cotidiano discutido amplamente na sociedade e, cada vez mais vem se destacando como um dos grandes desafios a ser enfrentados. As manifestações desse fenômeno soam como um problema social que ganha realce nas discussões atuais, seja através da mídia ou no cotidiano das pessoas. O tema também é alvo de discussões no âmbito acadêmico que cada vez mais vem abordando uma série de aspectos cruciais que remetem ao tema em questão.

Tal fenômeno assume uma natureza difusa e atinge os vários segmentos sociais independente de classes, raça e cultura, envolvendo uma série de problemáticas e dilemas devido a sua diversidade de significados que se confundem por meio de suas práticas.

De fato a violência se constitui como uma realidade evidente em todas as sociedades e se dissemina como um problema presente mundialmente e seus efeitos se expressam nos diversos espaços, refletindo-se como sinônimo de preocupação. Em razão disso, nas últimas décadas ampliou-se o debate sobre o tema, despertado uma incessante necessidade no meio acadêmico em compreender as múltiplas faces que o fenômeno assume. Todavia, caracterizar esse fenômeno é uma tarefa desafiadora, pois pensar como ele se intensifica nos espaços da sociedade e entender como este delinea suas práticas no espaço público atual demanda esforços no sentido de compreender a sua dimensão.

Trata-se de um fenômeno complexo que necessita ser compreendido em suas múltiplas expressões, devendo ser analisado sob o prisma da complexidade que ele assume. E entender como este tende a se introduzir em diferentes espaços não é uma tarefa simples dado a sua natureza difusa, já que ele perpassa todas as esferas da vida social.

É nessa perspectiva que Waiselfisz (2002, p. 8), afirma que a violência no mundo atual assume um caráter bastante complexo, o qual permite que se fale não de uma violência unívoca, mas de diversas violências, cada uma com suas próprias lógicas e seus próprios determinantes. É desse modo que se fala em violência doméstica, violência criminal, violência nas ruas, no trânsito, nas escolas, no campo, contra os jovens, a crianças, os idosos, os entre outras, que se espalham e em diversos locais da sociedade. O mundo hoje nos apresenta um enorme e variado repertório de violências políticas, étnicas, religiosas. E esta enorme multiplicidade de significados e manifestações é que torna seu combate e enfrentamento mais complexo e desafiador.

O que se observa nos dias atuais é uma crescente preocupação com o fenômeno da violência que se expressa nos diversos espaços. Constantemente, os veículos de comunicação

propagam fatos e acontecimentos que evidenciam o aumento expressivo das diferentes formas de violência que acometem grande parte da população e cujas práticas se desdobram por toda parte, e o ambiente escolar como uma instituição inserida na sociedade, também tem sido divulgado como palco constante de tais práticas. É notória a importância que se tem dado a violência que permeia o ambiente escolar nos últimos anos. Esse tema tem sido rotineiramente investigado, ganhando cada vez mais espaço na mídia (TV, jornais impressos, internet, etc.) que noticiam com frequência situações que ocorrem no âmbito desse ambiente envolvendo estudantes. São fatos e acontecimentos que evidenciam o aumento preocupante desse fenômeno no contexto desse espaço e em razão disso, o tema se coloca o como um dos grandes desafios das pesquisas atuais.

Dessa forma, a violência escolar, tal como se apresenta hoje é indiscutivelmente um dos assuntos priorizados pela mídia, e surge como um tema de grande dimensão nos últimos anos, ganhando forte evidência nas pesquisas acadêmicas, onde autores vêm se dedicando a compreender as sutilezas do fenômeno no interior desse espaço. Destarte, o fenômeno ora apresentado é parte de um problema social e educacional, cujo entendimento se configura em uma tarefa de significativa relevância acadêmica, científica e social. Todavia, analisar esse fenômeno exige certa cautela, pois ao mesmo tempo em que se apresenta como abrangente, constitui-se em algo complexo que envolve nos discursos atuais uma série de questões que merecem ser tratadas com atenção, dentre os quais, destaca-se a multiplicidade de conceitos que são atribuídos ao fenômeno em questão. Debarbieux (2001) ao refletir acerca desse tema enfatiza que,

Definir violência escolar é, antes de tudo, mostrar como ela é socialmente construída em sua própria designação, como campo semântico se amplia a ponto de se tornar uma representação social central, que fatos sociais heterogêneos sejam reunidos sob o termo genérico “violência” pelos atores da escola é em si mesmo um fato social digno de ser pensado. (Debarbieux 2001, p. 164)

Nesse sentido, analisar a violência escolar, como se pode perceber, é um tanto desafiador, pois trata-se de um tema que nos remete a uma variabilidade de configurações, levando em consideração, as sutilezas que o fenômeno representa diante da sua dimensão aqui conferida.

Assim, essa dissertação está organizada em três capítulos, além desta introdução e considerações finais. O primeiro capítulo tem como enfoque o aporte teórico que nos respaldamos para o desenvolvimento desse trabalho. As reflexões nele empreendidas caminham no sentido de compreender as singularidades que o fenômeno da violência

representa. Para tanto, visamos preliminarmente discutir o conceito de violência propriamente dita e suas diversas vertentes. Nosso discurso está alicerçado em um diálogo teórico que busca elucidar a temática da violência, conflitos e violência escolar sob a ótica de vários autores.

Nesse sentido, dentro de uma pluralidade de conceitos que norteiam a discussão sobre a violência e a violência escolar, buscamos concepções em teóricos que viabilizam a compreensão desses fenômenos que se apresentam de forma complexa e polissêmica em seus diferentes sentidos e/ ou significados. Sobre a forma como a violência e os conflitos se manifestam nas relações humanas e sociais nas diversas sociedades, recorreremos a um conjunto de teóricos que polarizam esse discurso, tais como: Adorno (2002), Bourdieu (1989), Arendt (1985), Martucelle (1999), Waiselfisz (1998), Girad (1990), Freund (1983), Maffesoli (2001) e Michaud (1989). Dentre outros autores que eventualmente serão mencionados no decorrer deste texto.

Concernente à temática da violência escola e as discussões acerca do *bullying*, nos reportamos a autores como Fante (2005), Abramovay e Rua (2002; 2003; 2005), Debarbieux e Blaya (2002), Debarbieux (2001), Charlot (2002), Sposito (2001), Midelton-Moz & Zawadski (2007), Calhau (2010), Canacho (2001), Rolim (2008), Ruotti (2006).

No segundo capítulo, apontamos os caminhos metodológicos adotados no decorrer da pesquisa, destacando ainda que brevemente, a importância da técnica etnográfica na pesquisa de campo, apontando de igual modo, as principais características dessa técnica e sua contribuição para a realização desta pesquisa. Além disso, apresentamos o *lôcus* da pesquisa, descrevendo minuciosamente as configurações dos espaços físicos que compõem as instituições, bem como os processos, primeiros contatos e negociações com os atores sociais que contribuiram para a construção desta.

Por fim, no terceiro capítulo discutimos as diferentes expressões das violências presente no âmbito das escolas pesquisadas, observada durante os momentos em que estivemos em campo e identificadas nas conversas através das entrevistas realizadas exclusivamente com os professores selecionados. Analisando ainda a concepção desses docentes acerca dessas violências.

Aspectos de interesse da pesquisa

A temática da violência escolar tem me inquietado desde meu contato inicial com o tema que se deu em 2011 quando ainda na graduação em Ciências Sociais - UFCG comecei participar de um grupo de estudo coordenado pelo professor Vanderlan. Os contatos iniciais com as leituras e discussões coletivas durante os encontros semanais do grupo, suscitaram várias questões que apontaram a importância e a necessidade cada vez maior de estudos pautados em discussões que visem contribuir para as reflexões sobre o tema em questão, sobretudo, no campo das Ciências Sociais. Além disso, foi possível perceber que, a temática além de possuir uma significativa relevância, é pouco pesquisada no âmbito acadêmico. E, muito embora a violência trate de uma prática antiga nas escolas brasileiras ainda há uma lacuna em estudos dedicados a analisar tal fenômeno.

Paralelamente fui inserida em um projeto de iniciação científica na modalidade PIVIC/CNPq que se estendeu de 2011 a 2013, também coordenado pelo professor acima mencionado. A inserção no projeto e o debate a partir das leituras realizadas foram fundamentais no sentido de enriquecer ainda mais nossa compreensão e analisar a violência sob essa perspectiva. O projeto centrava-se em analisar a violência escolar – *bullying* entre crianças e adolescentes do ensino fundamental em algumas escolas públicas da rede estadual de ensino, na cidade de Campina Grande-PB. Este projeto por sua vez, resultou no meu (TCC) – Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado, “A violência no meio escolar: um estudo sobre a ocorrência do *bullying* entre crianças e adolescentes da rede pública de ensino”. Na pesquisa foi possível perceber que em duas das escolas estudadas houve um número expressivo de casos de violência classificados como *bullying* e isso nos chamou atenção para a emergência desse fenômeno, revelando assim, a imprescindibilidade de se refletir sobre as formas variadas pelas quais essa violência é construída e se reproduz dentro desse espaço.

Nesse sentido, percebendo a importância que o tema abarca, bem como as observações pertinentes constatadas no decorrer da pesquisa anterior, o interesse pelo assunto não cessou com os trabalhos desenvolvidos na graduação. E, desta maneira, com minha aprovação e inserção no mestrado no PPGCS-UFCG, decidi então continuar explorando essa temática com o anseio de dar conta de algumas questões que causaram certas inquietações. Uma delas que mais chamou atenção durante os momentos da pesquisa diz respeito ao modo de agir de alguns professores e demais funcionários perante os alunos no interior da escola e na sala de aula.

No período de estadia em campo era comum ouvirmos palavras de baixo calão por parte desses profissionais que compõem o corpo docente dirigidas aos seus alunos. Comumente ouvíamos de professores que circulavam pelos corredores da escola frases que indicavam uma visão depreciativa dos alunos. “*esses alunos são um bando de presépio*”, essa foi uma frase proferida por um professor contra seus alunos no momento em que passava no corredor em direção à sala de aula. O que ele quis dizer é que naquela instituição só existiam alunos sem propósito, que não querem nada com nada, que nenhum presta, estariam ali apenas para bagunçar. E prosseguiu. “*esses meninos não sabem de nada.*”

Situações desse tipo eram presenciadas com frequência no cotidiano de uma das escolas. Nos poucos momentos em que permanecemos em sala aplicando questionários foi possível perceber a forma como os professores se dirigiam aos alunos, usando termos pejorativos em tom discriminatório tais como: *marginal, maconheiro, vagabundos, capetas, diabinhos, negrinhas, macaca*, dentre outros, enfim, termos como esses que eram evocados pelos professores para referir-se aos alunos.

Tais expressões evidenciam, em parte, a forma como são estabelecidos os diálogos entre professores e alunos dentro da escola revelando assim, marcas de violência simbólica demonstrada através das atitudes do corpo docente perante seus alunos, abrindo-se talvez a possibilidade para a proliferação da violência que se propaga dentro desse espaço.

Desse modo, as leituras, a inserção em campo, o envolvimento com a pesquisa somada as experiências adquiridas por meio de situações presenciadas em campo, contribuiu dentre outros aspectos, para suscitar o aprofundamento dessa temática e direcionar o *lócus* dessa pesquisa, que em parte surgiu das impressões e inquietações no decorrer da pesquisa anteriormente desenvolvida.

Diante desse quadro, nossa pesquisa centra-se em analisar as representações de violências entre os alunos que os professores constroem no interior do espaço escolar. Dentro dessa possibilidade, nos propomos a desenvolver um estudo pautado em procedimentos qualitativos por meio de observações e a técnica etnográfica no cotidiano escolar e o auxílio de entrevistas semi-estruturadas. A escolha do método qualitativo se justifica na medida em que nos propusemos a realizar uma análise das realidades e práticas presentes no cotidiano escolar.

Nesse sentido, durante todo nosso percurso, a observação etnográfica foi bastante pertinente na realização da presente pesquisa, pois possibilitou um contato direto com o espaço e os sujeitos estudados, facilitando a interação entre o pesquisador e o pesquisado, além disso, nos auxiliou no sentido de analisar e pensar as relações cotidianas estabelecidas

entre os atores sociais que compõem esse espaço. Assim, utilizamos essa técnica nos apoiamos na proposta sugerida por Berreman (1980, p.141), considerando a tarefa etnográfica como, “um instrumento que envolve a interação social entre o etnógrafo e seus sujeitos, tomando o controle de impressão como um aspecto de interação, o qual tem significado metodológico substancial para os etnógrafos.”

Dessa forma, parte dos resultados desta pesquisa decorre das observações realizadas no cotidiano das escolas durante nossas visitas a campo, momentos que nos proporcionou acompanhar por determinado período de tempo a rotina dos professores, em diferentes situações, atentando sempre aos diálogos estabelecidos entre os colegas, em diversos espaços, sala dos professores nos períodos dos intervalos, ou aulas vagas, diretoria, sala de aula, pátio e nos corredores.

O nosso universo de análise empírica corresponde a duas escolas¹ que fazem parte da rede pública de ensino e estão localizadas em dois bairros distintos da cidade de Campina Grande- PB. A primeira situada em uma área considerada periférica localizada na zona oeste da cidade, que chamaremos aqui de Escola Estadual Rio Amazonas², e a Escola Estadual Rio Paraíba, esta localizada nas proximidades do centro – setor conhecido como uma área nobre da cidade. A escolha em trabalhar nessas duas escolas se justifica por duas razões: primeiro por se tratar de instituições públicas e segundo pelo fato de dentre as escolas onde desenvolvemos as pesquisas, essas terem apresentado um número expressivo de ocorrência de violências que podem ser caracterizadas como *bullying* de acordo com a pesquisa anterior.

Os sujeitos selecionados para contribuir com nossa pesquisa foram os professores das respectivas escolas que lecionam no ensino fundamental do 6º ao 9º ano do ensino fundamental dos turnos manhã e tarde, mas especificamente aqueles que ministram a maior quantidade de aulas durante a semana. Seguindo essa perspectiva, delimitamos para essa pesquisa um grupo de (06) seis professores por escola, distribuídos nos turnos manhã e tarde. Dentre os quais optamos pelos que lecionam as disciplinas de Português, Matemática, Ciências, História e Geografia. A escolha desses se justifica pelo fato de, em razão da extensa carga horária que as disciplinas exigem, esses permanecerem mais tempo em sala de aula e por isso terem maior convivência com os alunos.

¹ Ao longo do texto acrescentaremos informações mais detalhadas sobre as escolas que fizeram parte do nosso processo de pesquisa.

² Por questões de ética e como forma de preservar a identidade dos sujeitos, o nome das escolas, bem como o nome dos entrevistados que contribuíram na pesquisa são fictícios.

A seleção dos docentes foi organizada mediante as observações dos discursos desses profissionais a partir de conversas informais nos momentos de visitas a escola, e, além disso, buscamos auxílio também de um quadro de horário disponibilizado pelas secretarias das escolas, organizados conforme dias da semana, horários, disciplinas e quantidade de aulas ministradas por cada professor.

CAPÍTULO I

Violência – Perspectivas conceituais

“Mais importante que definir violência é compreendê-la.”

(ABRAMOVAY, 2005)

O fenômeno da violência nas suas variadas modalidades de expressões aparece como marca registrada em todas as sociedades, e se apresenta como um dos grandes desafios contemporâneos. Os noticiários acerca da violência têm veiculado informações de que há um aumento expressivo desse fenômeno no Brasil, causando preocupação sobremaneira a população.

Nos últimos anos, assiste-se com frequência debates sobre violências que ganham dimensão e repercutem nas mídias nacionais cotidianamente. Esses debates nos chamam atenção para a ascensão de casos de violência das mais variadas ordens que ocorrem no mundo atual tais como: política, econômica, social, de classe, simbólica, criminal, violência entre gêneros, racismo, violência institucional – como na escola, etc. Toda essa multiplicidade se configura em um processo cujas implicações se refletem no sentimento crescente de medo e insegurança, que os indivíduos das diversas classes sociais são tomados, estimulados, sobretudo, por dados veiculados pela mídia que sem dúvida possuem uma forte participação em difundir, por vezes de forma generalizada números significativos da violência.

Nóbrega Junior (2012, p.26), aponta o tema da violência como um dos principais problemas sociais enfrentados pela sociedade brasileira nos últimos dez anos, em que ele aparece como debate constante nos discursos do cotidiano social. Nesta mesma perspectiva, Adorno (2002, p. 1), também nos chama atenção para a forma como o fenômeno da violência tem se alargado em suas múltiplas modalidades nas últimas décadas – crime comum, crime organizado, violência doméstica, dentre outros, que ocorrem, sobretudo, no contexto urbano os quais vêm se constituindo como sinônimo de preocupação à população em geral.

Pensar a violência tal como se expressa na sociedade atual, nos remete a refletir sobre um fenômeno complexo e desafiador cuja manifestação é perene e, por isso necessita de reflexões que nos proporcione a compreensão em suas múltiplas modalidades e expressões.

Trata-se, na verdade, seguindo a ideia de Abramovay (2003, p.1), de pensarmos a definição de violência enquanto “um termo amplo que envolve uma multiplicidade de conceitos e sua compreensão se apresenta como um dos maiores desafios contemporâneos.”

A violência é vista enquanto um fenômeno que acomete o mundo contemporâneo em todas as suas instâncias e se manifesta de variadas maneiras, está presente em toda a sociedade e não se restringe a determinados espaços, classes sociais, faixas etárias ou determinadas épocas. (CAMACHO 2001, p. 125)

Como se vê, trata-se de um tema amplo que abrange várias dimensões e precisam ser entendidas além de seus significados. No entanto, caracterizar este fenômeno não é uma tarefa fácil, devendo se pensada sob os diversos aspectos da vida social, como um tema complexo que ao ser conceituado, abrange uma série de dificuldades, dentre eles podemos destacar a multiplicidade de significados que a violência assume, gerando assim uma dificuldade consensual no que diz respeito à definição precisa do termo. Como bem observado por Abramovay,

Apresentar um conceito de violência requer certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais. (ABRAMOVAY 2005, p.53)

No âmbito das pesquisas acadêmicas, seja no campo das Ciências Sociais, ou áreas diversas, a tarefa de definição do conceito de violência tem se constituído em preocupação de análise de muitos teóricos. De acordo com as leituras realizadas, foi possível perceber que há uma polissemia acerca da definição desse fenômeno. Diante dessa constatação, torna-se interessante começarmos nossa discussão tecendo algumas considerações cunhadas por alguns teóricos sobre a noção do termo em questão para que possamos compreender o modo como esta se perpetua em diferentes espaços da realidade humana da qual faz parte. De igual modo, importa aqui pensar a violência não só enquanto um fenômeno, mas também na forma como ela se desdobra entre os grupos nos diversos espaços da sociedade, bem como as práticas em que ela se delineaia nas suas mais variadas dimensões das relações sociais cotidianas. A partir disso, é preciso pensar o conceito de violência considerando-o enquanto “um termo polissêmico, além de ser múltipla quanto as suas manifestações”. (ZALUAR 2004, p. 18)

Contudo, é preciso antes de tudo, considerar que a violência não é um problema específico das sociedades contemporâneas, tendo em vista que estas, desde aquelas consideradas mais tradicionais, têm sido historicamente permeadas por relações de violência e conflitos. Entretanto, os atos violentos variam de acordo com as sociedades e o período em que ocorrem. Nesse contexto, (Wieviorka, 2007) observa que a violência não é a mesma de

um período para o outro, ela passa por mudanças significativas devendo ser caracterizada de acordo com cada época. Ainda conforme o referido autor, o mundo passa por transformações consideravelmente. Sendo assim, não é possível discutir a questão da violência, na época atual, da mesma forma que abordáramos há trinta anos atrás. Nas palavras do próprio autor,

A violência muda, e esta mudança está também nas representações do fenômeno. Se, frequentes e numerosos esforços são empreendidos no sentido de fornecer uma apresentação objetiva, convertida em cifras, da violência – estatísticas de crimes, de delinquência, de motins etc. –, esta também não deixa de ser altamente subjetiva, ela é aquilo que em um dado momento uma pessoa, um grupo, uma sociedade considera como tal. (p.1148)

Desde os tempos remotos, a violência foi pensada por Girard (1990) e Clastres (2004) os quais nos mostram em suas obras clássicas, “a violência e o Sagrado” e “arqueologia da violência”, que esta prática sempre esteve presente em todas as sociedades humanas, mesmo naquelas ditas tradicionais, onde ela vislumbra como ferramenta reguladora dessas sociedades. Em suma, de um modo geral, pode-se considerar que a violência sempre existiu entre os grupos sociais de diferentes sociedades, entretanto, o modo pelo qual ela se manifesta dependerá do contexto social em que ela é produzida, e embora não seja a mesma de um período para outro, em todo caso, ela é entendida enquanto um fator “inerente ao homem como ser natural”. (CLASTES, 2004, p.163)

Hannah Arendt (1985, p.30), ao analisar a violência enquanto sua natureza e causas, defende que ela deve ser pensada enquanto um meio e/ou instrumento utilizado pelos seus praticantes para conquistar os objetivos a serem alcançados. Nesta perspectiva, a filósofa trabalha com a dicotomia de violência e poder, demonstrando que estes não se confundem, na medida em que,

O poder e a violência se opõem: onde um domina de forma absoluta, o outro está ausente. A violência aparece onde o poder esteja em perigo, mas se deixar que percorra o seu curso natural, o resultado será o desaparecimento do poder. (...) A violência pode destruir o poder, mas é incapaz de criá-lo. (1985, p. 30-31).

Outra definição que engloba a violência numa linguagem mais conceitual foi concebida por Chauí (2011). Na intenção de analisar a temática, a filósofa aponta para cinco aspectos fundamentais que nos auxiliam na compreensão de uma definição mais ampla de violência.

A palavra violência vem do latim *vis*, força, e significa: 1) tudo que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser(é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação de natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade(é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como juntas e como um direito; 5) consequentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico/ e ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. (CHAUÍ, 2011, p. 379)

O entendimento da referida autora nos parece fundamental para compreensão dos significados que a violência assume em seus diferentes contextos e expressões. Tomando como exemplo ainda tal conceito, podemos articular esta compreensão àquela apresentada por Michaud (1989), o qual nos fornece contribuições importantes para entendermos a complexidade desse fenômeno, sobretudo no que tange as variadas dimensões as quais se delineia nas relações sociais da vida cotidiana. Este autor vai mais além e parte de uma análise etimológica da palavra para discorrer a respeito de uma definição conceitual de violência que dê conta dos diversos aspectos do termo.

De acordo com este autor, o termo possui uma diversidade de sentidos que designa fatos e ações, que indica a violência como opositora à paz e a ordem que ela perturba e por outro lado, ela designa uma variedade de comportamentos e ações físicas, do sentimento, ou ainda, de uma força brutal que desrespeita regras e passa da medida. É nesse sentido, que o uso da força se torna violência contra alguma coisa ou alguém no momento em que esta perturba uma ordem. Michaud (1989) ostenta ainda que a violência é facilmente reconhecida quando aparece como dano físico, prejuízo material ou estrago.

Ainda em relação aos significados que o termo assume, o filósofo apresenta as definições de violência no âmbito do direito sob duas perspectivas: a violência propriamente dita, que se caracteriza pela força física e seus efeitos facilmente identificáveis, isto é, atos através dos quais se exprimem a agressividade e a brutalidade do homem, dirigidos contra seus semelhantes e causando-lhes lesões ou traumas mais ou menos graves.

Em um segundo caso a violência é pensada enquanto aspecto mais imaterial, caracterizada como uma forma de coação exercida sobre a vontade de uma pessoa para forçá-la a concordar com aquilo que lhe é imposto, dentre as quais, o autor cita as normas e regras.

Nesta mesma concepção, o autor nos chama a atenção para os variados tipos de prejuízos que o fenômeno da violência é capaz de causar, que vão desde danos físicos,

psíquicos e morais em maior ou menor grau, prejuízos materiais, dentre os quais, o autor aponta os prejuízos materiais e físicos como os mais importantes.

Destarte, levando em consideração a complexidade e as diversas modalidades de produção da violência e os diferentes tipos de danos que lhes são impostos, o autor consegue uma definição que dá conta tanto dos estados quanto dos atos que a caracterizam. Nesse sentido, a definição de violência pode ser assim resumida:

Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais. (idem, 1989, p.11)

A partir dessa discussão, é possível considerar que a violência não se reduz a força física, mas consiste num conjunto de estratégias eficaz que pode ser utilizado de várias maneiras, forçando o indivíduo a agir sobre alguém ou fazê-lo agir contra sua própria vontade.

Em consonância com o filósofo supracitado, ressaltamos aqui o pensamento cunhado por Waiselfisz (1998, p. 145), o qual considera a violência como sendo parte da própria condição humana, que aparece de forma peculiar de acordo com arranjos societários de onde emerge. Conforme esse autor existe dificuldade em se estabelecer uma definição única de violência, no entanto, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados tais como: noção de coerção ou força; danos que se produzem ao indivíduo ou grupo social pertencente à determinada classe ou categoria social; gênero ou etnia. Enfim, define violência como um fenômeno que se manifesta nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado, expresso de forma física, psíquica e simbólica. Acrescenta ainda, que a violência não é apenas física, pois se apresenta difundida em situações de humilhação, exclusão, ameaças, desrespeito, indiferença, e omissão em relação ao outro.

Outro sentido da violência que enriquece a nossa discussão até aqui esboçada, nos foi apresentado por Žižek (2014) em sua obra “violência seis reflexões laterais”, na qual, ele nos ajuda a refletir sobre os níveis e as diferenças de uso da violência a partir de três vertentes que sintetizam com clarividência e nos auxiliam a compreender as particularidades que o fenômeno se apresenta. De um lado, a violência subjetiva, aquela mais viável exercida por um agente claramente identificável que nos intimida e amedronta, pois é perpetrada pelos indivíduos de forma direta. Ela também se apresenta de forma objetiva aquela mais sutil,

invisível, que se insinua e cria um ambiente de violência que está latente, imperceptível, mas que se exprimem em atos racistas, atitudes machistas e homofóbicas e tantas outras formas de expressões que, muitas vezes, são naturalizadas e passam despercebidas. E por último, a violência sistêmica que nasce dos efeitos catastróficos dos sistemas políticos e econômicos que se fundamentam na injustiça e nas desigualdades plenamente visíveis na sociedade brasileira que estigmatizam, principalmente, a população das regiões mais empobrecidas.

Neste sentido, podemos destacar ainda a compreensão de Silva (2008, p. 71), ao considerar a violência como sendo um fenômeno de caráter histórico que se configura segundo um conjunto de elementos que são disponibilizados e acionados pelos atores sociais na medida em que estes procuram estabelecer o domínio de uns sobre os outros...

Na visão de Martuccelli (1999, p. 169), ao analisar as transformações dos significados da violência e o crescimento e riscos desse fenômeno nas sociedades modernas, defende que *“a violência aparece como sendo puramente negativa e sob a forma de risco que a sociedade se mostra incapaz de controlar”*. No entender desse autor, a violência assume novas formas na sociedade moderna, a ponto de provocar mudanças que implicariam na diminuição do seu uso no momento em que ela passa a resolver os conflitos existentes utilizando o menor uso da força direta e física.

Tal aspecto também foi enfatizado por Freund (1983), ao afirmar que este fenômeno, de acordo com as suas particularidades, não se limita necessariamente ao uso da força física, ao contrário, os conflitos são inerentes a vida social onde tudo pode vir a ser objeto de conflito. Em outros termos, a violência só emerge quando há um enfrentamento direto entre os sujeitos envolvidos no conflito.

A violência consiste em uma estratégia que se desenvolve entre dois ou mais indivíduos ou grupos humanos, de dimensões variadas, que renunciam a outras maneiras de conduzir as relações entre eles para forçar o outro a agir direta ou indiretamente, contra a sua vontade, levando-o a executar os anseios de uma vontade que lhe é estranha, sob ameaça de intimidação, por meios agressivos ou repressivos, capazes de provocar danos à sua integridade psicológica ou moral, aos seus bens materiais ou às suas ideias, podendo chegar a provocar a sua anulação física em caso de resistência ou persistência. (FREUND 1983, *apud* SILVA 2011, p.5)

Considerando a perspectiva do autor acima mencionado, para efeitos deste trabalho, lembramos aqui das colocações propostas pelo sociólogo Simmel (1983, p. 124), o qual, em concordância com esse autor afirma que os conflitos e as práticas de violências não são elementos exógenos à vida em sociedade, ao contrário, devem ser pensados enquanto um

componente constitutivo da vida social, um dos meios pelos quais as relações de sociabilidades se tornam possíveis.

Por conseguinte, diante das perspectivas teóricas aqui elencadas, é possível considerar que as definições de violência propostas, sobretudo por Freund, e Michaud (1989), delineiam importantes questões a serem pensadas no estudo sobre a violência e formas de conflitos no contexto que nos propomos a analisar. Entendendo aqui que as práticas desse fenômeno não se limitam apenas a utilização da força física. Ao contrário, ela ocorre em uma multiplicidade de manifestações imersas no ambiente escolar, através de atos psicológicos, simbólicos e verbais, por meio das ameaças, humilhações, constrangimentos que se expressam nas relações sociais entre os indivíduos que partilham desse espaço.

1.1 Pensando a violência no espaço escolar

Desde sua origem enquanto instituição, a escola foi idealizada como ambiente socializador para as crianças e, por excelência, privilegiado como possibilidade de acesso e transmissão de conhecimentos para aqueles que desde a tenra idade começam a conhecer e partilhar desse espaço, convivendo com um mundo além do seu círculo de convivência familiar, é ali onde convivem com outros sujeitos e desenvolvem a multiplicidade de atividades que esse ambiente lhes propicia.

Philippe Ariès (1978) aponta a importância da instituição escolar no processo de formação da criança durante o período medieval, segundo esse autor, foi a partir da escola no final do século XVII, que começou a surgir uma separação entre criança e os adultos. É nesse espaço que a criança começa a passar por um processo de socialização³ antes de ser solta no mundo.

A escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. Isso quer dizer que a criança deixou de ser misturada aos adultos e de aprender a vida diretamente, através do contato com eles. A despeito das muitas reticências e retardamentos, a criança foi separada dos adultos e mantida à distância numa espécie de quarentena, antes de ser solta no mundo. Essa quarentena foi a escola, o colégio. Começou então um longo processo de enclausuramento das crianças que se estenderia até nossos dias, e ao qual se dá o nome de escolarização. (ARIÈS, 1978, p. 11)

³ Esse processo de socialização foi denominado por BERGER (1994, p. 175), de socialização primária – primeira socialização do indivíduo na infância. E socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade.

Por outro lado, é possível considerar que esse mesmo espaço também se configura enquanto um lugar de múltiplas possibilidades, bastante promissor para situações e acontecimentos de diversas ordens, inclusive de natureza conflituosa, devido à diversidade possível de pessoas que diariamente compartilham suas experiências no âmbito desse espaço, e por isso, pode ser considerado como um local importante para a expressão de diferentes sociabilidades entre os estudantes, cujas relações interpessoais se entrelaçam e se distanciam,

O espaço escolar se configura como um espaço profícuo para a sociabilidade de crianças e jovens, e se constitui um local de encontro e convivência. O grande tempo que permanecem juntos, favorecem laços de amizade que se prolongam para além dos muros escolares. (RUOTTI 2006, p.98)

No entanto, é pertinente aqui ressaltar que a escola, por sua vez não se caracteriza como sendo um local apenas de aprendizagem, laços de amizade e sociabilidades, ela é considerada, também, importante espaço de socialização e desenvolvimento de conflitos, haja vista que é dentro deste universo, visto enquanto um “espaço social plural e complexo, onde interagem fatores internos e externos a ela”, (ABRAMOVAY e RUA 2002, p. 91) que as crianças conhecem e passam a conviver por longos anos com a diversidade de pessoas, com cores, costumes, valores, maneiras, gostos e características físicas diferentes que se agregam num mesmo espaço, passando a partilhar a mesma realidade.

Desta maneira, as disputas, a busca pela construção de seu espaço, as desavenças entre os indivíduos ou grupos dentro das escolas, acabam dando espaço para atitudes das mais variadas formas de relacionamentos, dentre os quais, podemos elencar: às pequenas disputas entre os alunos na sala de aula, nos corredores, durante os intervalos, insultos, xingamentos, fofocas, constrangimento, enfim, situações diversas capazes de desencadear novos conflitos e, eventualmente, práticas de violências que tornam o ambiente escolar um local de tensões constantes oriundas desses acontecimentos que podem ser perigosos.

Vê-se, por meio dos debates no Brasil e no mundo que as escolas estão temerosas com o nível atual de violência verificado nos numerosos casos que regularmente ocorrem no âmbito desse espaço, e não somente aquela que vem de fora e atinge as escolas, como os atos de vandalismos, de invasões, etc., mas também, com uma violência vivenciada e praticada pelos próprios estudantes no cotidiano dentro do ambiente colegial.

Desse modo, ao tornar-se uma realidade comum nas escolas de nosso país e, evidentemente do mundo, a violência passou a ser concebida como uma das questões mais preocupantes e desafiadoras que assolam as escolas na atualidade, possibilitando um amplo

debate sobre o tema que vem despertando tanto a atenção da população quanto a dos pesquisadores que nos últimos anos passam a focalizar bastante atenção a essa temática, centrando-se em analisar as diferentes manifestações de violência que ocorrem no interior desse espaço. Abramovay e Rua (2003, p. 26) apontam que:

Mesmo que a violência nas escolas não se expresse em grandes números e apesar de não ser no ambiente escolar que acontecem os eventos mais violentos da sociedade, ainda assim, trata-se de um fenômeno preocupante. Preocupa porque afeta diretamente agressores, vítimas e testemunhas dessa violência, e principalmente, contribui para romper com a ideia da escola como lugar de conhecimento, de formação do ser, da educação, como veículo, por excelência, do exercício e aprendizagem, da ética e da comunicação por diálogo e, portanto, antítese da violência.

Cabe inicialmente lembrar que o ambiente escolar sempre esteve pautado em práticas diversas de violência. Debarbieux (2006, p.6), por exemplo, ao analisar a violência no contexto das escolas francesas, defende que não é possível considerar a violência que ocorre nesse espaço como um evento novo, pois suas práticas sempre estiveram presentes, ainda que ligadas a castigos corporais. Todavia, atualmente a violência se diversifica e assume novos contornos e se reveste de novas configurações no ambiente escolar.

1.1.1 Tipos de violência escolar

No decorrer dos anos, observa-se que os padrões de violência no ambiente escolar passam por mudanças assumindo novas configurações no cenário das escolas. Essas mudanças podem ser observadas quando analisamos pesquisas desenvolvidas a partir do início dos anos 1990, cuja preocupação dos autores pautava-se em analisar as manifestações de violência dentro desses espaços, tendo como foco não apenas os tipos de violência ligados ao patrimônio, mas as violências que ocorriam no interior da escola envolvendo os próprios alunos.

Parafraseando Charlot (2002, p. 433-434) é possível considerar que na atualidade a violência nas escolas ganha novos contornos: maior gravidade das ocorrências que acontecem e alimentam uma angústia social; maior incidência de ataques e insultos a professores; envolvimento de alunos cada vez mais novos nas ocorrências de violência; intrusão de elementos externos; atos repetitivos contra docentes e o pessoal administrativo, que embora nem sempre se configurem enquanto violências produzem uma sensação de ameaça permanente. O autor observa ainda que essa violência escolar “parece aumentar, como se a

violência na escola estivesse convertendo-se em um fenômeno estrutural e não mais, acidental”.

Debarbieux (1999) enfatiza a necessidade de pensarmos a respeito dos padrões da violência escolar e procura associá-los a três dimensões: a degradação no ambiente escolar e suas estruturas deficientes em decorrência à grande dificuldade de gestão; a violência que se origina de fora para dentro da escola e se manifesta por intermédio da penetração de gangues, do tráfico de drogas e da exclusão social na comunidade escolar; e por último as características internas das escolas e suas especificidades.

É nesse mesmo contexto que Sposito (2001), também nos fala acerca das mudanças ocorridas nos padrões de violência escolar no decorrer do tempo. A autora lembra que, na década de 1980 dentre as várias práticas de violência que ocorriam nas escolas, as comumente mais explícitas eram os atos de vandalismo – violência contra o patrimônio, depredações, pichações e invasões dos prédios escolares. Já a partir da década de 90, novos padrões de violência passam a emergir. Com isso, houve uma maior intensificação nas pesquisas em analisar as formas de violência que ocorriam no interior da escola, com destaque, sobretudo, às agressões interpessoais entre os estudantes.

[...] É possível considerar que os anos 1990 apontam mudanças no padrão da violência observada nas escolas públicas, atingindo não só atos de vandalismo que continuam a ocorrer, mas as práticas de agressões interpessoais, sobretudo, entre o público estudantil. Dentre estas últimas, as agressões verbais e ameaças são as mais frequentes. (SPOSITO, 2001, p. 94)

No entanto, é pertinente acrescentar que mesmo a violência passando por mudanças em suas práticas e manifestações, conforme mencionado na citação acima, não podemos considerar que as práticas atuais que ocorrem no interior das escolas – violência entre os alunos – anulam as práticas que outrora ocorriam, pois as formas de violências, tais como: os atos de invasões, roubos e outras práticas dessa natureza ainda são recorrentes, verificados, sobretudo, nas escolas da rede pública quando são invadidas, geralmente por meio de arrombamentos, práticas de furtos, aparecem como situações bastante comuns no contexto das escolas da sociedade brasileira atual, inclusive, nas instituições aqui analisadas.

É relevante destacar ainda que, embora a violência não seja considerada um acontecimento moderno no ambiente escolar, no Brasil, o fenômeno ainda é pouco pesquisado. O tema começa a ganhar dimensão, nos estudos brasileiros, em meados da década de 80, até então havia poucos estudos sobre a violência escolar no país, principalmente, que explorassem a violência entre os alunos no interior desse espaço. Sposito (2001, p.1), ao

analisar as produções científicas nessa área durante a década de 80 e meados da década de 90, aponta a escassez de pesquisas que retratem a temática em questão, inclusive na área das ciências sociais. A autora ressalva que, dentre as inúmeras pesquisas realizadas até o período em análise, identificou-se apenas quatro estudos que exploravam o tema. Em tais estudos os autores estavam preocupados, sobretudo, em examinar a violência que atinge a unidade escolar.

Atualmente, os pesquisadores apontam certa dificuldade em encontrar uma definição precisa acerca da violência escolar, devido à multiplicidade de formas que o fenômeno assume. Esse conceito tem sido caracterizado por diferentes autores, como um fenômeno multifacetado, e abrange uma variedade de manifestações, que vão desde comportamentos antissociais, delinquência, vandalismo, incivildades, comportamentos agressivos entre os próprios alunos, alunos e professores, dentre outros. Debarbieux (2001, p. 163), assevera que ainda é comum depararmo-nos com dificuldades em delimitar de forma precisa o que seria violência escolar. De acordo com esse autor, dentre os desafios de pesquisas que encontramos nos estudos atuais, a dificuldade em relação ao uso de um termo para a violência que se passa no ambiente escolar ainda é muito comum entre os pesquisadores.

Conforme preconizam Abramovay e Rua (2005, p.76), o caráter complexo e multifacetado da violência no ambiente escolar impõe uma série de desafios no que tange à definição do fenômeno. Assim, como ocorre com a violência em geral, a violência nas escolas pode ser definida de várias maneiras. Suas definições aparecem como sinônimo de agressão física; transgressão, agressão verbal, várias formas de discriminações, ataques ao patrimônio, entre outras.

Dada a ambiguidade desse termo, Charlot (2002), também nos chama atenção para as dificuldades de uma definição precisa quando estamos falando da violência escolar. Nesse sentido, o autor ressalta a necessidade de distinções que contribuam para o entendimento da multiplicidade de violências que existem no âmbito escolar, e as formas como elas se configuram nesse espaço. Assim propôs sua definição sob três perspectivas: a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola.

A violência na escola é aquela que produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades de instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local [...] A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndio, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição que eles representam [...]. Essa violência

contra a escola deve ser analisada junto com a *violência da escola*: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes o tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ...) (CHARLOT, 2002, pp. 434- 435)

O autor argumenta ainda, que essa distinção é importante no sentido que, se a escola é em grande parte, impotente com relação à violência na escola, a qual é reflexo do mundo externo, ela não é com respeito a sua ação diante da violência da escola.

No que concerne as violências recorrentes no universo escolar, acima apontadas devemos levar em consideração ainda, que a escola também pode ser considerada enquanto produtora da violência, sobretudo, no uso da violência simbólica, ancorada desde as formas de hierarquia que se estabelecem sobre os alunos por meio de regras e normas disciplinares aplicadas pela instituição em seu cotidiano como forma de manter a “ordem”. Entre essas regras internas estabelecidas pela escola, podemos citar “os horários de aulas, uso de uniforme, identificação e as práticas permitidas ou proibidas no espaço escolar.” (ABRAMOVAY e RUA, 2003, p.34)

Seguindo essa mesma perspectiva, Guimarães (1996, p. 91) ao analisar a dinâmica da violência em escolas públicas na cidade de Campinas - SP, também nos fala sobre as práticas da violência institucional e as várias modulações que elas se apresentam no interior desse universo. Dentre outros fatores que as caracterizam, a autora observou práticas que vão desde as aulas duplas, as cópias, e os ditados utilizados pelos professores como instrumentos para manter os alunos em silêncio, além de outras normas institucionais existentes, regidas, sobretudo, pelas regras de convivência.

Essas situações observadas pela autora não são incomuns a determinada instituição, ao contrário, fazem parte da maioria delas, enquanto um conjunto de normas que são regidas como forma de manter certa ordem em um ambiente por vezes, mediado por conflitos de diversas naturezas. Podemos citar, por exemplo, trazendo para nosso contexto, as violências implícitas presentes nas hierarquias estabelecidas entre atores sociais que compõem esse espaço: diretores, professores, alunos e demais funcionários, quando esses primeiros fazem com que os alunos obedeçam às normas disciplinares que lhes são impostas.

Dentre as definições propostas por Charlot (2002), acima listadas, parece interessante para este estudo, compreendermos àquela violência que no entender desse autor se manifesta no interior escolar, isto é, a *violência na escola*. Posto que, essas são cada vez mais frequentes entre os alunos nas escolas. E comumente, temos assistido também discussões acerca de uma

classificação para um tipo de fenômeno que é específico no âmbito desse espaço, qual seja, o *bullying* – tipo de violência que ganha contornos singulares e se manifesta dentro do universo escolar de forma recorrente, sendo alvo de análise e estudos em diversos países, mas só nas últimas décadas vêm sendo estudado com maior intensidade no meio acadêmico brasileiro.

1.2 *Bullying*: algumas considerações

Apesar das práticas da violência encontrar-se radicada em todas as escolas do mundo, o estudo do fenômeno sob a denominação de *bullying* ainda é recente. O termo teve origem na década de 1970 tendo como precursor o psicólogo Dan Olweus (1993), a partir de então, tal expressão passa a ganhar visibilidade no meio acadêmico internacional. Atento as expressões de violência recorrentes no interior desse espaço envolvendo crianças e adolescentes, o referido autor se preocupou em desenvolver pesquisas nas escolas e ao identificar tais práticas às denominou de *bullying*, diferenciando-as de outros tipos de violência. Assim, caracterizou o fenômeno como “um ato de atitudes violentas de ordens físicas e/ ou simbólicas que se passa entre pares no universo escolar, praticada com intenção de ferir ou maltratar o outro.”

E, conseqüentemente apontou as principais características que singularizam o fenômeno: primeiro, existe uma relação de poder entre o agressor e sua vítima; outra característica que o identifica é que o agressor ao exercer as práticas da violência tem intenção de ferir e humilhar o outro, seja de forma direta, ou utilizando-se de práticas indiretas, como: apelidos, constrangimentos, humilhações *etc.*; e outro fator que o caracteriza é a recorrência dos atos de violência direcionada a indivíduos.

Essa violência tem sido significativa no contexto das escolas brasileiras atuais. No Brasil, o *bullying* e suas implicações no ambiente escolar ainda é pouco estudado, passando ganhar realce nas pesquisas brasileiras nas duas últimas décadas, expressando-se como forma de preocupação no âmbito acadêmico por autores que têm se debruçado na busca de uma compreensão que consiga dá conta do termo em questão.

De acordo com a literatura revisada o termo *bullying* é oriundo do vocábulo inglês “*bully*” que em seu sentido literal, significa “valentão, “tirano”. Tal fenômeno ainda tem sido utilizado internacionalmente em inglês, por não existir tradução para a língua portuguesa que dê conta de uma definição precisa do termo.

A definição do que se convencionou chamar de *bullying* foi sintetizada por Fante (2005) como,

Um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais alunos contra outro(s) causando dor, angústia e sofrimento. Insultos, intimidações, apelidos cruéis, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida dos outros alunos levando-os à exclusão, além de danos físicos, morais, materiais e psicológicos. (FANTE 2005, pp. 28-29)

Esta autora demonstra ainda que, o *bullying* não se trata de um episódio esporádico ou de brincadeiras próprias de crianças; é um fenômeno violento que se dá em todas as escolas, e que propicia uma vida de sofrimento para uns e de conformismo para outros. Para ela, os danos físicos, morais e materiais, os insultos, os apelidos cruéis e as gozações que magoam profundamente, as ameaças, as acusações injustas, a atuação de grupos que hostilizam a vida de muitos alunos levando-os à exclusão. Todas essas características utilizadas apontam algumas das condutas que se observa em relação ao *bullying*.

Outra definição de *bullying* que complementa a da autora supracitada, também foi proposta por Coloroso (2004), que de maneira mais específica considera as peculiaridades do fenômeno enquanto,

uma atividade consciente, desejada e deliberadamente hostil orientada pelo objetivo de ferir, induzir o medo pela ameaça de futuras agressões e criar terror. Seja pretendida ou aleatória, óbvia ou sutil, praticada de forma evidente ou às escondidas, identificada facilmente ou mascarada em uma relação de aparente amizade, o *bullying* incluirá sempre três elementos: desequilíbrio de poder, intenção de ferir e ameaça de futura agressão. Quando esse se desenvolve e se torna mais sério, ainda é possível adicionar um quarto elemento: o terror. (COLOROSO, 2004, *apud* ROLIM, 2008, p. 14)

É importante aqui ressaltar que as práticas desse fenômeno não são algo recente, antes são práticas corriqueiras que sempre estiveram presentes entre os estudantes no âmbito escolar, trata-se de uma conduta que há muito tempo existe, mas que só nas últimas décadas passou a ganhar visibilidade na literatura brasileira.

Aquino (2010 p. 22), preocupada em analisar a violência no espaço escolar, nos chama atenção a respeito da problemática do *bullying* e o caracteriza com “um fenômeno cada vez mais estendido e problemático que vem inundando todo o sistema educacional, tanto a nível de pais, professores, como estudantes de toda a comunidade escolar.”

Poderíamos citar aqui inúmeras situações de violências que ocorrem entre os alunos nas escolas e que podem ser classificadas como *bullying*, no entanto, optamos por nos ater naquelas que são consideradas mais comuns. Dentre as quais, Rolim (2008, p.16),

fundamentado na definição do fenômeno estabelecida pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e a Adolescência – (ABRAPIA), apontou as principais ações que o caracterizam, tais como: colocar apelidos, ofender, zoar, humilhar, fazer sofrer, discriminar, excluir, isolar, perseguir, aterrorizar, amedrontar, tyrannizar, agredir, bater, chutar, empurrar, dentre outras.

Nesse sentido, o autor classifica o fenômeno enquanto sua ocorrência em três categorias: direto e físico – abrange todas as ameaças e práticas que envolvem a imposição de sofrimento físico como bater, socar. Direto e verbal – Consiste em insultar e em atribuir apelidos vergonhosos ou humilhantes, produção de comentários racistas, homofóbicos ou intolerantes quanto às diferenças econômico-sociais, culturais, morais, religiosas, dentre outros. E por último, ocorre de forma indireta, no momento em que se manifesta pelas condutas e disseminação de boatos ou informações que deponham contra a honra e a boa imagem do outro. (Idem, 2008, p 15)

1.2.1 Atores envolvidos no cenário do *bullying*

No cenário onde as práticas do *bullying* ocorrem é possível identificar pelo menos três categorias que caracterizamos envolvidos que se dividem e ocupam seu papel bem definidos, identificados como: agressores, vítimas e espectadores.

Os agressores ou “*bullies*” são os que oprimem e ameaçam suas vítimas por motivos banais, buscando impor sua força e autoridade, colocam-se frente a seus pares como portador de forças físicas e psicológicas superiores as das suas vítimas, encontrando sempre uma oportunidade de se auto- afirmarem perante si mesmo e em relação aos outros. Esses sujeitos, conforme afirmam Middleton-Moz & Zawadski (2007, p. 34), “são especialistas em encontrar nossos calcanhares de Aquiles, aquelas partes onde somos mais sensíveis, usando-as como armas contra nós.” As autoras apontam ainda uma série de características que julgam comuns entre os alvos de interesse dos “*bullies*”, dentre as quais, ser gordo, magro, usar óculos, ter sardas, baixa estatura, andar de cadeiras de rodas, ter cor da pele ou etnia diferentes, ser homossexual, dentre outras. As pessoas que se enquadram nesse grupo são aquelas que seus agressores julgam “anormais” inferiorizados, a mediada em que as elegem como suas vítimas

por meio de uma visão estigmatizadora⁴ e, por conseguinte, os insultam com termos depreciativos, colocando-os apelidos ofensivos, humilhando-os e discriminando-os. Dessa forma, eles obtêm o enfeite desejado, isto é, garantir que o outro fique fragilizado, defensivo, desamparado, fora do controle e fora do seu caminho. (MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007, p. 32)

Importa acrescentar ainda que esses para se defender, utilizam de sua arrogância, sarcasmo, exercendo certo controle sobre os outros, raiva e manipulação, além de possuírem uma enorme capacidade de identificar as pessoas que são alvos fáceis de *bullying*.

Normalmente o agressor se apresenta com o mais forte em relação aos seus colegas de sala, podendo ter a mesma idade ou ser pouco mais velho que o alvo. É dono de uma sede insaciável de dominação e de subjugação, impondo-se por meio das ameaças sobre seus companheiros para conquistar seus objetivos, vangloriando-se de uma superioridade, real ou imaginária sobre os demais. (FANTE, 2005, p. 73)

Consoante as considerações de Neto (2005), esses se caracterizam como pessoas populares, líderes de grupos que tentam manter o status social a custo da violência e da opressão de suas vítimas, se satisfazendo sempre que agredem e as maltratam, contando com o apoio de outros estudantes que direta ou indiretamente lhe auxiliam nos ataques, sendo possível destituir-se da culpa.

A segunda categoria desses protagonistas são as vítimas. Essas, por sua vez, caracterizam-se por serem pessoas consideradas mais frágeis fisicamente, tímidas, passivas, com pouca sociabilidade, alta insegurança e baixa autoestima, tendo grande dificuldade de impor-se ao grupo, além de possuírem uma conduta aparentemente pouco agressiva. Muitas vezes, por dificuldade de desenvolver algum tipo de relacionamento entre os colegas, essas costumam ficar isoladas, pois quase sempre não possuem amigos.

As vítimas são eleitas, não precisam fazer nada para serem escolhidas, os agressores as elegem de um grupo para serem alvos de ataques. Essas agressões, então, não têm um motivo especial, uma origem. (CALHAU, 2010, p. 10)

Ainda sobre essa categoria, outra questão importante a ser destacada baseando-nos ainda em (Middelton-Moz & Zawadski, 2007, p.18), é que as vítimas se constituem enquanto uma espécie de alvo das práticas de *bullying* e costumam sentir vulnerabilidade, podendo

⁴A categoria estigma foi utilizada por Goffman (1988) como termo depreciativo, definida como uma marca, simbolicamente empregada como negativa e inferior. Situação em que o indivíduo se encontra inabilitado para aceitação social plena.

sentir medo ou até mesmo vergonha, sua autoestima pode ficar cada vez mais baixa, e sua ocorrência pode aumentar na medida em que o processo de vitimização é continuado.

Nesse sentido, crianças que apresentam características tais como: ansiedade, insegurança, timidez, baixa autoestima, dificuldade de se defender podem aparecer como vítimas em potencial para aos olhos dos agressores.

Fante (2005) aponta pelo menos três características de vítimas envolvidas no fenômeno – a **típica**, a **provocadora** e **agressora**.

A típica na visão da autora é aquela que serve de bode expiatório para um grupo, é o indivíduo ou grupo de indivíduo geralmente pouco sociável, que sofre repetidamente os comportamentos agressivos de outros e que não dispõe de recursos ou habilidades para reagir essas condutas prejudiciais, apresentam como principais características, aspecto físico mais frágil que seus companheiros, baixa autoestima, timidez, submissão, isolamento, insegurança, dificuldade no aprendizado, ansiedade e aspectos depressivos. A segunda caracterizada como provocadora aquela que estimula e atrai reações agressivas contra os quais não consegue lidar com eficiência, possui um “gênio ruim”, tenta brigar ou revidar quando é atacada ou insultada, mas geralmente de maneira ineficaz, pode ser hiperativa, inquieta, dispersiva e ofensora; de modo geral, é tola, imatura, de costumes irritantes, e quase sempre é responsável por causar tensões no ambiente em que se encontra. Já a agressoras e direciona para aqueles alunos que, tendo passado por situações de sofrimento na escola, tende a buscar indivíduos mais frágeis para transformá-los em bodes expiatórios, na tentativa de transferir os maus tratos sofridos. (Idem, 2005, p. 78-79)

E conforme a autora, essa tendência tem sido evidenciada entre as vítimas, contribuindo em certa medida, para que o *bullying* se transforme numa dinâmica expansiva, cujos resultados incidem no aumento do número de vítimas.

Por último, é importante enfatizar que as práticas desse fenômeno não afetam apenas aqueles que são atingidos diretamente, como é o caso das vítimas, pois, conforme essa mesma autora, em meio aos dois grupos já expostos existe um terceiro grupo que também fazem parte do cenário, aqueles personagens denominados espectadores. É importante ainda destacar que esses não se envolvem diretamente em atos de *bullying*, porém, muitos têm ciência dos acontecimentos violentos, contudo, em alguns casos usam da lei do silêncio talvez por medo de ameaças em se tornarem possíveis alvos dos agressores, e por isso sentem dificuldades de denunciar aos adultos as cenas de violências presenciadas. Por outro lado, frente a essa plateia existem ainda aqueles que indiretamente participam das agressões, no momento em que incentivam as brigas entre colegas, demonstrando apoio aos agressores.

1.3 A violência no contexto atual das escolas públicas de Campina Grande – PB

Conforme listado em páginas anteriores, ao tornar-se uma realidade comum na maioria das escolas do país, a violência passou a ser concebida como um dos principais temas do cotidiano, ganhando cada vez mais relevância no debate público e ressonância na imprensa que, não raras vezes, anunciam acontecimentos diversos que perpassam os muros escolares e afetam diretamente os indivíduos que partilham esse espaço.

Os acontecimentos são cada vez mais frequentes e atingem de forma significativa as escolas da rede pública de ensino. E na cidade de Campina Grande, essa realidade não é diferente. Assistimos com certa frequência pelos tele jornais situações cotidianas de violências recorrentes no interior de muitas escolas nesta cidade. Em virtude dos episódios de violência que vêm acontecendo em algumas escolas, essas instituições têm enchido as pautas dos noticiários que corriqueiramente as anunciam como palco de violências diversas, que se refletem seja no interior ou nas adjacências desse espaço.

Tais práticas vão desde violência entre os próprios alunos, destes contra professores, as invasões e furtos, além de situações mais graves, como por exemplo, homicídios que ocorrem no interior desse ambiente, quando muitas vezes pessoas de fora da escola, ou mesmo alunos ou ex - alunos adentram os muros escolares portando armas e atingindo, não especificamente os estudantes, mas professores e demais funcionários que compõe o esse cenário.

A título de exemplos recordaremos aqui alguns episódios divulgados pela mídia no último ano. No primeiro semestre de 2015, tivemos informações através dos jornais⁵ locais de pelo menos três casos de violências consideradas graves ocorridas em escolas diferentes na cidade, dentre os quais, dois envolveram casos de homicídio. Um primeiro caso ocorreu em uma escola estadual localizada no bairro da Palmeira, as informações deram conta de um rapaz que foi morto dentro da escola, o mesmo estava na quadra quando foi atingido por tiros por duas pessoas que entraram na escola e efetuaram os disparos contra a vítima.

Outra situação semelhante ocorreu na semana seguinte, desta feita o caso anunciado foi a morte de um professor enquanto se encontrava dentro de uma sala corrigindo provas na escola em que trabalhava, foi alvo de tiros. De acordo com as informações fornecidas pelos

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/05/jovem-e-morto-tiros-dentro-de-escola-em-campina-grande.html> Acesso em Julho de 2015.

jornais a morte foi ocasionada por esse ser confundido com outro homem que prestava serviço naquela instituição.

Além desses casos, outras práticas de diversas maneiras frequentemente são anunciados – situações de arrombamentos, invasões e práticas de frutos, parecem comuns em algumas escolas da cidade, principalmente naquelas que se encontram em locais menos visíveis,⁶ isto é, que aquelas que estão situadas mais distantes do centro da cidade, são as mais noticiadas.

Os acontecimentos apontam apenas exemplos tangíveis que expressam situações comuns da realidade de algumas escolas dessa cidade, e nas instituições escolhidas para a realização desta pesquisa, não são raras exceções para ocorrências dessa natureza.

Cabe ainda enfatizar que nessas instituições, tais práticas não causam prejuízo apenas financeiro para instituição, a situação parece se agravar ainda mais quando tais atos prejudicam sobremaneira os alunos. A vista dessa realidade, não é difícil supor que grande parte desse público, partilham diariamente o drama de uma violência que é difusa e certamente circunscreve esse espaço por meio do medo e insegurança diante das situações de violências vividas /e ou presenciadas nos bairros onde moram e essas práticas são muitas também vivenciadas de forma sutil no interior do espaço escolar.

A instituição escolar está aberta às influências que vêm de fora dos seus muros, que contribuem para que, influências negativas, como no caso a violência, se insiram em seu interior, que por sua vez marque presença através de disputas e conflitos, humilhações e constrangimentos entre os estudantes. (DE MARIA, 2013, p.3)

As diferentes situações de violência também se expressam no interior das escolas, inclusive entre os alunos, quando esses são os próprios protagonistas de tais atos. Em pesquisa realizada recentemente em algumas escolas da cidade, Silva e Silva (2012 e 2013), foi possível identificar formas de violência variadas produzidas no âmbito escolar e que envolve parte significativa dos alunos dentro desse espaço. São condutas violentas que vão desde agressões física, verbal, emocional, racistas, dentre outras práticas que permeiam o ambiente e nos chamam a atenção para a emergência de um fenômeno que é recorrente, mas por vezes acabam sendo naturalizadas e passam despercebidas por parte das autoridades pedagógicas.

⁶ Disponível em: <http://globotv.globo.com/rede-paraiba/jpb-2a-edicao/v/alunos-de-escola-estadual-de-bodocongo-em-campina-grande-reclamam-de-inseguranca/3198285/> Acesso em julho de 2015.

CAPÍTULO II

2.0 Sobre a pesquisa e os caminhos metodológicos

No momento em que o pesquisador se propõe a estudar uma dada realidade social, o cuidado com a escolha da metodologia a ser utilizada é fator primordial, demanda que se estabeleça previamente uma série de procedimentos a serem observados durante o período que esteja em campo. De igual modo, devemos também nos preocupar com escolha dos caminhos a serem percorridos no processo da pesquisa. Nesse sentido, nos preocupamos em selecionar um conjunto de procedimentos e práticas que auxiliassem na elaboração e desenvolvimento do objeto estudado, seguindo aqui a perspectiva de Bourdieu (1998) para quem,

Construir um objeto científico é, antes de mais nada e, sobretudo, romper com o senso comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros. O pré - construído está em toda parte. (P. 34)

Nesta perspectiva, optamos por utilizar uma metodologia de cunho qualitativo, concordando com Minayo (2007), que este tipo de metodologia nos ajudará na compreensão dos significados e as intencionalidades presentes nas ações dos indivíduos, que são construídas a partir de estruturas de significações e dão sentido a vida dos atores sociais, e que ajudam a configurar práticas e valores sociais.

Para tanto, recorreremos à prática etnográfica, utilizando a técnica da observação, uma vez que, essa estratégia permite um contato direto com a realidade do campo de pesquisa, possibilitando a interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Daí, a importância que “o etnólogo passe um tempo imerso a observar detalhadamente a vida cotidiana, para lhe reconstituir a forma e o sentido na escrita de um texto”. (AGIER 2015, p.10)

Do ponto de vista antropológico, essa observação minuciosa durante o período em que estamos imersos em campo deve ser desenvolvida por meio de um olhar treinado, de modo que possa captar elementos significativos capaz de auxiliar na descrição e interpretação dos resultados e/ou situações observadas, possibilitando unir o objeto estudado a seu contexto.

Assim, a prática etnográfica mediante a observação participante foi um instrumento primordial desde as primeiras incursões em campo, e ao longo de toda pesquisa, pois favoreceu momentos singulares de convivência com os atores sociais em várias possibilidades

de espaços, permitindo captar singularidades reveladas a partir das práticas e dos diálogos nas vivências cotidianas com os professores, que foram estabelecidas em diversos momentos durante a pesquisa.

Seguindo para isso, as orientações de Malinowski (1978), um dos primeiros a utilizar essa metodologia, na qual nos alertou que uma das preocupações em que o pesquisador deve ter durante sua permanência em campo, é estar atento a todos os detalhes sem perder de vista o foco naquilo que podem nos revelar informações singulares, mesmo quando essas não são ditas por meio das palavras.

Geertz (1989), a partir de suas experiências em campo nos alerta a respeito dos impasses e desafios que o campo nos revela. Por meio de seus escritos, o antropólogo nos chama atenção para algumas dificuldades que o pesquisador está sujeito durante as vivências em campo, quando esse pode ser surpreendido com certas situações que podem dificultar a realização de sua pesquisa. Diante disso, cabe-nos elaborar mecanismos e estratégias, adotando posturas capazes de minimizar os impactos de modo que garanta a inserção e aceitação em campo, por isso, é necessário estarmos atentos as situações imprevisíveis e surpresas inerentes ao campo.

Segundo essa perspectiva, uma das preocupações constantes ao longo da permanência em campo foi estarmos atentos durante todos os momentos de convivência com os sujeitos da pesquisa, principalmente nos momentos dos intervalos, e nas observações minuciosas as conversas nas aulas vagas e em outras ocasiões enriqueceram bastante no desenvolvimento da pesquisa, pois proporcionaram acompanhar um pouco os acontecimentos no dia a dia desses, atentando cuidadosamente, para todos os detalhes nos diálogos estabelecidos entre os colegas referentes ao seu cotidiano com os alunos, as dificuldades e problemas enfrentados com em sala de aula, etc.

Assim, a primeira fase desta pesquisa foi dedicada às visitas e observações no cotidiano escolar, bem como conversas com os professores durante cada visita realizada às instituições. Essas ocorreram semanalmente nas respectivas escolas nos turnos manhã e tarde. Em cada visita realizada ouvia-se casos referentes ao cotidiano desses que se tornaram fundamentais, para compreender a dinâmica desses espaços e a escrita desse texto. Além disso, esses e outros momentos foram primordiais para a pesquisa, favorecendo, inclusive subsídio para organização das entrevistas. O diário de campo, nesse sentido, foi indispensável, não apenas nesses primeiros momentos, mas durante todos os dias em que fui a campo. Nele foi possível registrar cada detalhe observado nos momentos de visitas às escolas e as

impressões sobre as experiências vivenciadas. Seguindo as orientações sugeridas por Geertz (1989), que o etnólogo deve estar atento a “observar, registrar e analisar o discurso social”.

Nesse sentido, os relatos anotados no diário de campo, as discussões das entrevistas serviram como importante aporte para a construção dessa dissertação. Metodologicamente a pesquisa foi desenvolvida baseada nas observações cotidianas e conversas, formais e informais junto aos professores que ocorreram semanalmente nas duas escolas. Paralelamente realizamos entrevistas semiestruturadas, que foram realizadas mediante aceitação e disponibilidade de horário dos mesmos.

Em relação às entrevistas, tivemos alguns impasses que acabaram dificultando bastante, o primeiro foi encontrar um horário em que os professores estivessem disponíveis para concedê-las. Essa não foi uma tarefa tão simples; segundo encontrar um local silencioso nas respectivas escolas onde pudéssemos ficar à vontade para gravar as entrevistas, em razão disso, parte delas foram realizadas na sala dos professores, muitas vezes com interrupções, pois a circulação de pessoas que entravam e saíam ali era constante. Nos turnos da manhã na primeira escola conseguimos com a permissão da diretora uma sala mais reservada. No caso da Escola Rio Paraíba já nas últimas entrevistas conseguimos realizar também em uma sala fechada, local onde funciona o laboratório de informática.

Contudo, mesmo diante desses contratempos e graças à solicitude e compreensão dos professores em contribuir com a pesquisa, foi possível articular alguns horários muitas vezes no final de expediente ou em possíveis aulas vagas e conseguimos realizar 11 entrevistas, sendo 05 na primeira e 06 na segunda escola. (Ver quadros abaixo)

Seguindo essa perspectiva, antes de iniciarmos as entrevistas os participantes eram esclarecidos que a nossa conversa seria gravada e que os nomes que ali fossem revelados, seriam mantidos em sigilo. Assim, com a concordância dos professores, as entrevistas foram realizadas seguindo um roteiro previamente elaborado, buscando manter a sequência sugerida no roteiro, acrescentando-se se necessário algumas questões visando obter explicação mais detalhada das respostas fornecidas.

Para melhor facilitar a compreensão do leitor em relação aos sujeitos participantes da pesquisa, organizamos um quadro que sintetiza a relação desses distribuídos de acordo com a escola, disciplinas, turnos, turmas e tempo de atuação.

Quadro 1: Distribuição dos professores – Escola Estadual Rio Paraíba

Nome	Disciplina	Turno	Turmas	Tempo de atuação
Noêmia	Português	Manhã	6º e 7º	08 meses
Priscila	Ciências	Manhã	6º ao 8º	04 anos
Paulo	Geografia	Manhã e tarde	8º e 9º	08 anos
Patrícia	Português	Tarde	6º e 7º	10 anos
Verônica	Matemática	Tarde	8º e 9º	03 anos
Lúcia	História	Manhã	8º e 9º	1 ano e 08 meses

Quadro 2: Distribuição dos Professores – Escola Estadual Rio Amazonas

Nome	Disciplina	Turno	Turmas	Tempo de atuação
Marcia	Português	Manhã e tarde	7º e 9º	Aproximadamente 03 anos
Ricardo	História	Tarde	6º e 9º	01 ano
Eliane	Matemática	Manhã e tarde	7º e 9º	03 anos
M^a do Socorro	Ciências	Manhã e tarde	6º ao 8º	04 anos
Priscilla	Matemática	Manhã	6º ao 8º	03 anos

2.1 Primeiras incursões – aproximação com o campo de pesquisa

As primeiras incursões em campo tiveram início em meados do mês de junho de 2015. Esse primeiro momento foi dedicado aos contatos com as instituições objetivando obter autorização por parte da direção das escolas para realizar a pesquisa.

A primeira escola visitada foi a Estadual Rio Amazonas, essa visita ocorreu no período da tarde, com o intuito de conversar com a direção e apresentar a proposta da pesquisa. Na ocasião conversou-se com a diretora, expondo as intenções de pesquisa, especificando os objetivos e os esclarecimentos pertinentes aos procedimentos que utilizaria para desenvolver a pesquisa. Expliquei que já havia realizado uma pesquisa sobre violência escolar com os alunos naquela escola em anos anteriores quando era estudante do curso de graduação em Ciências Sociais. E agora estudante do mestrado no mesmo curso estava ali mais uma vez para discutir a possibilidade de continuação da pesquisa, dessa feita com o propósito de analisar a perspectiva dos professores em relação as possíveis violências que ocorrem com os alunos naquela instituição. Enquanto conversávamos, na sala estava outro funcionário que ao ouvir, lembrou a pesquisa anterior, enfatizando as contribuições para a escola quando no período da pesquisa levamos uma palestra sobre o tema. A fala do rapaz acabou reforçando a aprovação da pesquisa pela diretora que escutou e acatou de bom grado a minha proposta, disse que da sua parte, a escola estava liberada. Contudo, eu precisava conversar antes com os professores, caso eles aceitassem, eu poderia ficar à vontade para desenvolver meu trabalho e que seria bem vinda ali naquela escola.

Perguntei se ela também era responsável pela direção no turno da manhã, disse que não, nesse caso eu deveria negociar com a vice-diretora responsável por aquele turno, contudo me adiantou que não me preocupasse, pois ela era uma pessoa tranquila e tinha certeza que não colocaria dificuldade em aceitar. Me orientou ainda que ao conversar com sua vice, deveria lhe informar que também faria a pesquisa no turno da tarde e já tinha autorização para isso, pois, assim seria mais fácil sua permissão para a realização da pesquisa também naquele horário.

Na mesma semana, compareci a escola no turno da manhã para conversar com a vice - diretora responsável pela escola nesse período. Conversamos a respeito da pesquisa que pretendia desenvolver ali, e não diferente da gestora do turno da tarde, concordou e disse que eu poderia começar quando quisesse. A partir de então, o acesso nessa instituição estava liberado para realização da pesquisa. Ela me disse que sempre que retornasse, pelo menos nos

primeiros dias, era necessário me identificar no portão principal, informando ao porteiro que tinha sua permissão de acesso para realizar pesquisa ali.

Me informou que pelo menos dois dias na semana, geralmente na terça e na quinta, os professores dos dois turnos estavam se reunindo ali em uma sala para planejar algumas atividades, e essa talvez fosse uma boa oportunidade para eu conversar com eles. Educadamente me conduziu até a sala em que ocorria a reunião, abriu a porta e disse que eu podia entrar e ficar a vontade. Fiquei ali sentada por cerca de meia hora aguardando a reunião terminar, no final, conversei com uma professora de português que participava da reunião, contudo ela me informou que esse planejamento estava sendo realizado por professores que lecionavam no ensino médio. Tratava-se da organização de simulados a ser aplicados aos alunos do ensino médio em preparação para as provas do ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio.

Como o interesse para a pesquisa era apenas os professores do ensino fundamental, não estendi o diálogo com os demais que estavam ali. Agradei a diretora, informando-lhe que retornaria no dia seguinte. A partir de então, passei a frequentar a instituição semanalmente nos turnos manhã e tarde com a intenção de conseguir estabelecer diálogos com os professores.

2.1.1 Uma segunda visita – contato e negociações com os professores

Vencida essa primeira etapa burocrática e mediante o consentimento das diretoras, que já haviam permitido minha entrada e a realização da pesquisa naquela instituição, dias depois retornei à escola para dar início a um segundo desafio, conhecer os professores e conseguir conquistar a confiança desses. Conforme já afirmado anteriormente, este não foi um processo fácil, mas ao longo das visitas foi se tornando possível. Um primeiro contato com os professores me foi possível quando retornei e fui apresentada a esses pela diretora do período da tarde, era o horário do intervalo e todos estavam na sala dos professores – esse é o momento em que dão uma pausa nas aulas e se reúnem para o lanche. Cheguei à sala juntamente com a diretora que me acompanhou. Na sala tinha em média dez professores sentados que conversavam em volta de uma grande mesa cercada de cadeiras que fica bem no centro. Esse momento foi um pouco constrangedor, pois antes de ser apresentada para o grupo presenciei uma pequena discussão entre a diretora e uma das professoras que se encontrava ali, ao notar a presença dessa docente na sala, a diretora nem ao menos adentrou na sala e

ainda da porta começou a chamar atenção dessa, questionando sobre seu atraso. Informando-lhe que havia colocado falta porque tinha chegado atrasada e ela teve que dispensar os alunos, pois não tinha informação se a professora compareceria a escola naquele dia, haja vista que esta não avisou o motivo de seu atraso. A professora, aparentemente, nervosa tentava se justificar, mas a diretora não deu muito importância o que ela tinha a falar.

Foi possível notar que um clima meio tenso. Diante daquela situação, percebi que não era um momento muito viável para estabelecer qualquer negociação com os professores sobre sua contribuição na pesquisa. Mesmo assim, ainda meio constrangida diante da situação presenciada, me apresentei e falei o motivo da minha presença ali, disse então que estava ali pra desenvolver uma pesquisa, contudo não seria com todos os professores, pois meu interesse seria apenas aquela que lecionavam no ensino fundamental.

Quase todos que estavam ali lecionavam no ensino médio, dentre esses havia apenas três professores do ensino fundamental, nesse dia não foi possível estabelecer qualquer diálogo com esses a respeito da pesquisa, pois o intervalo já estava terminando e precisavam retornar para a sala de aula, combinamos que retornaria em outro momento para conversarmos sobre e na oportunidade eu lhes daria detalhes sobre a pesquisa e se possível me informariam os horários suas de aulas, bem como a possibilidade de participação na pesquisa.

Conforme combinamos, retornei na semana seguinte. Em princípio, comecei a perceber que sentiria certas dificuldades para conseguir articular um horário com esses para conversarmos e realização de entrevistas, pois todos com quem conversava de início obtinha informações de que seus horários eram todos preenchidos, lhes restando apenas o momento do intervalo. No entanto, aos poucos após algumas visitas à escola, aproveitando sempre esses momentos de intervalo para estar ali com eles, buscando interagir com todos nos momentos oportunos e assim, aos poucos, mediante minha convivência ali quase todos os dias, foi - se estabelecendo uma relação de confiança, e notavelmente minha pesquisa começava a ganhar credibilidade por parte de alguns. Nas primeiras semanas tive oportunidade de conversar com duas professoras, sendo uma de matemática e outra de ciências que me informaram sobre seus horários e se mostraram interessadas em contribuir com a pesquisa. Essa primeira me informou que de segunda a quinta, ministra aula ali todas as manhãs, contudo, nas quintas feiras teria a terceira aula vaga, perguntou se eu poderia comparecer na escola naquele horário, concordei que sim. Assim, combinamos de nos encontrar na quinta feira daquela semana às 8h30min da manhã. Nesse dia voltei pra casa na certeza que realizaria a primeira entrevista naquela semana.

Conforme combinado, na quinta feira cheguei a escola pouco antes das 8:00h e fiquei na sala aguardando o término da segunda aula para me encontrar com a professora, permaneci ali até aproximada 9:00h, quando fui informada pela diretora que professora de matemática não compareceu a escola naquele dia. Como se aproximava do intervalo, continuei na sala conversando com duas professoras e um professor de educação física que se organizavam para o lanche enquanto aguardavam a chegada dos demais colegas que comumente ocupavam aquele espaço nesse horário. Aos poucos os professores iam chegando e em poucos minutos a sala fica completa, aproveitava esse momentos para observações e possíveis trocas de conversas entre os docentes. Nessa ocasião tive a oportunidade de conversar com a professora de ciências com quem já havia mantido contato rapidamente outro dia que nos encontramos pelos corredores da escola. Após alguns minutos de conversas e negociações, marcamos a entrevista para a quarta feira da semana seguinte depois da 4ª aula, dia em que ela tinha as duas últimas aulas vagas e se dispôs a permanecer na escola por mais um tempinho para conceder a entrevista.

A partir de então, foi possível notar que começava a se abrir as possibilidades para contatos e iniciar diálogos com meus possíveis informantes desta instituição. Assim, grande maioria daqueles que consegui me aproximar, se mostraram abertos ao diálogo, outros, mesmo não participando diretamente da pesquisa, sobretudo aqueles que inicialmente se mostravam indiferente à minha presença e a pesquisa, também passaram demonstrar interesse pelo tema, e quando não podiam contribuir diretamente, sempre indicavam algum colega dando informações de contatos e horários possíveis de encontrá-los ali.

2.1.2 Os desafios da pesquisa

O desafio em desenvolver uma etnografia dentro de uma instituição escolar, como em outras instituições sejam elas públicas ou privadas, não é tarefa das mais fáceis, geralmente estabelecem uma série de exigências do pesquisador. Em muitos casos, o contato e a autorização por parte dos gestores para realização de pesquisas aparecem como uma das mais desafiadoras. No caso da nossa pesquisa, essa etapa de incursão em campo e dificuldades nas negociações, não foi um empecilho dos mais relevantes, o acesso em ambas as escolas foi facilitado pelo fato de já termos desenvolvido pesquisa naquelas instituições em outros momentos. Em razão disso, nossos contatos iniciais e encontros com as gestoras responsáveis em ambas as escolas, de modo geral foram bem acessíveis e nos foi facultado o espaço para que a pesquisa fosse desenvolvida.

Contudo, como “o obstáculo é inerente ao ofício de todo etnólogo” (ARIER, 2015, p. 40), a princípio, tivemos alguns impasses. Na primeira escola visitada um dos nossos desafios, foi conseguir conversar com os professores acerca da participação na nossa pesquisa. Nesse sentido, nas linhas seguintes, esboçamos um pouco de nossos percursos em campo, tomando como ponto de partida as experiências vivenciadas na primeira escola.

As primeiras tentativas em conversar com os professores, não tive bom êxito, e isso levou alguns dias para conseguir dialogar com segurança com parte desses. Muitos demonstravam certa desconfiança e se mostravam indiferentes a minha presença ali, alguns pareciam não está muito interessados em conversar ou não davam tanta importância à pesquisa.

Convencê-los em contribuir com a pesquisa, não foi uma tarefa fácil, sempre colocavam algum empecilho, a falta de tempo era o motivo mais apontado. Alegavam que os horários eram todos preenchidos, quase nunca ficam ociosos na escola, e os momentos que não estão em sala de aula com os alunos, ou mesmo nos intervalos, aproveitam para realizar outras atividades (elaborando ou corrigindo provas, preparando aulas, ou preenchendo as cadernetas).

Alguns do turno da tarde questionavam o porquê de não realizar essa pesquisa em outro turno, por exemplo, pela da manhã já que a quantidade de alunos era bem maior, à tarde tinham poucas turmas e não era comum presenciarem práticas de violência, raramente se via tumulto por ali naquele horário, ao contrário do período da manhã que os alunos eram mais bagunceiros. Recordo um dia, nas primeiras visitas, de um momento em que conversava com a diretora sobre a pesquisa e uma professora que ouvia nossa conversa enquanto usava o computador, nos interrompeu, se voltou para mim e disse: *“mulher aqui à tarde o ambiente a é bem mais calmo, agora pela manhã o negócio aqui é carregado e a noite nem se fala, só estuda a galera da pesada.”*

Mesmo sem entender muito bem as colocações da professora naquele momento, agradei e informei-lhe que o objetivo também era realizar a mesma pesquisa no turno da manhã. Na realidade não compreendi bem a intenção dela, se realmente seu comentário foi lançado no sentido de querer ajudar de alguma forma, ou talvez como meio encontrado de eximir-se de participar da pesquisa, ou ainda deixar transparecer a imagem de um ambiente pacífico nos momentos que atua ali, já que não trabalhava nos demais expedientes.

Vale aqui uma ressalva que nem todos os professores demonstravam falta de interesse em ouvir e participar da pesquisa, ao contrário, entre o grupo, existia aqueles atenciosos, que se interessavam pelo tema, trocávamos informações, e por vezes, quando me

encontravam perguntavam como estava o andamento da pesquisa queriam mais detalhes sobre a pesquisa, perguntavam se estava dando tudo certo, e se disponibilizavam a ajudar em qualquer coisa que precisasse. Eles me informavam acerca de alguns episódios não só de violência, mas de outras questões que se passavam na escola durante as aulas, ou em outros momentos. Conversávamos sobre a falta de interesse dos alunos, as precariedades que a escola enfrentava, dentre outros assuntos relacionados aquele ambiente.

Importante lembrar que no início, como ainda estava me familiarizando ao ambiente e conhecendo os professores, permanecia maior parte do tempo na sala, às vezes, parecia que minha presença ali era notada por poucos, contudo, sabia que o tempo todo assim como eu observava, também estava sendo observada. Sabia que minha presença despertava curiosidade, mas poucos questionavam minha presença ali.

Vez ou outra, alguns docentes, principalmente os que lecionavam apenas no ensino médio e não tinham conhecimento da pesquisa, se aproximavam e perguntavam o que eu estava fazendo, questionavam se eu era estagiária, outros achavam que estava substituindo algum docente, professora recém contratada, perguntavam a disciplina que eu ensinava, também fui confundida com mãe ou responsável por algum aluno e várias foram às vezes em que funcionários me encontravam e confundiam com aluna daquela instituição. Ou seja, naquele grupo, para usar os termos de (Pereira, 2010), eu não tinha uma “uma definição rígida”.

Certa vez, aconteceu uma situação engraçada quando fui confundida com uma aluna da escola. Cheguei à escola no turno da manhã, e como de costume, o portão interno estava fechado, bati e fiquei aguardando o funcionário responsável por aquele setor vir abrir, logo apareceu uma inspetora que estava do outro lado em um portão defronte e começou a reclamar comigo, perguntando o que eu estava fazendo ali naquele horário, que não estava na sala de aula. Eu meio confusa e ao mesmo tempo desconfiada sem entender bem aquela situação, apenas rir e permaneci ali de pé aguardando que o portão fosse aberto. A funcionária se aproximou e ao perceber que havia me confundido com uma aluna, desconfiada abriu o portão e pediu desculpas, justificando ter se “atrapalhado” em razão da blusa que eu estava usando parecer com o uniforme das turmas do 9º ano.

Acompanhou-me até a sala dos professores e perguntou o que eu fazia ali todos os dias, se eu era alguma funcionária nova, pois, já tinha notado minha presença outras vezes, mas ficou com receio de perguntar. Sem entrar muito em muitos detalhes, respondi que estava desenvolvendo uma pesquisa com os professores por alguns meses, indagou do que se tratava a pesquisa e sem me deter muito aos objetivos da pesquisa falei que pesquisava sobre a

violência escolar. Ela logo começou a tecer comentários a respeito do ambiente, sinalizando que a escola era um espaço onde a violência fazia parte. *“Aqui é só o que tem! Isso aqui parece um inferno, os alunos não respeitam ninguém, você ainda não viu foi nada. Esses alunos aqui são carregados, aqui é difícil o dia em que não aparece um na diretoria, a diretora aqui num para não, é correndo pra lá e pra cá o tempo todo resolvendo ‘muído’ de aluno. São tudo uns bando de peste”*.

A partir de então, vez ou outra, quando que me encontrava pelos corredores e outros ambientes da escola, me falava de alguns acontecimentos que ocorriam naquele espaço. Outro dia, depois do intervalo quando eu já estava de saída, ela me acompanhou até o portão e mostrou o lugar que onde ficava a chave, disse que quando eu precisasse sair, caso não tivesse funcionário por ali para abrir o portão, eu poderia pegar a chave que ficava na secretaria.

Depois de semanas frequentando a sala dos professores, passei a conversar com quase todos que conseguia me aproximar. Com exceção de alguns nos quais era notável certa antipatia em relação a minha presença. A cada visita me sentia aceita pela maioria daquele grupo que cotidianamente se reunia naquele ambiente, paulatinamente fomos estabelecendo uma relação de confiança recíproca, onde as interações e conversas foram se tornando possíveis. A partir de então, todos ali ficaram me conhecendo como *“a menina da pesquisa”*.

A relação com as diretoras, desde o início da pesquisa também não era diferente, principalmente, a gestora no período da manhã sempre atenciosa perguntava se estava dando tudo certo com a pesquisa, e caso precisasse de alguma coisa, poderia procurá-la.

Nessa dinâmica, a pesquisa foi ganhando cada vez mais resistência. Lembremos aqui das considerações de Agier (2015) quando nos fala acerca da pesquisa de campo ao considerar que;

“Fazer pesquisa de campo” é estabelecer relações pessoais com quem não conhecemos anteriormente, junto de quem chegamos um pouco na marra. É então preciso convencer da lisura de nossa presença, pelo fato de que eles nada têm a perder mesmo se também não têm grande coisa a ganhar, sobretudo, que eles não correm nenhum risco. As relações podem ser harmoniosas, amigáveis com uns, conflitivas com os outros. (AGIER, 2015, p.34)

Alguns professores e funcionários que tinham conhecimento da minha pesquisa, sempre que acontecia algo relacionado ao tema, quando me encontravam costumavam me comunicar. Outro dia estávamos reunidos na sala dos professores partilhando o lanche no momento do intervalo, quando uma das funcionárias da secretaria bateu na porta, avisando

que tinha um rapaz na sala da diretora precisando de alguém ali que pudesse conceder uma breve entrevista sobre a violência presente naquela escola, todos que estavam ali olharam imediatamente olharam para mim. Uma professora que estava do meu lado disse: *“vai lá, pode ser interessante pra sua pesquisa”*. Retirei-me juntamente com uma professora saber mais detalhes, tratava-se de um jornalista de uma emissora de rádio local – Campina FM. Ele estava querendo conversar com a diretora ou algum representante da instituição que pudesse conceder algumas informações relacionadas ao seu cotidiano. Nesse caso, na condição de representante da escola, a professora de português se dispôs a conversar com o rapaz, mesmo assim, pude acompanhar mesmo de forma indireta, a entrevista realizada. O objetivo, segundo ele, era reforçar por meio da mídia os problemas de falta da segurança nas instituições públicas como uma forma de chamar atenção da população e autoridades para situações que assolam várias escolas da cidade, em razão disso, tinha interesse em saber sobre alguns acontecidos de violência que a escola havia enfrentado recentemente; as situações de violência mais frequentes no momento e quais os maiores desafios da escola perante essas situações.

A professora informou que são vários os desafios presentes na escola, dentre os quais, apontou a falta de segurança como um dos problemas mais urgentes, acrescentando que este se torna preocupante, pois em razão disso a escola é alvo constante de assaltos e aberta a possibilidades de violência.

Citou a título de exemplo, um episódio em que dois rapazes que não estudam na instituição, aproveitaram o momento da entrada dos alunos e disfarçados entraram na escola armados e logo após anunciaram assalto colocando em risco a vida de todos que estavam ali, inclusive dos alunos. Falou ainda a respeito de arrombamentos e furtos de equipamentos eletrônicos e até merenda escolar que havia sido levado.

As informações que podemos ouvir da professora enquanto ela conversava com o jornalista, foram interessantes para a pesquisa, pois contribuiu em parte para entendermos, a princípio, as diferentes formas que a violência se configura no contexto dessa escola, identificadas também em outros momentos da pesquisa.

2.2 – Situando o *locus* da pesquisa

2.2.1 Breve histórico – a Escola Estadual Rio Amazonas



Imagem 1 – Entrada principal Escola Estadual Rio Amazonas. Foto: Alessandra Silva - 2015

De acordo com as informações registradas nos documentos da escola, sua fundação ocorreu em 1965, inicialmente a escola possuía apenas com 04 (quatro) turmas, era denominada Escola Estadual de 1º e 2º grau e funcionava como sucursal de outra Escola Estadual localizada em outro bairro da cidade.

Após alguns anos, em 1968, a escola foi inaugurada em um novo prédio, passando a funcionar em sede própria. Construída em um terreno doado por um empresário do bairro na época, essa escola aos poucos foi ocupando um amplo espaço e em 1973, depois de ter passado por uma reforma, passou a ser chamada pelo seu atual nome, recebido em homenagem ao empresário acima mencionado.⁷

A unidade escolar atualmente funciona nos três turnos e atende um público de alunos do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano médio nos turnos manhã e tarde, além das turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA que funcionam no período noturno. No turno diurno atende em média 1.043 alunos, distribuídos entre o ensino fundamental e médio, e conta um quadro de 53 professores que atuam nas turmas de ensino fundamental e médio distribuídos

⁷As informações foram obtidas em pesquisa documental do histórico da escola, o documento foi disponibilizado para consulta pela direção da escola.

nos três turnos de funcionamento. O público de aluno atendido em sua maior parte são os moradores do próprio bairro, de bairros circunvizinhos, bem como de sítios e distritos próximos.

2.2.2 Os espaços

Cabe aqui descrever sucintamente a forma como se organizam as divisões internas do espaço escolar para que o leitor possa se situar como se configura os locais onde a pesquisa foi desenvolvida. Em termos de estrutura física, a instituição conta com um total de 16 salas de aula que se distribuem em dois andares, dessas 10 atendem o ensino fundamental, e o restante localizadas na parte inferior do prédio que são ocupadas pelos alunos do ensino médio. Além do número de salas, dispõe de um auditório, biblioteca, quadra esportiva, laboratório de ciências, cantina, refeitório, almoxarifado, sala de arquivo, laboratório de informática, sala de vídeo, sala de dança, sala de judô, seis blocos sanitários masculinos e femininos para alunos, pátio e corredores. Importante ressaltar que quase todas as dependências internas dessa instituição, são divididas por portões que na maior parte do tempo permanecem fechados e monitorados pelos inspetores e outros funcionários que se revezam entre os horários.

Dentre este conjunto de departamentos já apontados, nessa instituição existe ainda setor administrativo. Composto por: sala de professores, uma sala da direção geral, coordenação, secretaria e dois banheiros de uso exclusivo dos funcionários, essa área fica localizada logo na entrada do prédio escolar. Esse espaço fica localizado em uma área delimitada por dois portões que evidenciam um espaço de pouca circulação de pessoas, sobretudo, os alunos, a menos que sejam autorizadas.

Organiza-se em um pequeno pátio, utilizado também para exposição de quadros informativos com avisos de diversas ordens, placas de formatura dos que concluíram seus estudos ali e uma diversidade de cartazes confeccionados pelos próprios alunos que enfeitam as paredes, esses contém temas variados referentes a debates realizados em sala de aula. Cartazes que geralmente fazem alusão a temas de conscientização (DSTs, preservação do meio ambiente, desperdício de água, dentre outros temas dessa natureza). Alguns desses cartazes apresentavam rabiscos de canetas, isso indica que supostamente que talvez o local tenha sido escolhido para expor os trabalhos como uma forma de preservá-los, e não fossem

danificados pelos demais alunos, já que ali é um espaço de pouca circulação desse público e é também vigiado pelos inspetores.

A sala da direção é o local onde geralmente se resolvem os assuntos mais burocráticos da escola. O acesso a esta sala pelos demais funcionários, só é permitido sob autorização da diretora, com exceção dos professores que todos os dias no final do expediente fazem passagem obrigatória para assinar o ponto, caso isso não aconteça, levam falta que podem lhes causar prejuízos. Além disso, utilizam a sala quando precisam fazer uso do computador, pegar algum material e resolver algum assunto com a diretora, como por exemplo, fazer uso da sala de informática para desenvolver atividades com os alunos ou reservar algum instrumento, (data show, e outros materiais de uso coletivo da escola).

Este espaço também funciona como uma espécie de “cantinho” da disciplina. Na maioria das vezes, os professores recorrem a esse recinto para denunciar alunos que eventualmente apresentam algum problema de mal comportamento. Nessas situações, os professores sempre contam com a ajuda da diretora, principalmente, quando precisam solicitar a presenças dos pais na instituição. Durante a pesquisa foi possível presenciar muitas vezes, alunos que chegavam até a direção da escola acompanhados pelos professores ou inspetores que os conduziam, chegando lá denunciavam as indisciplinas causadas pelo aluno e deixavam - os sob os cuidados da diretora que se encarregava de conversar com o aluno e aplicar as punições cabíveis, tais medidas, quase sempre constituíam em ligar para os pais, convocando a presença desses na escola, ou ameaças de suspensão.

Neste caso, o ambiente também é bastante visitado pelos pais dos alunos quando convocados comparecem a escola, na maioria dos casos, essa visita só ocorre quando a diretora solicita a presença deles ali, no caso de algum problema relacionados à indisciplina do filho.

Dos espaços acima listados, um dos locais mais frequentados por mim, foi à sala dos professores. Nela, passei grande parte do tempo durante o período da pesquisa, onde pude acompanhar a rotina diária desses profissionais, o que em parte favoreceu bastante no desenvolvimento desta, sobretudo, as conversas observadas durante os momentos que permaneci ali. A sala localiza-se ao lado da diretoria e funciona como um ambiente coletivo, ponto de apoio para os docentes nos momentos de aulas vagas e no intervalo. É nesse espaço também onde são guardados os materiais individuais e coletivos, para esses fins, a sala é contornada por vários armários embutidos nas paredes, divididos em diversos compartimentos, cada um desses é identificado com o nome de cada professor e serve de uso

pessoal para guardar seus pertences, com exceção de outro armário, onde são guardados livros didáticos e outros materiais, materiais para aulas de educação física e outros de uso coletivo.

Além desses armários fixados nas paredes, vários quadros informativos dispostos em um muram, ou mesmo colados com fitas adesivas. Nele contém informações referentes aos horários das aulas, prazos para fins de atividades e entregas de cadernetas, comunicações de reuniões, anúncios de congressos, dentre outras programações.

Bem no centro da sala existe uma grande mesa cercada por cadeiras, é ali onde esses aproveitam para desfrutar dos 15 minutos de intervalo que a escola dispõe entre a 3ª e a 4ª aula. Momento de interação e de descontração, onde se reúnem e juntos compartilham do lanche fornecido pela escola, na maioria das vezes, suco de goiaba ou acerola e também a opção de café com biscoito. Além do lanche, nesse lugar são partilhadas muitas conversas, risadas, mas também desabafos, angústias, preocupações, troca de informações e experiências. Vale salientar que as conversas nem sempre são relacionadas ao ambiente de trabalho, muito embora esse assunto não esteja isolado dos diálogos nesse momento. Falam a respeito de problemas familiares, da falta de material na escola para trabalhar nas aulas, falam sobre modas, geralmente as mulheres, umas aproveitam e levam produtos para vender as colegas, como uma forma de complementar a renda. Geralmente são produtos de beleza (perfumes, maquiagens, roupas, dentre outros acessórios dessa natureza), e em pouco tempo, o espaço se transforma numa espécie de “bazar” que proporciona um importante momento de socialização, uma interação social que vai além de simples compra e venda de mercadorias, ali também se estabelecem relações de confiança e amizades entre os que negociam os produtos. Alguns compradores podem levá-los mesmo não tendo o dinheiro pra efetuar o pagamento naquele mesmo dia. Certa vez, uma professora me mostrou os produtos que estava vendendo, falei em outro momento compraria algo, pois naquele dia não havia levado dinheiro suficiente, ela insistiu disse que não tinha problema, se eu quisesse poderia levar, e pagaria na semana seguinte já que era fácil me encontrar por ali. Aproveitei e comprei um batom, nem estava precisando tanto, mas utilizei o momento como estratégia de aproximação com a docente, pois essa poderia vir a ser uma possível informante, além disso, foi estabelecida certa relação de confiança.

2.2.3 Muros e proteções

Externamente a escola é cercada por altos muros brancos que contornam toda extensão da escola, neles existem algumas pichações, e são todos contornados com grampos de pontas bem afiadas que servem como uma espécie de proteção. Logo no início da murada ficam dois portões principais de entrada, um mais largo dá acesso ao espaço onde funciona como estacionamento, destinado para entrada e saída de veículos dos professores (as), funcionários e alguns alunos que vão para a escola de moto ou bicicletas. O outro portão paralelo a esse e bem mais estreito funciona para entrada e saída dos alunos, mas no período esse estava sendo pouco utilizado, pois a entrada desses também ocorre pelo primeiro. Esses portões encontram-se sempre bem fechados com cadeados e dispõe de um vigilante/ porteiro que permanece ali durante o período das aulas, responsável para garantir a segurança da escola, ele controla por meio de identificação a entrada e saída das pessoas no ambiente escolar. Assim as pessoas que chegam são atendidas mesmo com os portões fechados. A identificação é feita por meio de uma pequena brecha existente em um dos portões. Importante destacar que além desses portões principais de entrada e saída, existem ainda outros que dão acesso as dependências internas da escola. Desses, existem dois que dão acesso a área administrativa, estes encontram-se sempre fechados para garantir o acesso restrito aqueles que não tem permissão de circularem por esse espaço. Essa área é normalmente de acesso para funcionários e quase nunca é permitida a passagem dos alunos por ali, a entrada desses últimos para as salas de aula funciona por outra porta mais estreita que fica ao lado do auditório e facilita o acesso para outras salas de aula e demais dependências de acesso aos alunos.

Nas primeiras incursões em campo, constatamos por meio do discurso de alguns professores e funcionários, elementos que apontam a escola como um ambiente marcado pela sensação de insegurança e violência que permeiam aquele espaço acaba sendo uma realidade visível pelos atores sociais que cotidianamente partilham aquele espaço.

Logo nos primeiros dias em campo, numa tarde quando eu estava de saída, um dos vigias que trabalha no turno enquanto abria o portão me alertou acerca dos “perigos” existentes naquele local. Segundo ele as práticas de assaltos nas imediações da escola são constantes “*a escola aqui é famosa, os bandidos vivem rondando por ai, planejando roubos.*” “*Essa escola aqui mesmo é assaltada direto, até mesmo nos horários de aula.*” Me contou ainda que a escola possuía outra entrada, mas com uma medida de segurança e também para

evitar invasões por parte de “bagunceiros”, tiveram que transferi o portão para um local mais visível, assim ficaria facilitaria monitoramento.

Essa sensação de insegurança foi verificada nos discursos dos professores em diferentes momentos. Numa ocasião em que esses se reuniram para discutir acerca de uma gincana estudantil que ocorreria na escola em comemoração ao dia do estudante. O evento aconteceria no final de semana e em razão disso, alguns professores se mostravam apreensíveis alegando que só participariam do evento com a presença de seguranças no local, pois seria preocupante realizar qualquer evento ali final de semana sem a garantia de pelo menos uma pessoa responsável pela segurança. Segundo uma das professoras, tal preocupação dava-se devido algumas experiências vivenciadas de “*badernas*” em outras ocasiões, inclusive em gincanas passadas quando “*vândalos*” saltaram o muro da escola e ficaram causando bagunça. A professora sugeriu que, como os vigias da escola não trabalhavam no final de semana, seria interessante um acordo com as gestoras sobre a possibilidade de contratar seguranças particulares no dia do evento. Ao que estas não acataram a ideia alegando que a escola não disponibilizaria recurso pra esses fins. Nessas condições, os docentes que participariam do evento entraram em consenso que contribuiriam cada um com o valor de 5,00 reais para a contratação de pelo menos um segurança, pois assim garantiam ficar mais “*tranquilos*” naquele ambiente no dia do evento. Em outro momento, ouvi uma conversa semelhante, enquanto esses conversavam no horário do intervalo, combinando a confraternização do final de ano; uma professora foi logo dizendo que só participaria de fosse em outro local, pois na escola à noite não teria coragem de comparecer.

Nesse sentido, talvez seja possível considerar que essa sensação de insegurança relatada nesse e em outros momentos, esteja atrelada ao contexto social do local em que a escola está inserida, ou ainda, decorrente dos níveis de violência presente dentro e fora da escola, que diariamente são ampliados pelo discurso da mídia quando disserta em suas matérias um aumento alarmante dos índices dos eventos dessa violência, anunciando, inclusive o estado de insegurança nesses estabelecimentos. É sob essa lógica do imaginário do medo, veiculados pelos meios de comunicação, que elementos como insegurança e violência passam a figurar uma das grandes preocupações nas instituições escolar.

Não por acaso, além dessa questão da falta de segurança relatada, a violência naquele espaço também parece ganhar certo grau de relevância nos discursos dos funcionários e professores que atuam nesta escola. Na primeira vez que cheguei à escola, numa ocasião, em que conversava com a diretora do turno da tarde, explicando-a sobre os objetivos da minha pesquisa, uma professora que preparava atividade no computador virou-se para mim e foi

logo afirmando: *“você está no local certo, pois aqui a gente convive com a violência todos os dias, isso aqui parece um inferno!”*

Em conversas posteriores com outros professores, um deles me relatou que a violência aparece como fator marcante nessa escola, e em uma visão estigmatizadora sugeriu que esta violência presente ali estaria atrelada a localização da escola, e devido está situada em uma área periférica e atender um público oriundo desses bairros – “favelas”, isso acaba favorecendo para um espaço propício tanto as práticas de violência, quanto para a entrada de armas e drogas na escola. Apontam ainda, os alunos como os principais protagonistas dessas violências, sob o estigma de que o maior problema enfrentado pela escola, é que a maioria desses alunos vem da periferia, local marcado pela violência, onde convivem pessoas envolvidas com crime, e isso acaba de certa forma, contribuindo para que tais práticas se proliferem no ambiente escolar.

2.3 Visitando a segunda escola

A Escola Estadual Rio Paraíba



Imagem 2 – Entrada principal Escola Rio Paraíba – Foto: Alessandra Silva – 2015

A segunda escola que constitui o *lôcus* dessa pesquisa está situada em um bairro nobre, localizada próximo ao centro da cidade. As poucas informações referentes à escola, dispostas em um projeto pedagógico escrito pelos professores da escola dão conta de que instituição foi fundada no ano de 1955, criada por iniciativa do governo do Estado durante a

gestão do governador José Américo de Almeida. No que tange as configurações de espaços, as escolas observadas possuem características semelhantes enquanto a organização física, no entanto, em termos estruturais existe uma diferença significativa entre essas duas escolas principalmente em relação a dimensões espaciais. Essa segunda dispõe de um espaço bastante limitado se comparada à anterior.

Em estrutura bastante limitada, esta também funciona nos três expedientes, no período da manhã e tarde, nos quais são ofertados as séries do 6º ao 9º anos do ensino fundamental e no turno da noite as turmas do EJA- Educação de Jovens e Adultos. Em 2015, ano em que a pesquisa foi realizada, a escola contava com em média 800 alunos distribuídos entre os turnos de funcionamento. Quanto aos atores sociais que compõem o universo dessa escola, encontramos os professores, diretora, vice-diretora, funcionários da limpeza, funcionários de serviços gerais, secretárias, auxiliares administrativos, inspetor de alunos, vigilantes e alunos.

No que concerne as configurações dos espaços físicos que organizam a instituição, a escola basicamente conta com dez salas de aula, uma sala para os professores, uma pequena sala onde funciona a diretoria, uma para secretaria, uma cantina, banheiros, uma sala que funciona como biblioteca e laboratório de informática e alguns corredores. Essas salas são pequenas, mais ou menos do mesmo tamanho. Devido às suas limitações, a escola, não possui um espaço disponível para recreação, ou atividades práticas nas aulas de educação física. Em razão disso, para essas aulas, os alunos acompanhados de seus professores, se deslocam para outra escola são localizadas no mesmo bairro que cede a quadra esportiva para execução das atividades.

Na frente da escola existe uma pracinha, onde outrora os alunos podiam utilizar nos momentos de intervalos, ou mesmo nas aulas de educação física, contudo, conforme informou uma professora, por medidas de segurança, não é permitido mais a saída dos alunos durante o recreio, e como ali os espaços internos são reduzidos, resta a esses, apenas o espaço exíguo dos corredores do prédio escolar para circulação durante esse período. É válido ainda salientar que, quando os alunos precisam sair pra comprar algum lanche fora da escola em um carrinho que fica na calçada do prédio escolar, organiza-se uma fila no portão e o porteiro fica controlando os alunos que individual ou em pequenos grupos saem e em poucos minutos retornam com o lanche para consumir no interior da escola.

Em conversas posteriores, uma professora justificou os motivos pelos quais a escola tomou as medidas cabíveis em relação aos alunos não fazer uso da praça nos momentos de intervalo.

A escola aqui não tem muito espaço como você ver, a gente até tava colocando na praça, mas estava ocorrendo muito assalto, porque ficavam os traficantes aqui fora, ocorriam muito assalto (...) aí o quer que a gente faz, é um aperto, é muito barulho, é, mas é uma forma da gente proteger, aqui dentro a gente está vendo o que se passa, lá fora fica mais complicado. (Professora de Ciências – Manhã)

Os cuidados relatados pela professora também apareceram nos discursos de outros professores, que apontaram a necessidade da escola prezar pela segurança dos alunos, e então mantê-los dentro da instituição mesmo durante o intervalo, esta seria a forma mais adequada a proporcionar segurança a esses longe dos “perigos” que circundam a escola, tendo em vista, que no interior da escola seria mais fácil saber o que estava se passando.

2.3.1 Negociações

As primeiras inserções nessa escola, tal como na anterior tiveram início durante o mês de junho de 2015. Minha primeira visita a instituição deu-se em terça feira pela manhã. Chegando lá, o portão estava fechado, bati e logo o porteiro apareceu, com o portão ainda meio aberto, me identifiquei e disse que gostaria de falar com a diretora, ele gentilmente me conduziu até a sala da direção. Apresentei-me como estudante de mestrado em Ciências Sociais da UFCG e que estava ali porque precisa de sua autorização para a realização de uma pesquisa com os professores daquela instituição sobre violência escolar. Especifiquei os objetivos e esclarecimentos pertinentes a pesquisa. Tive uma boa receptividade pela diretora que após ouvir atentamente o motivo da minha visita, me deu as boas vindas, e se prontificou a me ajudar no que eu precisasse. Conversamos mais um pouco a respeito de como seria desenvolvida a pesquisa. Disse que eu não precisava me preocupar, pois ela mesma teria uma conversa com os professores e se encarregaria de informá-los sobre a pesquisa, enfatizando a importância desses em participarem da pesquisa, pois seria também uma forma de refletirem acerca do fenômeno naquela instituição. Revelou que ali é comum enfrentarem problemas relacionados à violência, inclusive contra os próprios alunos, contudo a maioria dos professores por estarem ali há muito tempo, não levam muito a sério os atos violentos que por vezes acontecem. O que ela quis afirmar com isso é que supostamente esses docentes já haviam se acostumado com os atos presenciados e por essa razão, tendiam a naturalizar deixando passar, sem dá muito importância as práticas.

Na ocasião, ela informou ainda que a escola estava organizando um projeto que seria executado naquela semana e em razão disso, os professores estavam muito atarefados na

organização das atividades que seriam apresentadas, e que na semana seguinte a escola entraria em recesso pelo período de 15 dias em decorrência das festas juninas. Assim, sugeriu que seria melhor eu retornar após o recesso para dá início as atividades da pesquisa e caso quando eu retornasse ela estivesse ausente, poderia me reportar à vice-diretora, informando-lhe da sua permissão para a realização de pesquisa. Deu-me o número do telefone da escola, acrescentando que caso precisasse de alguma informação poderia ligar.

Após o recesso, retornei a escola para dá continuidade a pesquisa, dessa feita, minha intenção era manter contato com os professores e conversar com esses a respeito da pesquisa. Chegando à escola, fui até a sala da direção, mas encontrei a porta fechada, uma funcionária que fazia a limpeza da escola, me informou que ela se encontrava na secretaria em reunião. Sentei-me em uma das cadeiras que fica ao lado da sala onde funciona a secretaria e permaneci ali aguardando que o momento que pudesse me atender.

Encerrada a reunião, ela me convidou que a acompanhasse até sua sala, lá me informou sobre os horários de funcionamentos das atividades da escola, me apresentou um quadro que continha os horários, quantidade de disciplinas e os professores que lecionam na escola. E ainda listou os nomes de alguns que de repente seriam interessantes para participar da pesquisa, indicando os professores que ministram o maior número de aula. Esse segundo encontro e conversa com a diretora, sobretudo o quadro por ela facultado, auxiliou bastante na escolha dos professores que nos interessava para a pesquisa.

Sugeriu ainda que o momento do intervalo seria oportuno para conversar com os professores, pois nesse horário todos se reúnem, em sua sala, e assim seria mais fácil estabelecer contato com quem interessasse, acrescentou que eu também poderia ficar naquela sala nos períodos em que estivesse na escola. A solicitude da diretora foi fundamental, pois partilhar desse espaço junto com os professores nos momentos de intervalo e aulas vagas, me ajudou a estabelecer uma relação de proximidade e confiança, além de poder ouvir e acompanhar os diálogos desses acerca do cotidiano local.

Seguindo a sugestão da diretora, permaneci ali aguardando o sinal anunciar o término da 3ª aula e início do intervalo que acontece entre 15h15min às 15h 30min. O sinal tocou, e a diretora me conduziu até a sala dos professores, aos poucos estes iam chegando e em instantes, a mesa que fica no centro da pequena sala onde se reúnem, ficou completa. Ela solicitou atenção de todos, deu um aviso sobre o prazo de um projeto de intervenção que deveria ser enviado até o final do mês, em seguida me apresentou para o grupo e disse que eu tinha algo a conversar com eles. Falei, então que estava ali para realizar uma pesquisa para a dissertação de mestrado sobre violência escolar, e precisava contar com a participação deles

para o desenvolvimento da pesquisa, expliquei minhas intenções de pesquisa, bem como os procedimentos para tal.

O contato com os docentes dessa escola nos dois turnos ocorreu de forma bem mais acessível que a anterior, desde os primeiros contatos, tivemos uma relação de amizade bastante agradável com todos que conversava. Na sala tinha em média oito professores, todos que estavam ali se apresentaram, informando à disciplina que lecionavam, acrescentando que estariam à disposição para contribuir com a pesquisa. Desde esse primeiro momento já me sentindo aceita por aquela turma, agradei a atenção e combinei de voltar em outro momento para conversarmos melhor a respeito de possíveis horários para entrevistas, haja vista que o intervalo estava quase terminando. Permaneci ali até o final do intervalo sentada apenas a observar.

Enquanto lanchavam muitos falavam do comportamento dos alunos, se queixavam da bagunça desses nos momentos das aulas. Uma professora, aparentemente, agitada entrou na sala para falar com seus colegas que estavam ali, a respeito do comportamento de uma aluna, questionando a esses como a aluna se portava em suas aulas, pois não aguentava mais chamar atenção da menina e não ver resultado em seu comportamento estava indo até a diretoria levar o caso para que a diretora tomasse as providências devidas por meio de conversas com a aluna, caso não resolvesse, solicitaria a presença dos pais, pois ela só assistiria a suas aulas quando resolvesse se comportar “*como gente*”.

Em visitas posteriores, enquanto permanecia na sala com os professores, ouvi também outros docentes que se queixavam do comportamento dessa aluna, alegavam a falta de interesse da menina e sua indisciplina nos momentos das aulas.

Presenciei várias vezes pais dos alunos, quase sempre a mãe, que com certa frequência, compareciam para conversar com professores e direção a respeito do comportamento do seu filho. Alguns vão até a escola quando solicitados pela direção a pedido dos professores, geralmente quando o aluno apresenta algum problema em relação ao seu comportamento, ou seja, quando esse “está dando trabalho na escola” ou estão tirando notas baixas, este alunos recebe advertências e caso continue, os pais são convocados a comparecer a escola. Outros mesmo sem a solicitação no momento em que vão deixar o filho na escola se dirigem até a secretaria, sala da diretora, ou procuram os professores para saber acerca da conduta do filho na escola. Nos momentos em que realizava observações no pátio e na sala dos professores foi possível presenciar mães que chegam à escola em busca de conversar com professores querendo saber como está o comportamento do filho, e vez ou outra, alguns aparecem apresentando atestados médicos, justificando a ausência do filho nas aulas. Em

relação ao último caso, pude presenciar pelo menos duas situações em que mães compareceram a secretaria informando sobre a ausência do filho, ambas alegaram que estavam doentes, em razão disso não poderiam comparecer as aulas.

Além disso, no final de cada bimestre, escola dedica um dia na semana, geralmente a sexta feira para a realização de reunião com os pais, esse momento é chamado plantão pedagógico. Trata-se de um dia reservado ao atendimento aos pais ou responsáveis dos alunos. Na ocasião esses têm a oportunidade de comparecer a escola para receber o boletim do filho e podem conversar melhor com o professor de cada disciplina que o filho cursa em relação às notas, frequência e o comportamento do seu filho nas suas aulas e na escola.

Importante ainda acrescentar, que conforme me informaram alguns professores com os quais costumava conversar durante as visitas e também nos momentos das entrevistas, independente do plantão pedagógico, quando se tem alguma situação mais emergencial relacionada ao comportamento do aluno, por exemplo, este estiver bagunçando muito nas aulas, os professores se reúne e conversam sobre o possível “problema” apresentado, depois conversa-se com o aluno, e dependendo da situação, é encaminhado à direção que também conversa com esse caso, caso o aluno insista nos atos de indisciplina, solicita a presença dos pais para que haja os esclarecimentos, pois na maioria dos casos, conforme relatou uma professora, *“os pais nem sempre tem conhecimento, ou às vezes chegam a se surpreender quando são alertados sobre as indisciplinas do filho na escola.”*

É certo que nem todos os pais têm essa visão de acompanhar e se preocupar com comportamento do filho na escola, existem aqueles que orientam os filhos em diferentes modos de comportamento, inclusive incentivando - os muitas vezes revidar atitudes violentas em relação aos colegas ou tratar com indiferença. Em se tratando de comportamentos violentos, isso acaba contribuindo para que as práticas se tornem rotineiras de modo a inviabilizar a contenção de vários problemas presentes na escola, como no caso das violências e outras práticas.

Algumas vezes enquanto estava na sala dos professores, ou sentada nas cadeiras do corredor que ficavam de frente à janela da secretaria, pude ouvir conversas de professores com mães que foram solicitadas a comparecer à escola para resolver algum problema relacionado ao comportamento do filho. Em um dos casos, os professores estavam preocupados em relação um aluno do 8º ano do período da manhã, nos momentos do intervalo enquanto se reuniam na sala para o lanche, inevitavelmente eu ouvia esses se questionarem, sobre o comportamento de um específico aluno durante as aulas. Comentavam que o menino era bem esperto, tinha boas notas e costumava participar de todas as atividades, porém,

começou a se isolar dos demais colegas, mostrando certa resistência em participar das atividades quando eram realizadas em grupo ou dupla. Os professores notavam também que em outros momentos fora da sala de aula, por exemplo, no período do intervalo o aluno permanecia isolado, e não se integrava com os colegas.

A mãe foi chamada na escola, nesse dia eu estava na sala dos professores e acompanhei a conversa da mulher com dois professores e a vice - diretora. Ao ser informada sobre o assunto. Ela confessou que seu filho era instruído a se comportar daquela maneira, pois ela não o queria com amizade junto aos alunos que estudavam naquela escola, ali tinha muito gente “sem futuro” e poderia ser uma má influência. Alegando que o garoto sempre estudou em escola privada e lá ele tinha várias amizades.

Percebe-se na fala da mulher uma visão marcada pelo estereótipo através da qual as escolas públicas são locais supostamente destinados à população menos favorecida, os pobres, mais suscetíveis às práticas de violência. Reforçando a ideia de que parte dos alunos de lá por serem desses locais, não seriam boas companhias para seu filho que vinha de um “lugar melhor” e não pode se “misturar” com aqueles que provavelmente não teriam os mesmos padrões de vida dos colegas com os quais construiu amizades na escola anterior.

Por outro lado, a postura de um tom preconceituoso adotada pela mulher, em orientar o garoto a se comportar daquela maneira, não deu oportunidade do filho ter contato com outros estudantes para interagir, trocar ideias e construir novas amizades.

CAPÍTULO III

Disciplinas, “bate boca” e palavrão - algumas expressões de violências no contexto das escolas pesquisadas

Tentaremos levar em conta neste capítulo, registros de pequenas situações cotidianas com as quais nos deparamos durante estadia em campo que refletem como se configuram as relações estabelecidas entre os atores sociais que compõe o cenário dessas escolas. Acreditamos que listar alguns exemplos dessas situações observadas, torna-se importante na perspectiva de entendermos a realidade das instituições pesquisadas a partir das dinâmicas de funcionamento que organizam e dão sentido a estes espaços.

Considerando a Escola Rio Amazonas, logo nas primeiras semanas de incursões em campo nos deparamos com episódios indicadores de um ambiente aparentemente conflituoso, por diversas situações, dentre os quais, destacamos aqui um dos episódios ocorridos entre duas alunas no turno da manhã.

Era uma quarta feira por volta das 9h 20 min. da manhã, horário em que acontece o intervalo, quando cheguei ao portão principal da escola, ainda do lado de fora, enquanto aguardava o vigia abrir o portão, era perceptível o alvoroço dos alunos que pela brecha do portão compravam lanche em uma barraquinha que costumeiramente fica na frente da escola. Uma menina aparentemente impaciente grita: *“Me dê uma pipoca e duas pelotas”* enquanto a mulher da barraca atendia aos pedidos da aluna, ela agitada e impaciente continua: *“rápido que tô perdendo o babado ali, tenho que botar fogo no negócio ali, posso perder nada não”*.

A gritaria ensurdecadora e alvoroço dos alunos impediam que o porteiro me ouvisse chamar no portão. Após alguns minutos de espera, um aluno foi chamar o porteiro e finalmente o portão foi aberto e pude assistir de perto o que se passava. A poucos metros do portão me deparei com uma grande concentração de alunos, o que geralmente sinaliza algum problema, já que esse movimento não era comum ali nos outros dias.

O ambiente estava agitado, mal dava pra ver o que estava se passando, os gritos ecoavam, uns vibravam na torcida gritando os nomes das meninas que estavam no centro de todo aquele aglomerado, enquanto outros de cima dos bancos de cimento pareciam se divertir registrando as cenas em seus celulares fotografando e filmando.

Tratava-se de uma discussão fervorosa entre duas alunas. A briga não envolvia agressões físicas, contudo, não eram poucos os insultos de ordem moral utilizados pelas garotas por meio de palavrões e ameaças na frente dos demais colegas os quais pareciam se

divertir perante todo aquele episódio que ganhava ainda mais tom diante dos gritos de “incentivos” dessa plateia.

Em meio a aquele todo tumulto, encontrava-se a diretora que tentava de forma inócua apaziguar a situação das alunas que insistentemente insultavam-se, e mesmo com a presença da gestora, a qual gritava pedindo que parassem, a discussão parecia ganhar mais força. Um dos porteiros e dois inspetores que auxiliavam a diretora apartando a briga, ao mesmo tempo tentavam conter as algazaras dos demais alunos, insistindo que retornassem para a sala de aula, enquanto esses relutavam em permanecer espalhados pelos corredores, tumultuando ainda mais o ambiente. Este foi um daqueles dias tensos, os alunos passaram o tempo todo agitados, sem querer retornar as salas. Foi difícil conter a euforia dos estudantes, que mesmo depois do intervalo circulavam o tempo todo pelos corredores e insistiam em permanecer no auditório compartilhando os vídeos e comentando com os colegas acerca da confusão.

A tensão no ambiente não cessou. Passado o momento do intervalo, quando o tumulto já estava razoavelmente amenizado a mãe de uma das alunas envolvida na confusão compareceu a escola furiosa acompanhada de uma amiga. Ela queria saber o que havia acontecido com sua filha. Ao chegar no portão, antes de conversar com a diretora acerca do ocorrido, foi logo anunciando: *“Quem se meter com Jessiquinha aqui vai se ver comigo eu quebro no cassete.”*

Era nítida a tensão e preocupação da diretora com a presença da mulher ali. Na tentativa de “abafar” o caso da briga, talvez por temer que a mulher pudesse piorar ainda mais a situação, ou tentasse vingar a briga da filha contra a outra garota, nada comentou sobre os motivos da confusão. Ela, apenas, disse que não tinha acontecido nada demais, só uma pequena discussão entre as duas alunas, mas tudo já havia se resolvido, tinha conversado com as alunas, as quais já em sala assistindo aula.

Porém, as informações passadas pela gestora, aparentemente, não convencerem a mãe que insistiu em permanecer ali mesmo com o portão fechado aguardando o término da aula, alegando que queria ver sua filha.

A motivação desta briga nos foi relatada por uma aluna com quem conversamos depois do intervalo enquanto aguardava a professora retornar a sala de aula. Segundo a garota com quem estávamos conversando, a briga teria sido motivada por um desentendimento ocorrido desde a semana anterior entre as adolescentes “por causa de namorado” quando uma delas havia denunciado outra amiga – estudante de outro turno – que havia flagrado a menina,

na escola, ficando com seu namorado. Ao flagrar a cena, ela registrou no celular e saiu divulgando as imagens, para outras colegas.

O que nos chamou atenção desde o início, foi a indiferença dos professores frente à confusão, mesmo tendo ciência da discussão que estava ocorrendo lá fora, aparentemente, faziam pouco caso. A posição desses docentes parece demonstrar que eventos dessa natureza eram comuns no cenário do interior da escola, de modo que tal episódio era visto por esses educadores como “natural”. Isso foi identificado na fala de uma das professoras, enquanto esta conversava com uma colega passando pelos corredores em direção à sala de aula depois do intervalo, quando comentou que já estava tão acostumada com esses acontecimentos que não perderia mais seu tempo *“apartando briguinhas ou conversando com alunas”*.

Nesse mesmo dia, tínhamos marcado uma entrevista com um professor no período da tarde. Na sala dos professores não se falava em outro assunto, era *“a confusão das alunas da manhã”*, falavam em ambiente tenso, alunos carregados, outros comentavam que *“alunos do turno da manhã são muito bagunceiros, vivem criando confusão na escola”*.

No momento do intervalo, a diretora desse turno como de costume, entra na sala para dar alguns avisos aos professores e ao ouvir os comentários, externou sua opinião a respeito das informações que lhe foram passadas pela vice - diretora acerca da confusão das alunas. *“Ela é muito besta (se referindo a outra gestora) ficar se preocupando com briguinhas de alunos. Agora veja, se vou ficar perdendo tempo com briguinhas besta de alunas! Essas ‘raparigas’ que ficam ‘brigando por macho’ to nem aí, minha função aqui é outra, já tenho muita coisa pra dá conta. Querem brigar, vão brigar lá fora, na rua, aqui na escola não é lugar pra isso, depois as mães chegam aqui cheia de razão, não tem controle, não dão ordem em casa e querem culpar a escola por tudo achando que a escola tem responsabilidade”*.

A omissão tanto da gestora quanto dos docentes frente a esta e outras situações de agressões evidenciam em parte que, muito embora o convívio aparente com episódios dessa natureza, que estes estariam pouco preocupados em intervir ou resolver casos de violências e conflitos entre estudantes no interior dessa escola. É possível considerar ainda, que em certa medida, essa indiferença contribui para que situações de agressão se perpetuem, podendo tomar uma dimensão ainda mais significativa, além da possibilidade de que a violência se afirme como um dos principais meios efetivos para resolver desentendimentos e conflitos no âmbito desse espaço.

Nesse sentido Abramovay e Rua (2002), apontam que as discussões, mesmo as motivadas por motivos banais, podem tomar maiores proporções abrindo possibilidades para práticas mais graves, quando muitas vezes, há ocasiões em que as situações entre ameaças,

brigas, provocações e bate bocas se agravam podendo ocorrer episódios de violência de maior potencial, por vezes danosos, tornando-se mais difícil para a escola à contenção e o remediar de tais eventos. A afirmação apresentada pelas autoras é evidenciada no episódio descrito acima, o qual não se tratava de atos violentos que colocassem em risco a vida das alunas, mas com efeito, eles tornam-se preocupante e não podemos tomá-lo enquanto práticas de brincadeiras inocentes, nem tão pouco menos eficientes que aqueles que envolvem agressões físicas.

3.1 Medidas disciplinares

Como em qualquer outro estabelecimento, as escolas institucionalmente se organizam por um conjunto de normas aplicadas que organizam seu cotidiano, sobretudo, aos alunos como forma de manter a ordem. Tais normas são estabelecidas e aplicadas cotidianamente contra os alunos que compõem o cenário desse espaço, onde a disciplina funciona enquanto condição básica para manter essa ordem. O fato é que quando o comportamento dos alunos não condiz com as normas estabelecidas, muitas vezes surgem atos disciplinares que podem incitar atritos entre esses e o corpo pedagógico. Essas discussões manifestam-se, geralmente por meio de ataques verbais, por vezes de cunho constrangedor contra esses alunos.

Dentre as normas internas institucionais aplicadas contra esses sujeitos pelas diretoras, a exigência do uso de uniforme, e a não permanência ou circulação de alunos pelos corredores, pátio ou quadra esportiva durante os horários de aula, representam as modalidades de indisciplina mais frequentes no cotidiano dessas escolas.

Caso um aluno compareça a escola em horário de aula ou para realizar qualquer outra atividade dentro da instituição sem a camiseta do uniforme, a permanência desse nas dependências da escola, sobretudo, na sala de aula não é permitida. Presenciamos em uma das escolas, diversas vezes, alunos sendo barrados no portão principal por não estarem vestidos conforme as normas da instituição de ensino, e quando o discente insistia com o porteiro, esse era conduzido para a diretoria, lá eram tomadas as medidas cabíveis junto com a diretora, tais medidas quase sempre culminam em proibir o aluno a assistir às aulas. Contudo, é pertinente ressaltar que quando isso acontece, raramente, o aluno retorna para seu lar, pois é comum que alguns permaneçam ali, mesmo sem assistir aula.

Essas situações eram comuns especificamente na Estadual Amazonas. Um dia pela manhã, estávamos na sala dos professores, juntamente com duas docentes que dialogavam a respeito da organização de uma gincana que ocorreria na semana seguinte, quando uma aluna do turno da tarde chegou procurando uma das professoras para o ensaio de uma atividade da gincana. A diretora que também estava naquela sala, ao notar a presença da garota perguntou pelo uniforme, ela respondeu que não tinha ido assistir aula, estava ali para o ensaio, e já que estudava em outro horário, achou que não seria necessário o uso deste. Sem aceitar argumentos, alegou que sem uniforme a aluna não poderia permanecer ali, pois ela conhecia muito bem as normas, então não havia justificativa e na realidade, ela nem deveria ter entrado na escola.

Em relação ao uso do uniforme, depois a gestora nos explicou que desde sua atuação ali, procurou estabelecer essa regra em prol de um ambiente mais organizado, embora muitos alunos insistissem em desobedecer. Contudo, nos últimos anos passou a tomar medidas mais rigorosas em relação à exigência do uso do fardamento de modo mais rigoroso, como forma de controlar e proteger os alunos, evitando, por exemplo, a entrada de pessoas “estranhas” na escola, devido alguns problemas que a instituição havia enfrentado com entrada de pessoas desconhecidas. Contou-nos sobre situações de jovens que não estudavam na instituição e que aproveitavam o momento de entrada dos alunos, para adentrar e fazer bagunças, praticar atos de furtos, vandalismos, etc. e esta situação estava se tornando incontável.

Das práticas disciplinares mais constantes, observadas, as ameaças de suspensão e/ou expulsão, caracterizam-se como uma das modalidades de punições impostas pela direção da escola. As disciplinas aplicadas são quase sempre ocasionadas pelas manifestações de desrespeito contra os professores na sala de aula, diretores, indisciplinas no ambiente escolar e brigas com os colegas. Geralmente os alunos que se comportam de maneira inadequada no interior desse espaço, recebem alerta de suspensão com a exigência de que os pais ou responsável pelo aluno compareçam à escola, caso contrário, não é permitido ao aluno a entrada na escola para assistir as aulas.

Por exemplo, não é permitido aos alunos, saírem da escola fora do horário estabelecido, a menos que o professor falte e não tenha nenhum colega disponível para substituí-lo naquele horário. Caso aconteça de algum aluno precisar ir pra casa mais cedo, pelo motivo de não estar se sentindo bem, ele se dirige até a direção da escola e pede permissão a diretora tenta entrar em contato com os pais ou responsável, comunicando que o filho já saiu da escola e especifica o motivo. Raramente os alunos são liberados antes dos horários estipulados sem autorização dos pais.

É certo que as medidas disciplinares aplicadas tanto pela instituição quanto na sala de aula são necessárias para garantir o funcionamento de qualquer escola. Conforme observa Abramovay (2005), “as regras e as normas são instrumentos que regulam e regem procedimentos e atos, assumindo um caráter obrigatório acerca de uma determinada forma de comportamento, sendo utilizadas para que se mantenha a ordem escolar”. No entanto, tomando como base as escolas observadas, existem situações em que essas apresentam certa dificuldade em aplicá-las e acabam estabelecendo medidas de controle, das quais podem surgir vários conflitos e discussões.

Na medida em que as punições são estipuladas de forma arbitrária, a escola pode ser um *locus* privilegiado do exercício da violência simbólica. A violência nesse caso seria exercida pelo uso de símbolos de poder que não necessariamente utiliza-se o recurso da força física, e essa violência é exercida não só pelos alunos, mas entre eles e os professores. (ABRAMOVAY e RUA 2003, p.34-35)

Muitas vezes, os mecanismos disciplinares e as medidas de controle utilizadas pela direção, acabavam provocando situações de conflitos no ambiente dessa escola. Durante as observações foi possível presenciar momentos de tensão em relação aos alunos e autoridades pedagógicas. Em algumas situações as discussões eram sempre marcadas por palavras de cunho depreciativo contra os alunos, sobretudo, quando se tratava de alunos moradores da periferia.

Logo nos primeiros dias presenciei uma discussão entre uma inspetora de alunos que fazia plantão nos corredores “controlando” os alunos do turno da manhã, e um estudante que insistia ir pra casa. Eu estava na diretoria realizando pesquisa documental quando a inspetora entrou acompanhada do aluno e aos gritos começou a importunar o mesmo, informando à diretora que este não queria assistir aula, insinuando que o mesmo estava inventando de ir pra casa, para ficar vagando na rua. A gestora sem questionar muito o porquê do aluno querer ir pra casa pediu o telefone de sua mãe para que pudesse entrar em contato, mas o garoto resistiu em fornecer a informação. Nessas circunstâncias, ele não poderia ser liberado sem que as aulas encerrassem, o aluno permaneceu ali insistindo que o deixasse ir pra casa, pois não estava a fim de assistir aula.

Enquanto isso, a inspetora retorna e sem motivo evidente, começa a insultar o aluno com termos depreciativos que ecoavam em alto e bom tom, tornando impossível qualquer reação de defesa do garoto que apenas ouvia as acusações da funcionária. *“Esse menino é um sem futuro, isso quer nada com a vida não”, só quer tá no meio da rua fazendo coisa*

errada”. Ela tinha ido até a sala onde o garoto deveria estar assistindo aula e chegou com a informação que este havia sido expulso pelo professor por estar causando bagunça na sala – a expulsão consiste uma prática bastante comum nessa escola, utilizada quase sempre como forma de resolver os conflitos entre professor e aluno na sala de aula, ou desse se “livrar” do aluno que “atrapalha” a aula.

“Olhe quando você quiser ir embora, vá sozinho, não fique chamado os outros não viu! você não é influência boa. Já conversei com (...) fala o nome do garoto, que não quero amizade, com você aqui.” Sua preocupação, era por ter presenciado seu sobrinho que também estudava naquele período, passeando com aquele aluno em outros momentos e em tom discriminatório, como forma de inferiorizar o garoto, sugeriu que ele não era uma boa companhia, não constituía uma amizade “saudável” para quem era do “bem”, a exemplo de seu sobrinho que a mãe só o deixava estudar ali porque estava sob os cuidados dela, a tia que todo o tempo o vigiava, “protegendo”. “Mulher”, se reportando a diretora que acompanhava todo o discurso, “esses meninos do Pedregal⁸” – referindo-se ao bairro que o menino mora –, não querem nada com a vida não, esse aí mesmo com certeza não quer ir pra casa, quer ficar é no meio da rua fazendo coisas erradas, eu o conheço muito bem, isso não é boa peça. Por isso que não quero nem saber do Everton, se referindo ao sobrinho, andando com ele aqui. *“você está ouvindo né?”* Aparentemente constrangido diante dos insultos que calado ouvia, o garoto reagiu contra, respondendo que ela calasse a boca e se importasse em cuidar de sua vida, pois ela não tinha o direito de acusá-lo daquela forma sem nem ao menos o conhecer.

Esse e outros exemplos são emblemáticos de um clima por vezes tenso no cenário dessa escola, revelando ainda, a forma como situações dessa natureza costumam ser “resolvidas” e o modo como as autoridades pedagógicas relacionam-se com os alunos.

Os momentos em que permaneci nesta instituição, principalmente no período da manhã, costumava presenciar situações reveladoras de um clima bastante hostil, marcado por algumas questões conflituosas envolvendo não só os alunos, mas entre esses e demais funcionários, a situação listada anteriormente, serve bem para ilustrar como são estabelecidas tais relações.

É importante aqui salientar que as escolas são, por vezes, produtoras de suas próprias violências contra os alunos, disseminadas por meio de mecanismos disciplinares nas vivências

⁸Os estudantes que habitam nesse bairro, são muitas vezes marcados pelo estigma social, vistos como “violentos”, “maconheiros” e “perigosos”, para muitos professores e outras autoridades pedagógica da escola, esses seriam uma espécie de ameaça para a escola, não por acaso, a maioria das desordens que ocorrem na escola, inclusive os casos assaltos e atos de vandalismos são atribuídos aos “moradores da favela”.

cotidianas, como meio de evitar a “desordem” do ambiente, utilizando-se de discursos e práticas marcados por “uma afirmação de poder legitimados por uma determinada norma social o que lhe confere a forma de controle.” Neste sentido, é possível pensarmos essa violência “da” escola – aquela exercida pela instituição que é imposta aos alunos por meio das normas e hierarquias que a regem – a partir das considerações de Santos (2009, p. 119) como,

um dispositivo de excesso de poder, uma prática disciplinar que produz um dano social, atuando em um diagrama espaço-temporal, a qual se instaura com uma justificativa racional, desde a prescrição de estigmas até a exclusão, efetiva ou simbólica. Esta relação de excesso de poder configura, entretanto, uma relação social inegociável porque atinge, no limite, a condição de sobrevivência, material ou simbólica, daqueles que são atingidos pelo agente da violência.

Não se pode omitir que nessa escola, algumas dessas medidas disciplinares, e a forma como essas são aplicadas, por vezes também expõem os alunos a situações de constrangimento e humilhação, marcados por visões estigmatizantes contra esses, que são vítimas de preconceito por muitos desses morarem nos bairros periféricos.

“Esses meninos só vem para escola fumar maconha!” Essa frase foi proferida pela diretora responsável pelo turno da manhã, se referindo a dois estudantes quando esses insistiam com o porteiro que abrisse os liberassem, pois precisavam sair para comprar lanche.

Estava de saída quando deparemos com dois estudantes no portão que discutiam com um dos porteiros, insistindo que abrisse o portão, pois precisavam sair para comprar lanches, alegando que estavam com fome. O funcionário respondeu que só liberava a saída desses, mediante autorização da diretora, pois havia recebido ordem pra isso. A diretora que me acompanhava até a porta da sua sala, ao notar aquele movimento se aproximou do portão, e foi logo perguntando, *“o que é isso aí hein?”* pegou a chave e em tom autoritário foi logo impondo que nem adiantava, pois ninguém ia sair naquele horário, caso insistissem poderiam pegar o material e se retirar, já que não queria assistir aula. Contudo, levariam suspensão de no mínimo uma semana, alunos que só vão pra escola dá trabalho deveriam ficar em casa, pois ali não é lugar de ficar vagando não. Um dos alunos comparando a escola a uma prisão se expressa: *“aqui o caba não pode sair mais nem na hora do recreio ninguém é obrigado a ficar preso, parece mais é uma prisão”*. Percebendo que a diretora realmente não estava disposta a abrir mão da posição que havia imposto, sem mais insistir permaneceram ali por alguns minutos, desconfiaram e se retiraram para outro ambiente da escola, alegando que não retornariam para sala de aula.

Logo que os garotos se retiram, a diretora voltou-se para mim e tentando justificar sua posição em relação aos garotos, comentou que aqueles alunos já são famosos ali na escola por esse tipo de comportamento, em utilizar desculpas para fazerem “coisas erradas”. *“esses aí não tem jeito não eu os conheço muito bem, o intuito deles é sair pra fumar, eles só vem pra escola fumar maconha, quando não tão fumando, ficam tudo doido deveriam querer sair pra comprar.”* Revelou que às vezes prefere nem contrastar muito com esses alunos, pois teme que possam aprontar alguma coisa, contra a escola ou contra ela, *“faz até medo estarem com alguma arma, do jeito esses meninos do Pedregal são perigosos.”* No mesmo instante, um professor de educação física que voltava da quadra, ao ouvir a conversa disse ter encontrado com os adolescentes e era comum presenciar esses mesmos em outros momentos fumando naquele local.

A associação feita pelo aluno entre a escola e a prisão, nos leva a refletir sobre alguns aspectos dessa instituição que fazem transparecer essa semelhança. É possível identificá-las primeiro no modelo arquitetônico em que a escola está estruturada, na forma como se organizam os espaços físicos, nos muros altos e grades que a cercam, portões totalmente fechados que “impedem” a visibilidade dos alunos com quem estar do lado externo, as grades nas janelas, os portões internos sempre fechados com cadeados o tempo todo controlados por vigias que impedem a saída ou entrada de alunos fora do horário estabelecido e a circulação desses em determinados espaços da escola.

Além disso, existem ainda, os mecanismos de controle nos quais os alunos são submetidos, nas regras que regulam o cotidiano da escola e das salas de aula, desde a rigidez estabelecida no horário de entrada e saída na instituição, nas disciplinas, no caso daqueles que descumprem as regras, nas vigilâncias constantes nos corredores e em outros ambientes da escola pelos inspetores e demais funcionários que limitam os espaços de circulação. Por exemplo, privar os alunos de circular nesses espaços nos momentos de aula vaga. A exigência que os alunos permaneçam “presos” na escola, contra a vontade.

Em outras palavras, as medidas adotadas pela instituição como forma de proteção e possibilidade de segurança aos alunos, acabam “aprisionando” aqueles que são “forçados” a permanecer ali contra sua vontade. Assim, os portões controlados, as grades de “proteção”, as vigilâncias nos corredores e pátios refletem a tensão vividas por esses alunos, tornando para esses a escola um local desagradável.

Retomando a fala da diretora em relação ao consumo de drogas no interior dessa escola, importa ressaltar, que essa não foi a única vez que ouvi sobre a entrada dessa substância pelos estudantes nessa mencionada escola. Alguns professores também

reclamavam que existem alunos que quando estão assistindo aula, pedem permissão para ir ao banheiro, mas que em vários momentos, funciona como desculpa para sair e poder fumar maconha nesse recinto.

Não raro as vezes que em algumas conversas com professores e mesmo nos diálogos estabelecidos entre si, inevitavelmente ouvia comentários sobre alunos que costumavam fumar maconha nas dependências da escola.

Numa das ocasiões, quando estava na sala dos professores, ouvi uma conversa entre duas docentes que falavam sobre alunos do 9º ano que costumavam sair da sala de aula e fumar maconha no banheiro. Uma das docentes dizia se sentir incomodada com o mau cheiro e citou o nome de alunos. *“Quando eu estou dando aula e na sala que fica próximo ao banheiro, vejo os dois passando, já é certo, passa um tempinho, e logo a ‘catinga’ sobe no ar”*.

A outra docente também concordava, afirmando que já havia presenciado várias vezes os adolescentes (citou o nome dos garotos) usando a droga e que notavam sempre um comportamento estranho nos garotos quando retornavam do intervalo. *“Aquele menino é um maconheiro fino, e o outro está no mesmo caminho.”* Ressaltou ainda que já havia comunicado à diretora para repreendê-los, e solicitar a presença da mãe, contudo, nenhuma medida havia sido tomada em relação ao ocorrido.

A forma como as docentes se expressavam em relação a essa e outras práticas, ao que se pôde perceber, demonstram não estarem muito preocupadas e as encaram como algo banal, tal como as práticas de violência que, por vezes, são percebidas por alguns docentes no contexto dessa escola. Pois ao invés de tentarem estabelecer um diálogo com esses estudantes no sentido de buscar uma solução para o problema a fim de evitar que tomasse maiores proporções, pareciam mais incomodadas pelo fato da diretora não ter tomado posição ou punir os estudantes quando informada do episódio.

É certo que não se trata aqui de uma prática direta de violência, no entanto, a discussão sobre a entrada e consumo de drogas pelos estudantes, se reflete no cotidiano dessa escola nos pequenos conflitos cotidiano podendo, eventualmente, culminar em atos de violência.

A associação entre violência e drogas apareceu posteriormente em entrevistas concedidas por alguns professores. Quando perguntávamos sobre as causas da ascensão de violência, sempre vinham à tona, nas falas dos nossos entrevistados, alguns fatores que nos foram apresentados como elementos geradores de violência, dentre esses, o uso e comércios de drogas foi indicado como uma possibilidade de relação com a prática de violência no

cenário dessa escola. *“Aqui nós temos alunos que infelizmente se envolvem com drogas, então eu acho que esse seria um ponto principal que está relacionado à presença da violência, ao comércio ou a utilização mesmo das drogas”*. (Professora de Matemática)

Os exemplos acima elencados, dentre outras situações semelhantes, que foram observadas são bastante reveladores, algumas no sentido de demonstrar a forma como ocorrem as interações que marcam o cotidiano dos atores sociais no cenário dessa escola, sobretudo, as relações entre professores, direção e demais funcionários contra os alunos. Tais relações nem sempre ocorrem de forma tranquila e pacífica. Por outro lado, as condutas estabelecidas entre esses, por vezes são marcadas por situações conflituosas, indicativas de práticas discriminatórias perceptível nas falas desses funcionários contra os alunos.

Além dessas situações de conflitos e violências até aqui elencadas, outra realidade verificada nessa escola foram as práticas conflituosas nas relações entre alunos e professores, que por vezes, culminam em expressões e palavrões que chegam a ser desrespeitosas contra os docentes.

Certa feita presenciamos uma discussão entre uma aluna do 9º ano e a professora de história do turno da manhã. Já no final do intervalo, logo que o sinal tocou anunciando que os alunos deveriam retornar à sala para a 4ª aula, a professora de história pegou seu material e se dirigiu à sala de aula, para aplicar prova. O pátio e corredores ainda estavam tomados por alunos de várias turmas que aguardavam pelos professores. Enquanto isso, os inspetores aos gritos e sons de apitos que soavam pelos corredores, tentavam conduzir os alunos às suas devidas salas.

Um grupo de alunos da turma em que a professora iria aplicar prova, estava a sua espera próximo ao portão que separa o setor administrativo dos corredores de acesso as salas de aula. Uma das meninas da turma conversava com os demais colegas, combinando uma possível negociação com a professora para adiar a data da prova, caso ela não aceitasse ninguém faria a prova naquele dia e pronto.

Quando a docente ia se aproximando, a aluna foi logo indagando: *“não vai ter prova hoje não né?”* A professora respondeu afirmando que teria, e todos da turma estavam sabendo, pois já tinha avisado uma semana antes, inclusive, realizado revisão na aula anterior, a aluna tenta desafiar a professora e contesta em alto e bom tom que ninguém da turma iria fazer porcaria de prova nenhuma, se ela quisesse aplicasse a prova em outro dia. A professora ignorou as palavras da aluna e seguiu para a sala de aula, alegando que não adiaria a prova, caso a aluna não quisesse fazer, ficaria sem nota, não tinha o direito de impor aos colegas a não fazer a prova. A resposta da docente foi o suficiente para que a menina começasse a

proferir termos de baixo calão, com palavrões de cunho constrangedor contra ela na presença dos demais alunos e funcionários que circulavam pelos corredores em direção as salas, inclusive a diretora que no momento também ajudava encaminhar os alunos pra sala que insistiam em ficar no pátio e corredores.

Diante do ataque agressivo proferido pela aluna, a professora retirou-se em direção a sala, e aos prantos começou a contar para os demais colegas o episódio e a humilhação sofrida por uma aluna que havia lhe desacatado na frente de todos, ao mesmo tempo em que lamentava a indiferença da direção por ter presenciado o ato e enquanto autoridade não ter tomado as providências em relação à aluna.

Isso é uma humilhação, o que me deixa mais angustiada é a diretora ter presenciado tudo e não ter tomado uma posição quando caberia a ela tomar as providências. O problema dessa escola é que aqui prevalece a lei do silêncio, nunca se resolve nada, esses alunos fazem o que querem e ainda sobra pra nós professores. Essa menina vive causando problema aqui. Outra vez tive que expulsar da sala porque não me respeitava, aliás não respeita ninguém aqui e ela (a diretora) simplesmente mandou a aluna voltar pra sala de aula, sem ao menos conversar comigo pra saber o que havia acontecido (...) as coisas aqui funcionam assim, o professor não tem vez, nem voz. (Professora de história 9º ano)

Em instantes, a diretora entra na sala e justifica não ter tomado nenhum partido em relação ao episódio, para não tirar a autoridade dela perante os alunos, alegando ser uma situação que deveria ser resolvida entre professora e aluna, afinal ela deve exercer autoridade diante dos alunos, pois tem autonomia para exigir obediência e respeito e tomar as medidas cabíveis. A professora se recusou retornar para sala de aula, respondendo que a aluna merecia uma suspensão, na verdade não era nem pra está ainda naquela escola, pois não respeita ninguém “*ela é uma garota muito atrevida, só faz isso porque nunca levou punição. Minhas aulas ela não assiste mais, e se insistir eu levo o caso para ser resolvido na secretaria de educação do Estado*”.

Relatos semelhantes apareceram de forma bastante comum entre outros professores, indicando que essa não era a primeira vez que ocorriam expressões dessa natureza nesta escola. Uma professora que entrou na sala logo depois, também contou já ter sofrido ameaças e teve sua moto arranhada por um aluno como forma de se vingar por ter tirado nota baixa em sua disciplina.

Tomando como exemplo a situação acima relatada, ao que parece, alguns professores dessa instituição, muitas vezes para tentar eximir-se de situações conflituosas que se deparam com os alunos no cotidiano, preferem transferir as responsabilidades para seus superiores.

Além disso, encontram na prática disciplinar aplicada, quase sempre por meio da suspensão destinada aqueles alunos que “passam dos limites”, uma maneira mais eficaz, como forma exigir respeito.

É, sobretudo, por meio desses sistemas que buscam legitimar sua autoridade perante os alunos que fazem parte desse quadro. Cabe ainda aqui ressaltar que no caso de suspensão, no retorno, a entrada do aluno só é permitida quando acompanhado dos pais ou responsável. Nessas ocasiões, ao chegarem na escola se dirigem a diretoria, onde é explicado o motivo da disciplina e em alguns casos os pais são alertados sobre a expulsão ou transferência do filho, caso continue causando “problemas.”

No caso da Escola Rio Paraíba, foi possível observar uma realidade que diverge em alguns aspectos aqui abordados, sobretudo nas relações estabelecidas entre os atores sociais no seu cotidiano. Levando em consideração as instâncias observadas nesta, notou-se um ambiente aparentemente menos agitado, com raras exceções de indisciplinas. Não quero com isso afirmar que haja possibilidade de ausência de conflitos e violências no cotidiano desta instituição. Contudo, nesta as situações conflituosas aparecem com menos intensidade que na escola anterior, pelo menos, foi o que se pôde perceber durante a nossa permanência em campo. Nesse período, não foi possível presenciar nenhum tipo de discussão ou acontecimento que denotassem violência entre os alunos, ou entre esses e os demais funcionários.

Em contrapartida, conforme veremos nas páginas que se seguem, nas conversas com os professores ouvimos relatos a respeito de acontecimentos diversos violentos entre os alunos.

3.2 A violência escolar sob a ótica dos professores

Ao abordamos o tema da violência escolar, de antemão temos em mente que estamos falando de um fenômeno que possui um sentido amplo e complexo que vai muito além de uma agressão física e precisa ser analisado em seus diferentes sentidos e/ ou significados – física, simbólica, psicológica, social, moral, de classe e em diferentes contextos. Nesse sentido, é preciso compreender essas características, bem como a forma como elas se manifestam no contexto das escolas estudadas. Assim, nosso objetivo aqui, centra-se em elucidar a perspectiva dos professores acerca da violência que circunscreve o interior desse espaço. Para tanto, tomamos como base os discursos dos professores obtidos por meio das

entrevistas, levando em consideração, as vivências cotidianas e as práticas de violência recorrentes entre os alunos registradas por esses profissionais no seu dia a dia nas escolas.

Casos de violências são vivenciados e presenciados diariamente nas escolas. Essa é uma realidade enfrentada por milhares de professores da rede pública de ensino. Informações, como esta, são condizentes com a resposta concedida por alguns de nossos entrevistados, quando, uma delas ao ser questionada sobre a frequência e presença de casos de violência entre os alunos.

É muito frequente a violência nas escolas, nós estamos presenciando todos os dias atos de violência de todo tipo, tanto física como verbal (...) e não tenho a menor dúvida que ela está presente em todas as escolas. (Professora de português - Escola Rio Paraíba, tarde)

Ao refletir sobre a violência escolar, alguns professores se mostraram confusos em apresentarem com exatidão sua concepção a respeito das manifestações do fenômeno. Mas, independente da forma de se expressar apresentada pelos professores, das instituições pesquisadas neste trabalho, suas próprias convicções os encaminham para uma concepção que não se pode refutar o fato da existência da violência no contexto dessas escolas, que a mesma está intrínseca a instituição, observável, principalmente, pela comprovação empírica evidente nas instituições. Tais evidências também são reforçadas quando observamos as demais pesquisas que abordam este tema.

Inclusive, grande parte dos docentes que contribuíram para essa pesquisa apresentando suas concepções acerca da violência concordam com a presença do fenômeno nas escolas, acrescentando que ele assume vários sentidos e envolve uma série de práticas ligadas a este ambiente. E, conforme apontaram alguns dos entrevistados, as práticas que ele abrange não estão relacionadas necessariamente a danos físicos, já que também se manifestam por meio das ameaças, práticas verbais, psicológicas e simbólicas. *“O uso da força física embora aconteça, as brigas que envolvem esses tipos de agressões físicas aqui acontecem muito esporadicamente, isso não significa dizer que ela não exista, pelo contrário é um local, onde ela também está presente”*. (Professora da Escola Rio Amazonas). Outra docente afirma que: *“A violência não envolve apenas um tipo de agressão, no caso dessa escola, ela acontece mais de forma simbólica, o que torna ainda mais preocupante né, porque assim fica mais difícil a gente perceber e nem sempre os alunos contam”*. (Professora Escola Rio Paraíba)

Mesmo concordando que a violência é um elemento peculiar no ambiente escolar, alguns entrevistados apresentavam certa inquietação ao se posicionaram em relação ao tema

abordado. No entanto, a maioria deles, indicaram aspectos nas suas respostas que sintetizam essa violência tais como: “*desrespeito ao outro*”, “*menosprezar*”, “*humilhar*”, “*não saber lidar com as diferenças do outro*”, “*ofender o outro*”, “*brincadeiras de mau gosto*”, “*apelidos*”, “*xingamentos*”, dentre outras características comumente apontadas no decorrer dessas páginas.

A violência escolar está presente de uma forma não apenas física, ela é muito sutil e o *bullying* justamente, é uma violência que está presente nas escolas de forma muito constante infelizmente ainda. Ele não escolhe escola, faz parte de todas, não tem como esconder isso. As pessoas ainda não se respeitam a ponto de entender que brincadeiras, elas são violências e machucam o outro, o colega. Eu acredito que por mais que a escola seja organizada, tenha aluno que não se agredem fisicamente, mas normalmente sempre tem um aluno que implica com o outro, uma briguinha qualquer, aparentemente, e isso vai gerando também violência mais grave. (Professora de português, Escola Rio Paraíba – manhã)

Aqui a gente não tem tanto essa violência física, assim tem mais não de forma constante entende? Dependendo da turma, e aqui eu não vejo muito essa questão de *bullying*, tem casos isolados, tem, mas assim, é mais dependendo da turma, como o 6º ano é mais apelidando o colega, mas nada grave não. Tem meninas aqui que ver meninas mais gordinhas, mas a gente não ver muito essa questão do curtir com a criança porque ela é gordinha e tal. (Professora de Ciências – manhã)

É pertinente ressaltar que, inicialmente, os docentes da escola acima mencionada demonstravam certa resistência em falar dos problemas de violências, insistiam em negar a existência de certas práticas. Estavam sempre preocupadas em passar a imagem de uma escola pacífica, onde não era comum presenciarem casos de violências, entretanto, entre uma fala e outra, relatavam algumas situações, que nos levavam a entender que apesar de ser apresentado como um ambiente aparentemente “calmo” para alguns, o fenômeno da violência também perpassa o espaço dessa escola.

Já lecionei em outras escolas, mas nessa eu vi uma diferença, porque a gente não observa muito essa questão de briga, assim ocasionalmente tem, isso é inevitável, mas assim aqui é calmo, a gente nota o aluno mais educado. Eu acho essa escola bem diferenciada, por isso é uma luta pra conseguir vaga de matrícula nessa escola. (Professora de Ciências – manhã)

Nesta, e em outras conversas, com a professora, foi possível notar que antes de mencionar qualquer fato relacionado a violência, sua fala quase sempre vinha precedida de um elogio sobre bom funcionamento e organização da escola.

Uma das professoras de português entrevistada, que leciona nesta escola há mais de 8 anos, revelou que apesar de ser um ambiente aparentemente tranquilo em relação a outras instituições em que ela trabalha, não é possível considerar a citada escola como um local onde as manifestações de violência deixam de acontecer, pois apesar de casos raros marcados por agressões físicas, a violência se faz presente na escola por meio de várias ordens, como, por exemplo, *“a falta de respeito aos outros por meio dos xingamentos, maltratar com apelidos que constroem o colega, preconceitos, racismo, e vários outros”*.

Essa mesma professora, relatou casos de agressões ocorridos em anos anteriores com uma das alunas, do turno da manhã, que procurou ajuda da direção e dos professores para denunciar que estava sendo vítima de *bullying* pelos colegas. *“já aconteceu aqui na escola ano passado, uma menina que nos procurou e disse não queria vim mais pra escola, porque os meninos curtiam com ela, aí então isso depois foi conversado, eu orientei ela falar com a direção, a direção chamou a aluna, chamou quem tava praticando e tudo se encaminhou. Hoje a aluna continua na escola, não sou mais professora dela, mas creio que não tenha ocorrido mais”*.

Em outra entrevista, realizada com um professor desta instituição, que leciona nos dois turnos, ele nos contou com riqueza de detalhes sobre o mesmo caso, como ocorriam às agressões contra a garota, bem como à proporção que foram tomando na vida da aluna.

Olhe eu tive uma aluna aqui, acho que faz uns dois anos, ela sofria muito *bullying*, todo mundo da sala e das outras turmas também mexiam com ela, chamando de gorda e também porque tinha o cabelo ruim. Nesse sentido, ela tinha a auto estima muito pra baixo, e ficava muito triste sempre no cantinho, nunca queria participar de nada, nunca queria fazer as atividades em grupo...e as pessoas sempre deixavam ela de lado. Um dia ela chegou pra mim e outros professores e falou que teve vontade de se matar que não via nenhum prazer mais de vir a escola por causa disso e tal (...) conversamos com ela, lembro que aqui na escola tinha uns alunos do curso de psicologia desenvolvendo um projeto e a menina foi acompanhada por essa equipe. Hoje ela não é mais minha aluna, mas há alguns dias atrás encontrei com ela, conversamos e falou que estava bem melhor, já tinha superado esse problema, já está no ensino médio, fiquei feliz assim, porque segundo ela sofria muito. (Professor de Geografia- Escola Rio Paraíba)

Prosseguindo com a discussão, o entrevistado acrescentou que passou a ter um “olhar diferenciado” para aluna, a partir do momento que ela o procurou. Disse que, nas suas aulas, sempre a colocava pra sentar mais próximo dele, pois já sabia que existia certo estigma dos colegas em relação à mesma, então utilizou essa estratégia como uma forma de protegê-la dos insultos dos demais colegas.

Um olhar atento aos relatos acima nos ajuda a entender que, apesar de haver certa preocupação por parte de alguns docentes em relação a situações de violência recorrente entre os estudantes, as agressões que existem, até então, pareciam não sensibilizar tanto os professores, pois mesmo presenciando tais práticas não davam a devida importância para o ocorrido. Em suma, muitas vezes era necessário um ato de coragem por parte das vítimas, tal como o caso da aluna mencionada, para que providências fossem tomadas. Este exemplo, nos ajuda na compreensão da gravidade e prejuízos que esse fenômeno pode causar na vida de crianças e adolescentes que são vítimas de um tipo de violência muitas vezes oculta perante aos profissionais de educação, isto é, a violência que é praticada de forma verbal e psicológica. E pode ser considerado como uma realidade muito perigosa, pois, conforme Debarbieux (2002), a violência para aqueles que são submetidos a ela, é, na maioria das vezes, uma questão de violência repetida, às vezes tênue e dificilmente perceptível, mas que, quando acumulada, pode levar a graves danos e a traumas profundos nas vítimas.

Outro assunto subjacente a esse, é o fato de que existem situações interpretadas por alguns professores como *“brincadeiras inocentes”*, *“coisas da idade”*, e, com isso, acabam passando despercebidas, ganhando cada vez mais dimensão nesses espaços. Em outros casos, as denúncias quando chegam aos professores por parte dos alunos, parecem ser negligenciadas ou entendidas como *“drama”*, teatralizado por alunos que querem chamar atenção. A título de exemplo, podemos inferir a fala de uma das professoras entrevistadas. *“Aqui são poucos os alunos que nos procuram pra falar que estão sendo agredidos...existem alunos também que eles criam, se isolam, mas acho que isso é como forma de chamar atenção sabe, diz que ninguém gosta dele, existem alunos assim que falam...ah professora, eu tô entrando em depressão, nessa escola ninguém quer ser meu amigo”*.

Nesse último caso, vale aqui retomar um pouco a reflexão de Rolim (2008, p. 126) quando considera que, “nem sempre as crianças vítimas de agressões conseguem verbalizar exatamente o que está ocorrendo com elas, em alguns casos, as crianças tentam falar na escola ou com seus pais, no entanto, o que as afligem nem sempre é reconhecido em sua importância”.

Além disso, o desconhecimento da gravidade do fenômeno ou a dificuldade por parte dos docentes em identificar e lidar com certas ocorrências de violência, que se passam no interior da escola, refletem na impossibilidade de combater às práticas recorrentes que acometem os alunos, e impedem que sejam tomadas medidas que versem por uma mudança dessa realidade. Assim, acerca de tais pressupostos aqui inferidos, lembremos das palavras de Debarbieux (2002, p.8) ao ressaltar que “a medida que conhecemos os fatos podemos

dimensioná-los e atuar sobre eles.” Nesse sentido, enquanto essas práticas percebidas pelos professores forem enxergadas apenas como *“brincadeiras sem graça”*, *“brincadeiras de mal gosto entre os estudantes”*, como bem afirmou uma das entrevistadas, as soluções para o problema dessa violência dificilmente se tornarão uma realidade.

Destacamos, igualmente, que mesmo com a presença de violências explícitas relatadas em algumas falas houve professores que afirmaram não ter presenciado ou serem informados por algum aluno sobre acontecimentos violentos considerados “graves”, conforme podemos constatar na fala de uma professora da Escola Rio Paraíba: *“Às vezes eles comentam do geral, quando estão na sala, de apelidos que escutam dos colegas, mas chegar pra mim e informar caso específico, nunca aconteceu”. Estou aqui nessa escola vai fazer quatro anos, e até agora nenhum chegou até mim, pra falar alguma coisa, nunca”*.

O fato é que, como já apontado anteriormente, os professores são alheios, as situações que ocorrem entre os alunos. Mas, nem sempre os casos de violências são interpretados por todos com a mesma significância, muitas dessas práticas por não serem marcadas por situações de agressões visíveis, acabam sendo naturalizadas, sobretudo, aquelas praticadas de forma indireta. No caso dos apelidos, que por serem considerados como violência de categoria “menor”, conforme podemos observar em algumas falas, essas são interpretadas como meras “brincadeiras da própria idade.”

Assim, observamos que existe dificuldade entre a maioria desses profissionais da educação em distinguir o *bullying* de outras práticas de violências quando essas são realmente intencionais ou apenas formas de brincadeiras consideradas violentas que ocasionalmente acontece entre colegas. Daí o desconhecimento do fenômeno por parte de alguns professores em qualificar e se sensibilizar com certas práticas presenciadas.

Aqui na escola existe sim essas práticas, até porque a gente está lidando com adolescentes né, brincadeiras de mal gosto, e tem muito essa questão de tirar onda com o outro, essas coisas de colocar apelidos e tal. Eu não acredito que isso seja uma violência extrema não. (Professora Escola Rio Amazonas – manhã e tarde).

É comum a gente presenciar briguinhas aqui na escola, mas isso acontece mais entre os alunos que se consideram amigos, eles costumam se cumprimentar dessa forma; um empurrão, um chute, uma tapa, isso acontece muito entre os meninos em si, bem mais não considero isso uma violência, só uma forma de brincadeira entre eles. (Professora Escola Rio Paraíba – tarde)

Nota-se nas falas das professoras o reconhecimento da existência de violência no ambiente dessas escolas, contudo muitos não vêem gravidade nelas, a ponto de precisar

intervir, por nem sempre os sentidos que elas assumem serem intencionais a ponto de prejudicar a vida dos envolvidos. Mais uma vez temos aqui, uma concepção de violência partilhada por essas e outras docentes, ao que percebe que a violência só é considerada como ofensiva, quando causa dano, isto é, aquelas que se exprimem agressões físicas, enquanto as demais são toleradas como: *“coisas normais de adolescentes”*.

É certo que não podemos negar a existência daquelas práticas ofensivas abordadas nas falas acima, como uma forma de sociabilidades entre os alunos. Do mesmo modo, não podemos generalizar que todos os professores demonstraram essa visão em relação às situações alusivas a violência presenciadas. Pois, apesar de serem consideradas como uma forma de expressar as brincadeiras entre os alunos, tais práticas nem sempre podem ser sintetizadas como atos naturais. Como bem comentou um dos professores entrevistados, *“são a partir de práticas sutis, como no caso de apelidos bestas que outras agressões vão tomando parte da rotina da escola, tornando-a enquanto palco de violência e conflitos diários, chegando ao ponto de não ter mais como controlar”*. (Professor de geografia, Escola Rio Paraíba- manhã e tarde)

Por outro lado, é possível considerar que as agressões cotidianas presentes no ambiente escolar, se reproduzem num processo em que as vítimas, ao serem acometidas de tais práticas, mesmo reconhecendo seu sofrimento, não recorrem à ajuda, muitas vezes, por se tratar de estratégias pouco evidentes, em que as expressões emergem de forma indireta, essas, mesmo praticadas em sala de aula, fogem aos olhares dos professores ou dos inspetores quando acontecem em outras áreas da escola vigiadas por esses.

No caso da Escola Rio Amazonas, foram várias as informações que corroboram com a constatação de que o ambiente da escola é permeado por situações diversas, desde aqueles eventos considerados mais corriqueiros, como o caso dos apelidos entre grupinhos de amigos, quanto àquelas ocorrências de práticas indicativas de violência. Quando questionada sobre a presença da violência, entre os estudantes dessa instituição, a professora de ciências inicia sua fala com expressões que evidenciam as práticas da violência e implicações no comportamento desses alunos que se envolvem.

Eu acho que quando se fala de violência escolar, a gente tem vários pontos importantes, um deles é a maneira como ela acontece. Aqui nessa escola a violência acontece de vários tipos, desde a violência silenciosa, tipo de opressão de aluno em relação ao outro, uma agressão ou mesmo um apelido (...) uma coisa que incomoda e acaba constrangendo e isso acaba transformando a criança num aluno inseguro, ou às vezes uma brincadeira que pode gerar uma violência física (...) um empurrão ou mesmo brigas com socos que pode virar uma coisa mais séria né, infelizmente a gente sempre

está vivenciando isso aqui na escola. (Professora de ciências Escola Rio Amazonas - manhã e tarde)

É possível perceber na fala supracitada bem como em outras, que a violência identificada nessas escolas, aparece nos discursos como um elemento ambíguo, ora como forma de “brincadeiras” não ofensivas, ora como algo preocupante, no momento em que podem trazer consequências na vida dos envolvidos.

Assim, considerando as inúmeras feições e relações que fazem a violência existir e se introduzir nesses espaços questionamos, aos entrevistados, quais seriam as motivações e as causas que contribuem para a ascensão de determinado atos que se difundem e se entrelaçam nesse cenário.

No contexto da escola acima mencionada, um dos primeiros e mais apontados elementos nas falas dos professores, quando tratamos da presença da violência, diz respeito ao local onde ela está inserida. Foi frequente ouvirmos que a localização seria a característica principal que influenciaria diretamente na incidência do fenômeno no âmbito daquela escola, tendo em vista que os estudantes em sua maioria são moradores dos bairros periféricos circunvizinhos.

A maioria dos alunos que estudam aqui são moradores da periferia. Como você sabe, a escola aqui, é localizada em uma área periférica (...) acho que isso contribui bastante para que a violência aqui. O outro ponto é o público alvo que a escola atrai. Como está numa localidade periférica e também está circundada por localidades que o índice de criminalidade é muito grande (...) eu acho que isso influencia bastante esse fator, a localização geográfica e o público alvo que a escola atrai. (Professor de história Escola Rio Amazonas)

As impressões de caráter negativo relacionadas ao local em questão, como fator indicativo na representação da violência, comumente se repetiam nos discursos de outros entrevistados, alimentando, assim, uma visão estigmatizada em relação à identidade social dos alunos, aspecto bastante presente nas falas desses docentes.

Essa última fala nos levar a pensar no conceito de estigma definido por Goffman (1988), como um modelo de categorias sociais negativas utilizados pela sociedade, tomados simbolicamente para inferiorizar o indivíduo. Nesse modelo, os atributos considerados naturais e comuns, determinam um padrão externo ao indivíduo, resultando num amplo descrédito na vida do sujeito.

Na fala de outra professora, de matemática, que leciona nas turmas de 6º ao 8º ano no período da manhã, essas categorias das quais nos fala o autor, aparecem, intensificando ainda

mais a discriminação simbólica sobre os alunos oriundos dessas localidades. Identificadas no momento em que a violência associada à periferia aparece nitidamente em sua fala como uma forma de “desqualificação social”.

Essa docente afirmou que é inexplicável e ao mesmo tempo preocupante a dimensão que a violência, atualmente, tem avançando no cenário escolar, a mesma entrevistada, ao ser questionada sobre as agressões mais recorrentes, apontou que os casos de violência entre os alunos ocorrem de maneiras distintas, desde atitudes de desrespeitos, falta de limites, etc. Contudo, diz acreditar que o fato da escola atender em sua maioria uma clientela que mora na “favela”, seja um elemento facilitador para a possibilidade da proliferação de atos violentos.

(...) Porque nós não temos alunos aqui só do bairro, temos das comunidades vizinhas também, alunos que vêm da periferia e isso acaba dando voz à violência aqui na escola (...). Olhe é uma realidade complicada, que acerta o bairro, uma realidade de drogas, de prostituição muitas vezes, o aluno ele vive essa realidade no bairro e quer trazer pra dentro da escola. (Professora matemática, manhã – Escola Rio Amazonas)

Desse modo, através das narrativas dos dois professores, as violências não teriam origem no ambiente escolar, elas vêm de um lugar, de determinada classe social e se reproduz dentro do contexto desse espaço. É notório, em tais relatos, que ainda persiste aquela velha noção que repercute, sobretudo, na mídia, quando idealiza que ser morador da “favela” implica em conviver com violência, pobreza e criminalidade. Nesse sentido, o fato da escola ficar em torno de bairros periféricos, e atender um público dessas localidades, nas quais os estudantes em sua maioria estão inseridos, “influenciaria” na reprodução da violência no interior desse espaço.

Pois, conforme entendemos a partir dessas falas, não são os alunos residentes do mesmo bairro da escola que levam e reproduzem essa violência, mas os outros que são das periferias que circundam a escola.

Quando indagamos sobre o comportamento dos alunos que mais costumam se envolver em atos de violência nessa escola dentre outras características, enfatizadas por uma docente foi que, *“geralmente os alunos que se envolvem em violência, são mais problemáticos que já vêm de uma família problemática, que os pais não estão presentes nas reuniões quando convocados, esses são os alunos mais complicados”*. (Professora de matemática, Escola Rio Amazonas)

Neste ponto, a fala dessa docente, se coaduna também com o discurso de uma professora da escola Rio Paraíba. Esta relatou que, o fato de muitas das crianças que estudam

ali, não terem mais referência em casa e, ainda, falta de acompanhamento pela família, acabam de certo modo contribuindo para que o aluno reproduza uma violência que muitas vezes é vivida em casa. *“A desestrutura da família eu acho que é um fator fundamental (...) a gente vê que a maioria desses alunos que se envolvem em violência, são pessoas que têm problemas em casa, em alguns casos, são filhas de mãe prostitutas, vítimas de violências domésticas...”*

Não é difícil percebermos uma situação de um tom preconceituoso nas falas dos próprios professores em relação a esses alunos vindos de uma determinada família, como os principais “transmissores da violência presente na escola”.

Outro professor dessa escola pactuou de forma semelhante, quando questionado acerca dos motivos que contribuem para o aumento da violência presente nessa escola.

O que eu percebo é que a sala de aula é um reflexo do que acontece em casa, muitas dessas crianças, a família é totalmente desestruturada. Então o que a gente vai perceber é um reflexo, eles muitas vezes presenciaram em casa violências, acho que tanto verbal e até física e quando chega na sala quando um colega, por exemplo, responde mal, eles tentam revidar e de forma muito agressiva, eu acho que é um reflexo do que eles vêm em casa e fazem da mesma forma aqui na escola. (Professor da Escola Rio Paraíba)

Um elemento significativo, apontado nas entrevistas, foi a dificuldade de impor limites a esses alunos, e isso certamente, acaba contribuindo para um ambiente desconfortante para parte dos que partilham esse espaço, principalmente os que vivem reféns desse medo e das ameaças constantes, conforme nos relatou uma professora que leciona na escola Rio Amazonas no turno da manhã: *“A gente aqui vive em tensão direto diante de tantos casos que se assiste, não só o aluno está em risco na escola, mas nós professores também sofremos com isso todos os dias, nos preocupamos com os alunos, mas também vivemos com medo do que pode acontecer”*. Outra docente comentou em relação à ascensão de violência que tem se deparado no decorrer de sua atuação nessa escola e o desafio em contornar certas situações. *“A sensação que eu tenho, é que a violência piora cada vez mais. Até os alunos mais novos, já chegam com essa índole (...) já vem de casa com esse direcionamento e chagam aqui na escola transmitem para os outros e isso gera problemas”*.

Na intenção de dimensionar o conhecimento dos docentes a respeito do *bullying*, questionamos a esses sobre as principais práticas do fenômeno nessas instituições e com que frequência costumam presenciar atos dessa violência. Parte significativa dos entrevistados admitiram que a escola seja um espaço possível para se vivenciar vários tipos de violência,

contudo, pouco nos foi relatado atos violentos que evidenciasse características de *bullying*, já que os atos identificados por meio de seus relatos não foram indicados como constantes.

Nesse sentido, entendem o *bullying* como sendo um evento comum caracterizado por formas de brincadeiras, por vezes violenta quando essas são levadas a sério por aqueles que são vítimas de suas práticas.

Em relação à presença de tais práticas, afirmaram que não é muito comum se depararem com situações que possam ser consideradas como violência. O mais frequente, segundo nos informou algumas docentes, são situações que iniciam com “brincadeiras”, mas que nem todas culminam em agressões físicas. *“Vez ou outra, a gente acaba presenciando, passando por elas. São muitas vezes as palavras, outras que começam com ‘agarrões’, os empurrões, e alguns às vezes partem para a briga”*. (Professora de matemática, Escola Rio Amazonas)

Uma professora de ciências e outra de português, do turno da manhã, mencionaram respectivamente que a violência mais comum que se vivencia nessa escola, atualmente, são as práticas verbais entre os alunos.

Eles se incitam bastante, não sei se posso caracterizar isso como bullying (...) sinceramente eu não sei de onde vem isso. Mas graças a Deus a gente não presencia violência com muita frequência não, acho que é mais provocação de adolescentes mesmo, brincadeiras e tudo, mas a violência não é uma coisa tão frequente. (Professora de Ciências, Escola Rio Amazonas-manhã)

Além disso, outra docente ao falar sobre as práticas presenciadas, afirma que em grande parte, elas acontecem,

por que tem muitos alunos que não respeita o outro, não sabe lidar conviver com a diversidade que existe, com o defeito do outro. Tem o caso de um menino aqui que ele é hiperativo demais. É muito inquieto, ele tem problemas, às vezes os outros dizem coisas com ele, xingam (...), mas não consigo caracterizar isso como bullying não. (Professora português, Escola Rio Paraíba- Manhã)

O *bullying*, como se vê, apesar de não aparecer explicitamente nos discursos de todos os professores, enquanto uma forma de violência excludente nessas escolas pesquisadas, a percepção desses varia e se confundem quando se referem ao fenômeno em questão, demonstrando, assim, a partir dos relatos, quase sempre uma visão superficial acerca das práticas que o caracterizam. Fante (2005), neste sentido, considera que “o desconhecimento dos educadores em relação ao *bullying* dificulta a esses profissionais a identificação, prevenção e remediação das suas práticas.”

Na escola Rio Paraíba, a professora de ciências nos relatou uma situação que demonstra, em parte, as dificuldades de professores em trabalhar com questões que sinalizam para problemas relacionados a situações de violência presentes no cenário dessa escola, e justificam o porquê de não se envolver nessas situações, procurando, por vezes, ignorar por temer possíveis consequências.

Temos aqui um aluno que muitas vezes, ele não sabe lidar com a rejeição (...) os outros vão curtir alguma coisa com ele, fazer alguma brincadeira, ele não aceita, e fica logo bravo, assim a reação dele é totalmente diferente. Eu até já conversei com a direção que tava com medo, assim, a gente ver tanta coisa na escola (...) Eu até perguntei aos alunos, porque não querem ficar com ele, responderam “que ele é muito chato, não aceita, a gente diz uma coisa com ele e ele logo fecha a cara, pensando que a gente ta agredindo ele”. Então, assim eu tenho até medo, que ele possa fazer alguma coisa aqui na escola. Eu até já sugeri que conversasse com a mãe dele sobre o caso, é um aluno que a gente acha que tem problemas especiais, ele é um aluno especial, só que ele ta generalizando (...) eu já tentei alertar a escola várias vezes. Uma vez já peguei ele com uma faca, com aquela soqueira de boca, então são objetos que não são comuns aqui (...) Outra vez esse mesmo aluno chegou pra mim e disse: “professora eu tô com vontade de me matar”. Eu assim, comecei a me afastar mais do aluno, porque notei que quanto mais você dava espaço pra ele, era que penetrava na situação (...) Mas assim é um aluno que oscila muito, é um temperamento muito complicado. É um aluno quieto, mas às vezes ele muda totalmente. (Professora Escola Rio Paraíba – manhã)

O que se percebe, na fala da professora é que a mesma se mostrou despreparada para lidar com casos específicos de violência entre alunos. Desconhecendo, também, o histórico de vida do mesmo, preferindo o afastamento, a exclusão, ao invés de acompanhar a situação do junto com a direção da escola.

Nesse caso, devemos considerar, ainda, que a prática de estigmatizar alunos, feita por aqueles que se consideram “normais”, perfeitos, dentro do padrão, sejam professores, alunos ou demais funcionários, dentro do ambiente escolar, parece uma prática corriqueira e discriminatória em ambas as escolas. Podemos articular esta compreensão ainda àquela trazida por Goffman (1988), considerando que, no caso do aluno que não se enquadra nos padrões de normalidades vigentes são suspeitos, “representam o perigo” para os demais dentro do contexto escolar e por isso, ele pode ser tomado pelo grupo como “diferente”, e em decorrência disso, sofrem as consequências do estigma e da exclusão, levado-o a assumir a condição de desacreditado e abandonado. Contribuindo, inclusive, para disseminação das práticas de violência existentes nesse espaço.

Outro ponto, bastante enfatizado nas falas de nossos entrevistados foi a falta de envolvimento com o tema. Quando questionamos a respeito do acesso a materiais informativos materiais informativos sobre como lidar prováveis situações de violências na escola, muitos, dos quase conversamos, demonstraram possuir pouco conhecimento. Com exceção de três professores, que informaram ter conhecimento superficial a respeito do tema, pesquisado por iniciativa própria em sites, cartilhas ou livro didático, os demais entrevistados foram unânimes em responder que não tiveram acesso a informações e negarem qualquer participação em atividades como, por exemplo, palestras, cursos ou qualquer programação dessa natureza destinada alusiva ao assunto. Uma das professoras também nos informou sobre seu acesso ao material:

Assim, eu nunca participei de treinamento ou palestra específico voltada a como lidar com a violência escolar não. O que eu vi, foi mais por leitura mesmo, mas porque eu fui procurar. Acho que assim que eu entrei aqui, a gente recebeu material que era até, o “conte até 10”, foi uma campanha que fizeram aqui contra a violência escolar e a gente utilizou o material na reformulação do PPP ⁹da escola, usamos assim para tentar ajudar, mas não tivemos assim um treinamento específico para colocar em prática. (Professora de ciências – escola Rio Amazonas)

Durante nossas conversas, falaram da necessidade de treinamento específicos a esse respeito, salientam várias dificuldades por eles enfrentadas para trabalhar com situações cotidianas de violências que se deparam na escola; dificuldades que variam desde as limitações por falta de recursos básicos, relacionada ao assunto, treinamento, incentivo por parte da instituição, até a ausência de políticas públicas na execução de projetos e ofertas de treinamentos que os auxiliem a lidar com essas situações. *“Vez ou outra ainda tem alguma programação voltada para os alunos, aparece alguém com uma palestra, essas coisas, mas nós professores a escola parece não se preocupa tanto, a gente também precisa está preparados pra saber lidar com esses problemas.”*

Olhe eu sou professora há mais de oito anos e eu nunca vi tanta violência, como temos hoje em dia na escola, é uma onda de violência inexplicável. E honestamente eu não acredito muito que ainda vá haver uma solução pra isso, ou pelo menos alguma medida que ajude a erradicar essa violência das escolas, quando não se tem uma política pública nas escolas que auxilie nessa questão a tendência é piorar, tudo é jogado para o professor, ai fica complicado. (Professora Escola Rio Paraíba)

⁹Projeto Político Pedagógico

Conforme podemos observar no discurso da professora acima mencionada em relação à realidade atual da violência na escola, a mesma demonstra a visão de uma violência que é incontrolável e se intensifica no contexto desse ambiente, de modo que a própria escola por não dá conta das demandas existentes não é capaz de conter. Por outro lado, justifica que o fato de não ter o controle sobre essas práticas, não depende somente dos professores, é necessário que se invista em programas mais eficientes, como por exemplo, estratégias articuladas por parte das políticas públicas para a solução do problema.

A percepção da docente não diverge de tantas outras que ouvimos durante as entrevistas, outra entrevista relatou que a violência não é discutido na escola com a relevância merecida, ressaltando a necessidade de profissionais capacitados na escola que se responsabilizassem pela conscientização dos alunos, já que os professores nem sempre são capacitados para isso.

Pelos discursos listados acima, esses professores abordam a questão da violência como se fosse um problema a ser tratado isoladamente do contexto da sala de aula, sugerindo que sua finalidade principal ali seria passar os conteúdos programáticos para os alunos. Não por acaso, quando precisa realizar alguma atividade, como ministrar palestras, convida-se profissionais de outras instituições, a exemplo da polícia militar que, conforme nos informou uma professora, uma vez participou de uma palestra na escola, ministrada para os alunos, orientando-os a respeito da violência escolar.

Em outros pontos abordados, os professores nos deram informações de alguns procedimentos adotados por eles e pela escola para eventuais mudanças nas práticas de violências que ocorrem. Ouvimos por meio das informações desses, que quando identificadas, utilizam algumas medidas como alternativas para conter tais práticas. Dentre as quais, apontaram conversas com o aluno, e a participação da família no ambiente escolar. Existem ainda, situações em que é necessária a suspensão desses alunos e dependendo da gravidade, acaba tendo que expulsar.

Na escola Rio Paraíba, por exemplo, foram mencionadas realizações de reuniões com os pais, trabalhos em sala de aula, dentre outras estratégias. Enfatizaram que existe, também, um incentivo por parte da escola em tentar trazer os pais para conhecer a realidade do filho na escola.

A gente se preocupa em conversar com os pais, ter um momento com eles aqui na escola, já pra conhecer a realidade do filho, fora isso, a gente tem o plantão pedagógico, onde nós professores sentamos e aproveitamos para conversar. É uma forma que a gente encontrou de incentivar a família a se aproximar da escola.

Percebe-se, pelos exemplos citados, que a preocupação de uma aproximação das famílias dos alunos e o incentivo da participação dessas na escola, tem sido também uma das atribuições importantes utilizadas em projetos que tentam mudar a realidade dessa violência presente nas escolas.

Na outra escola pesquisada, também foi relatado por alguns docentes a criação de projetos e atividades como elementos importantes para trabalhar a questão da violência, que buscam. Esses são realizados por meio de reuniões, que visam incentivar a presença dos pais na escola e o acompanhamento desses no comportamento dos filhos, “Nós criamos um projeto aqui, chamado ‘Liga pela paz’, aí quando a gente consegue identificar quais são os alunos envolvidos em casos de violência, ou uso de drogas, realizamos reunião, convidamos os pais e esses alunos e conversamos sobre vários problemas e situações que acerta a escola, violências, drogas, essas coisas”.

Entretanto, mesmo destacando que atividades têm sido propostas e desenvolvidas no sentido de mudanças nas práticas da violência presente nessas escolas, muitos dos docentes reconhecem a insuficiência de tais, reforçando que esse é um fenômeno permanente e difícil de ser combatido, diante disso, mostram-se desacreditados que um dia essa realidade chegue ao fim. A fala de uma das professoras da Escola Rio Paraíba é reveladora nesse sentido: *“É muito difícil, porque a violência na escola parece não acabar nunca”*.

Os níveis de descrença e sentimento de impotência demonstradas por esses docentes, em relação a falta de controle das práticas de violência nesses espaços, revelam e alimentam a ideia de que quase nada pode ser feito por eles para enfrentar o fenômeno e acabam por perceber a violência na escola como algo inevitável.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa foi iniciada com o intuito de entender como a violência que ocorre com os alunos é compreendida pelos professores no interior das escolas públicas. Para tanto, buscamos por meio da prática etnográfica analisar como esse fenômeno é construído e compreendido por esses docentes, tomando como exemplo duas escolas da rede estadual de ensino localizadas em bairros distintos na cidade de Campina Grande - PB. Partimos das premissas que a escola se configura como um local privilegiado para a ocorrência de diferentes práticas de violência que são inerentes e inevitáveis nesse cenário.

Como destacamos, ao longo desse texto, a expressão violência escolar é bem ampla, por isso não pode ser definida apenas pela sua dimensão física, pois ela envolve inúmeras formas de condutas praticadas no contexto das escolas, podendo ser exteriorizada por meio da violência simbólica nos atos como, constrangimento, preconceitos, indiferença, exclusão e o estigma. São práticas de violências que, conforme já mencionamos anteriormente, possuem características diferentes, mas que não são menos eficientes que as práticas diretas e visíveis.

No âmbito das escolas pesquisadas, identificamos esses tipos de violências que nem sempre são consideradas como tal pelos seus praticantes, sobretudo, no campo simbólico que se manifesta pela estigmatização do outro. Sob este aspecto Zaluar e Leal (2001), consideram que na escola hoje, a violência apresenta uma dupla dimensão, além das práticas físicas, existe a violência que se exerce também pelo poder das palavras que negam, oprimem ou destroem psicologicamente o outro.

No caso da Escola Rio Amazonas, essas práticas de violência das quais nos falam as referidas autoras, foram identificadas no modo como os alunos moradores da periferia era tratados, e sob os quais recaem alguns estereótipos exercidos, sobretudo, por parte do corpo pedagógico dessa instituição. Em vários momentos da pesquisa, observamos as práticas de violência simbólica exercida pelos diretores e outros funcionários contra esses alunos. Não por acaso, os adjetivos “maconheiro”, “marginal”, “vagabundos”, “rapariga”, “sem futuro”, “bando de peste”, “morador da favela”, eram comumente utilizados para se referir a esses estudantes.

Neste sentido, podemos considerar que a escola passa a ser também palco para o exercício de violência simbólica, praticada não só pelos alunos contra seus colegas, mas pelos seus próprios professores no momento em que adotam certas atitudes discriminatórias contra

os alunos e acabam em parte, reforçando e naturalizando todo e qualquer tipo de violência que se disseminam no âmbito desse espaço.

Diante da complexidade da realidade analisada, é possível visualizar a escola também como um cenário de hierarquizações e disputas, onde a violência se faz presente nessas instâncias hierárquicas por meio das quais se organiza esse espaço e, consequentemente, nas relações de poder estabelecidas entre os atores sociais que compõem esses espaços. Essas relações de poder estão presentes na forma como a diretora muitas vezes se posiciona frente aos professores, alunos e demais funcionários. Desde os primeiros contatos com a instituição, foi possível perceber que estávamos diante de um espaço em que situações conflituosas diversas eram inevitáveis, não só entre os alunos, como entre esses e os seus docentes e demais funcionários.

Ao longo de todo o processo da pesquisa ficou evidente que as práticas de violência que permeiam o ambiente das escolas, não se restringem aquelas que acometem os alunos entre si. A forma como os professores muitas vezes se posicionaram em relação algumas situações de conflitos presentes no cotidiano das escolas acabam também criando condições ideais para a proliferação das práticas de violência, sendo esses também os produtores.

É importante destacar que, embora os professores dessas escolas admitam a existência de violência pautadas nas relações dos alunos entre si, não demonstram estar preparados para lidar com essa realidade ou reduzir a ocorrência de situações de violência, inclusive, das práticas de *bullying*. Tal constatação ficou evidente na fala de uma de nossas entrevistadas, ao afirmar que: *“eu acho a gente não está preparado, nós professores não estamos sabendo lidar com essas situações de violência que acontecem na escola, sejam físicas, psicológicas, não estamos preparados para isso”*. (Professora de português – Escola Rio Paraíba)

Como se observou, é evidente como as manifestações violentas no contexto dessas escolas relacionadas ao *bullying* vêm se intensificando, contudo, o reconhecimento do fenômeno enquanto violência grave ainda é uma das grandes carências por parte de muitos professores nas escolas pesquisadas. Mesmo diante das implicações que esse fenômeno tem alcançado nos últimos tempos, quando tendem a causar impactos significativos no comportamento dos envolvidos, gerando sensação de insegurança e medo, além de ocasionar prejuízos de variadas ordens, desde o abandono dos estudos, transtornos psicológicos, ou consequências mais drásticas, sobretudo, para aqueles que são submetidas as suas práticas, ainda assim, esse parece não ser um dos principais problemas que preocupa os professores dessas instituições, pois muitos ainda enxergam as práticas como “brincadeirinhas”, “coisas

de adolescentes” que acabam por ser toleradas e/ou ignoradas. Esse julgamento “deficitário” está ligado à formação limitada dos professores neste assunto.

Outrossim, reiteramos que enquanto essas práticas forem toleradas ou ignoradas pelos próprios docentes, a solução para a minimização da violência torna-se cada vez mais distante de se tornar realidade.

Os resultados da pesquisa ora apresentada, nos forneceram elementos importantes que possibilitam identificar como o fenômeno da violência reflete e produz de formas variadas dentro das escolas estudadas, proporcionando um clima de insegurança, transformando-a em um ambiente marcado pelas relações conflituosas.

Por conseguinte, os conflitos e violência, não são estranhos ao cotidiano das escolas pesquisadas, não possuem um sentido único. Ao contrário, não ocorrem apenas entre iguais. Foi possível identificarmos, também, a violência da escola, aquela exercida pela instituição, imposta aos alunos por meio de normas, baseados num sistema hierárquico que podem causar constrangimento aos alunos mediante a utilização de práticas disciplinares.

Assim, levando-se em consideração essa realidade revelada através dos resultados dessa pesquisa, nos chama a atenção para a emergência da violência presente nessas escolas, trazendo à tona a importância de se refletir acerca do fenômeno como um problema que merece atenção não só dos educadores, mas da sociedade como um todo, apontando para relevância social e educacional do fenômeno.

Por fim, inferimos que as perspectivas aqui apontadas delineiam importantes questões a serem refletidas, sobretudo, os desafios para os profissionais que atuam nessas instituições, bem como para os pesquisadores que se dedicam a estudar esse fenômeno. Foi baseado nesse quadro de referência que nos debruçamos sobre o desafio de compreender como as práticas de violência se configuram no interior desses espaços, buscando também contribuir com as produções acadêmicas sobre a violência nas escolas, haja vista que, embora o número de pesquisas nesse campo venha alcançando espaço significativo, a compreensão desse fenômeno continua sendo um dos maiores desafios contemporâneos, sobretudo, para os profissionais de educação que lidam cotidianamente com ele.

5.0 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (org.). **Escola e Violência**. Versão resumida. Brasília, UNESCO, 2003.

_____(org.). **Juventude e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

_____(Org.). **Cotidiano das escolas: entre Violências**. Brasília: UNESCO; Observatório de Violências nas escolas; MEC, 2005.

ADORNO, Sérgio. O monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea. In: **O que ler na ciência social brasileira**. Núcleo de Estudos da Universidade de São Paulo. Vol. IV. 1970- 2002.

AGIER, Michel. **Encontros etnográficos: interação, contexto, comparação**, 1ª Ed. São Paulo: Editora Unesp; Alagoas: Edufal, 2015.

AQUINO, Célia R. B. de. **Acosso escolar, violência entre iguais, alunos versus alunos em 4 escolas municipais de Salvador, Bahia, Brasil**.(Tese de Doutorado: Educação – Universidade de Sulamanka).

ARENDT, Hannah. **Da Violência**. Brasília, Editora Universidade Federal de Brasília, 1985.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

BERGER, Peter & LUCKMANN, T. A Construção Social da Realidade. Petrópolis: Vozes, 1973.

BERREMAN, G.D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: GUIMARÃES, A. Z. (Org.). *Desenvolvendo Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro, Francisco Alves Editora, 1980, p. 125-144.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CALHAU, Lélío Braga. Bullying. **O que você precisa saber. Identificação, prevenção e repressão**, 2ª Ed. Revista, ampliada e atualizada. Niterói, RJ: Impetus, 2010.

CAMACHO, L. M.Y. **As sutilezas das faces da violência nas práticas escolares de adolescentes**. Educação e Pesquisa. São Paulo, v, 27, nº 1, p.123-140, jan./jun. 2001.

CHARLOT, B. **A violência na escola: Como os sociólogos franceses abordam a questão.** *Sociologias*, Porto Alegre, v. 4, nº 8, p. 432-443 jul./dez. 2002.

CHAUI, Marilena. **Ética e Violência no Brasil.** *Rev. Bio e Thikos – Centro Universitário São Camilo* v.5, nº 4, p. 378-383, 2011.

CLASTRES, Pierre. **Arqueologia da violência.** São Paulo: Cosac &Naify, 2004.

DEBARBIEUX, Erik; BLAYA, C. (Orgs.). **A violência nas escolas: Dez abordagens europeias,** Brasília: UNESCO, 2002.

DEBARBIEUX, E. **A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto** (1967-1997). *Educação e Pesquisa, Revista da Faculdade de Educação.* Sp, São Paulo, v. 27,nº 1, jan./jun. p. 163-193, 2001.

DE MARIA, G. S. **O bullying sob a ótica feminina: Observações empíricas em uma escola de campina grande.** In: XII SEPE: Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão. As múltiplas dimensões das humanidades: sociedade, natureza e cultura, 2013, Campina Grande. XII Semana de Ensino, Pesquisa e Extensão Centro de Humanidades UFCG, 2013.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying: Como prevenir a violência e educar para a paz.** Campinas: Versus, 2005.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: Zaluar, 1989. Capítulo 1.

GIRARD, René. **A Violência e o Sagrado.**São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1990.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada.** 4. ed. Rio de Janeiro: LCT, 1988.

GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambiguidade.** Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

LOPES, N. A. A. **Bullying: comportamento agressivo entre estudantes.** In: *Jornal de Pediatria.* V. 81, n 5, p. 164- 172, 2005.

MARTUCCELLI, Danilo. **Reflexões sobre a violência na condição moderna.** *Tempo Social; Rev. Sociol. USP,* São Paulo, 11 (1), 157- 175. Maio de 1999.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo, Editora Ática, 1989.

MIDDELTON-MOZ, Jane & ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying. Estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

NÓBREGA JUNIOR, J. Maria. **Homicídios no Brasil, no Nordeste e em Pernambuco: dinâmicas, relações sociais e desmistificação da violência homicida**. EDUEFCG, 2012.

NOGUEIRA, R.A **prática da violência entre pares: O bullying nas escolas**, 2005.

PEREIRA, A.B. **“A maior zoeira”**: experiências juvenis na periferia de São Paulo. São Paulo, 2010. (Tese de Doutorado – USP).

ROLIM, M. **Bullying. O pesadelo da escola. Um estudo de caso e notas sobre o que fazer**. Porto Alegre, 2008. (Dissertação: Sociologia UFRGS).

RUOTTI, C. **Os sentidos da violência escolar: Uma perspectiva dos sujeitos**. São Paulo: 2006 (Dissertação: Sociologia- USP).

SANTOS, José Vicente Tavares. **A violência na escola, uma questão social global**. In: *Violência, sociedad y justicia em America Latina* (2009) pp. 119-133.

SEIXAS, S.R. **Violência escolar: Metodologia de identificação dos alunos agressores e/ou vítimas**. *Análise Psicológica* 2 (XXIII): 97-110, 2005.

SILVA, Vanderlan F. **Conflitos e violências no universo penitenciário brasileiro**. 1ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

_____. **Brincando com “armas” de gente grande: Um estudo do bullying na rede pública de ensino**. Projeto de pesquisa, 2011.

SPOSITO, M. P. **Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo vol. 27, nº 1, Jan/Jun. 2001, p. 87-10. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151797022001000100007&lng=pt&nrm=is o.

_____. **A instituição escolar e a violência**. *Caderno de Pesquisa: Revista de Estudos e Pesquisa em Educação*, São Paulo, n.104, 2001.

VELHO, Gilberto. **Violência e conflito nas grandes cidades contemporâneas**. Congresso de Ciências Sociais, 2004.

WASELFISZ, Jacob. (org.) **Juventude, violência e cidadania: Os jovens de Brasília**. Brasília-DF: UNESCO, 1998.

_____. **Mapa da violência III. Brasília**: UNESCO, Instituto Ayrton Senna, Ministério da Justiça/ SEDH, 2002.

ZALUAR, Alba e LEAL, M. C. **Violência extra e intramuros**. Revista brasileira de C. sociais Vol. 16, nº 45, fev./ 2011. p. 124- 164.

ZIZEK, Slavoj. **Violência: seis reflexões laterais**; Tradução Miguel Serras Pereira. 1ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2014.

WIEVIORKA, Michel. **Violência hoje**. Ciência e Saúde Coletiva, 11(sup.): 2007 p. 1147-1153.